Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Comunicação Social

Juan José Pereyra Silvera

Loco Abreu: a heroica autoconstrução de uma idolatria vestida de celeste

Rio de Janeiro
2017

Juan José Pereyra Silvera

Loco Abreu: a heroica autoconstrução de uma idolatria vestida de celeste

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo George Helal

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S587 Silvera, Juan José Pereyra.
Loco Abreu: a heroica autoconstrução de uma idolatria vestida de celeste / Juan José Pereyra Silvera. – 2017.
112 f.

Orientador: Ronaldo George Helal.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.

1. Comunicação Social – Teses. 2. Futebol – Teses. 3. Ídolo – Teses. 4. Herói. – Teses. I. Helal, Ronaldo George. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.

es CDU 316.77

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Juan José Pereyra Silvera

Loco Abreu: a heroica autoconstrução de uma idolatria vestida de celeste

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação Social.

Aprovado em 23 de fevereiro de 2017.

Banca examinadora:

_____

Prof. Dr. Ronaldo George Helal (Orientador)

Faculdade de Comunicação Social – UERJ

_____

Profa. Dra. Leda Maria da Costa

Faculdade de Comunicação Social – UERJ

_____

Prof. Dr. Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do Cabo

Universidade Cândido Mendes - UCAM

Rio de Janeiro

2017

DEDICATÓRIA

À Aurea, minha esposa e companheira de todas as horas, sem a qual este projeto teria sido inviável; à minha mãe Sara, a quem dedico este trabalho em agradecimento por ter me tornado o que sou e, a meus filhos Fedra, Maximiliano, Isabella e Manuella, (por ordem de chegada e não por importância) como demonstração de que nunca é tarde para um recomeço.

RESUMO

SILVERA, Juan José Pereyra. *Loco Abreu:* a heroica autoconstrução de uma idolatria vestida de celeste. 2017. 112 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, 2017.

Em 13 de novembro de 2015, a torcida organizada "Loucos pelo Botafogo" reinaugurou o "Muro dos Ídolos" do Botafogo de Futebol e Regatas, painel pintado no muro em frente à sede do clube na Rua General Severiano, no bairro Botafogo, no Rio de Janeiro. Neste painel estão retratados ídolos do clube, desde Mimi Sodré, da primeira década do século XX, passando por Didi, Garrincha e Nilton Santos, até o atual goleiro Jefferson, ao todo 33 ídolos estão imortalizados nesta homenagem. O convidado de honra deste evento foi o jogador uruguaio Washington Sebastian Abreu Gallo, mais conhecido como "Loco Abreu", que defendeu as cores do clube, entre janeiro de 2010 e março de 2012, período do recorte temporal deste trabalho. Durante sua passagem como atleta do clube e no evento, encontramos inúmeros torcedores do clube vestindo a camisa Celeste Olímpica da seleção uruguaia ou envoltos na bandeira uruguaia. A pesquisa busca compreender os fatores motivacionais, que levaram os dirigentes e a torcida de um clube de futebol brasileiro a idolatrar, de forma singular e improvável, um jogador de futebol profissional - politicamente incorreto segundo a imprensa esportiva carioca - cuja nacionalidade (uruguaio) é pertencente aos autores da maior derrota simbólica e esportiva sofrida pelo Brasil. Esta idolatria atinge proporções inesperadas, atropelando identidades, na mistura profana de ícones quase que sagrados: eles vestem a mística camisa, na qual insertaram o escudo com a estrela solitária do clube Botafogo de Futebol e Regatas alguns, envoltos também com o símbolo máximo dessa representação: a Bandeira Uruguaia. Para além da teoria e das narrativas da mídia impressa e televisionada, o conhecimento empírico será de vital apoio na composição deste trabalho. Para tal, entrevistei: jornalistas brasileiros e estrangeiros, ex-técnicos e companheiros de times, líderes das diferentes torcidas organizadas e o próprio Sebastian Abreu.

Palavras-chave: Herói. Ídolo. Identidade. Idolatria. Comunicação.

ABSTRACT

SILVERA, Juan José Pereyra. *Loco Abreu:* the heroic self-construction of an idolatry dressed of "celeste". 2017. 112 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, 2017.

On November 13, 2015, the fans organized “Loucos por Botafogo” reinaugurated the "Wall of Idols" Botafogo Futebol e Regatas, panel painted on the wall in front of the club's headquarters on Rúa General Severiano, in the Botafogo neighborhood in Rio de Janeiro. In this panel are depicted idols of the club, from Mimi Sodré, from the first decade of the twentieth century, through Didi, Garrincha and Nilton Santos, to the current goalkeeper Jefferson, in all 33 idols are immortalized in this tribute. The guest of honor of this event was Uruguayan player Washington Sebastian Abreu Gallo, better known as “Loco Abreu”, who defended the colors of the club between January 2010 and March 2012, period of time cut of this work. During his time as a club athlete and at the event, we found countless fans of the club wearing the Celeste Olimpica jersey of the Uruguayan team or wrapped in the Uruguayan flag. The research seeks to understand the motivational factors that led the leaders and fans of a Brazilian football club to idolize, in a singular and improbable way, a professional football player - politically incorrect according to the sports press in Rio - whose nationality (Uruguayan) belongs t333333

o the authors of the biggest symbolic and sportive defeat suffered by Brazil. This idolatry reaches unexpected proportions, trampling identities, in the profane mixture of almost sacred icons: they wear the mystical shirt, in which they inserted the shield with the solitary star of the Botafogo de Futebol e Regatas, also wrapped with the maximum symbol of that representation: The Uruguayan Flag. In addition to the theory and narratives of the printed and televised media, empirical knowledge will be of vital support in the composition of this work. For that, I interviewed: Brazilian and foreign journalists, former coaches and teammates, leaders of the different organized fans and Sebastian Abreu himself.

Keywords: Hero. Idol. Identity. Idolatry. Communication.

RESUMEN

SILVERA, Juan José Pereyra. *Loco Abreu: la heroica autoconstrucción de una idolatria vestida de celeste*. 2017. 112 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, 2017.

El 13 de noviembre de 2015, la barra brava “Loucos pelo Botafogo” re-inauguró el "Muro de los Ídolos" del club Botafogo de Futebol e Regatas, painel pintado en un muro enfrente a la sede del club en la calle General Severiano, en el barrio de Botafogo, en Río de Janeiro. En este mural se representan ídolos del club, desde Mimi Sodré, de la primera década del siglo XX, pasando por Didi, Garrincha y Nilton Santos, hasta la actualidad, con el golero Jefferson, en total 33 ídolos inmortalizados en este homenaje. El invitado de honor de este evento fue el jugador uruguayo Washington Sebastián Abreu Gallo, mejor conocido como “Loco Abreu”, que defendió los colores del club, entre enero de 2010 y marzo de 2012 (período de tiempo de este trabajo). Durante su etapa como deportista del club y en el evento, encontramos muchos aficionados del club con la camiseta Celeste de la selección uruguaya y otros envueltos en la bandera uruguaya. La investigación busca entender los factores de motivación que llevaron a los líderes y seguidores de un club de fútbol brasileño idolatrar de una manera sorprendente, un jugador de fútbol profesional - políticamente incorrecto según la prensa deportiva de Río - cuya nacionalidad (Uruguay) pertenece a los autores de la derrota más simbólica y deportiva sufrida por Brasil. Esta idolatría alcanzó proporciones inesperadas, pisoteando las identidades en una mezcla profana de iconos casi sagrados: la camiseta mística Celeste, en la que insertaron el escudo de la estrella solitaria del Botafogo de Futebol e Regatas, algunos también envueltos con el mayor símbolo de esta representación: la bandera uruguaya. Además de la teoría y de las narrativas de los medios de comunicación impresos y televisivos, el conocimiento empírico es de apoyo vital en la composición de esta obra. Con este fin, entrevisté: periodistas brasileños y extranjeros, antiguos entrenadores y compañeros de equipo, y el actor principal, Sebastián Abreu.

Palabras-clave: Héroe. Ídolo. Identidad. Idolatría. Comunicación.

El Loco Abreu es uno de esos personajes bonitos, que si el futbol o la vida no lo hubieran proporcionado, lo tendríamos que inventar. Uno de los pocos ídolos que son respetados por todas las hinchadas, que se entrega totalmente al deporte y reconoce el verdadero lugar del publico en esta relación.

Sebastián Eguren

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Camisa em homenagem ao Loco Abreu 15
Figura 2 - Torcedor envolto na bandeira uruguaia 15
Figura 3 - Bandeira uruguaia como pano de fundo 15
Figura 4 - Hugo de Leon comemorando o *Mundialito* 35
Figura 5 - Capa jornal *El Observador* 41
Figura 6 - Capa jornal *Al Toque* 42
Figura 7 - Gráfico do *Ranking* das Torcidas do Rio de Janeiro 50
Figura 8 - Botafogo Campeão 1968 58
Figura 9 - Botafogo Campeão 1995 59
Figura 10 - Súmula da partida final do Campeonato Estadual de 2007 61
Figura 11 - Súmula da partida final do Campeonato Estadual de 2008 62
Figura 12 - Súmula da partida final do Campeonato Estadual de 2009 64
Figura 13 - Loco Abreu chega ao aeroporto 70
Figura 14 - Zagallo entrega camisa 13 ao Loco Abreu 72
Figura 15 - Loco Abreu com o chimarrão no treino 72
Figura 16 - Estreia do 4º uniforme do Botafogo 74
Figura 17 - Inauguração da estátua de Garrincha 75
Figura 18 - Batida do pênalti (cavadinha) 85
Figura 19 - Churrasqueira do museu do Loco Abreu 87
Figura 20 - Comemoração da Copa América 2011 87
Figura 21 - Provocação à torcida do Flamengo, mostrando escudo do Botafogo 88
Figura 22 - Comemoração do título com o *Santa Tecla* de El Salvador 89
Figura 23 - Capas do Jornal O Globo da final dos campeonatos estaduais de 2007 a 2010 91
Figura 24 - Recebendo título Cidadão do Município do Rio de Janeiro 97
Figura 25 - Recebendo título Cidadão do Estado do Rio de Janeiro 98
Figura 26 - Muro dos Ídolos 101
Figura 27 - Assinando o Muro dos Ídolos 102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Jogos Campeonato Sudamericano / Copa América 20
Tabela 2 – Jogos Amistosos 21
Tabela 3 – Jogos Copa do Mundo / Copa de Ouro dos Campeões Mundiais – *Mundialito*.....21

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

1 **RIVALIDADES, IDENTIDADES, ÍDOLOS E HERÓIS NO FUTEBOL** 19

1.1 **Breve histórico da rivalidade Brasil – Uruguai** 19

1.2 **O papel da imprensa na rivalidade, acionamento da memória** 23

1.3 **Manifestações de uma idolatria, o estranhamento** 26

1.4 **Ídolos e Heróis no futebol brasileiro** 28

1.5 **Rivalidade e identidades** 31

1.6 **Loco Abreu, dados biográficos** 36

1.7 **Trajetória completa** 42

2 **O CLUBE: UMA COMUNIDADE SINGULAR** 47

2.1 **Autoimagem e o mito de origem** 50

2.2 **O Botafogo de Futebol e Regatas** 52

2.2.1 Breve Histórico esportivo 57

2.3 **A década da contratação do Loco Abreu, contexto esportivo** 59

2.3.1 Campeonato Estadual 2007 60

2.3.2 Campeonato Estadual 2008 62

2.3.2 Campeonato Estadual 2009 63

3 **A CONTRATAÇÃO DO LOCO ABREU** 66

3.1 **Taça Guanabara 2010** 73

3.2 **Taça Rio 2010** 78

3.3 **Rastros de uma idolatria correspondida** 86

3.4 **A relação com a imprensa esportiva carioca** 90

3.5 **As honrarias fora do campo de jogo** 96

3.5.1 Uh, é carioca! 96

3.5.2 Uh, é Fluminense! (cidadão) 98

3.5.3 O Muro dos Ídolos de General Severiano 100

CONSIDERAÇÕES FINAIS. 103

REFERÊNCIAS 107

INTRODUÇÃO

Cheguei ao Rio de Janeiro a trabalho, no início da década de 1980: minha mãe morava no Brasil há quatro anos e, em razão de sua atuação profissional, teve de fixar residência em Petrópolis, pequena cidade serrana localizada aproximadamente a 65 quilômetros do Rio de Janeiro, onde eu também me estabeleci inicialmente. Nos finais de semana nos dedicávamos a conhecer os pontos turísticos mais famosos do Rio de Janeiro: Copacabana, Cristo Redentor, Pão de Açúcar etc., mas... faltava um ponto muito especial que não era prioridade das mulheres da família.

Num domingo de junho de 1980, precisamente no dia 1º, quando já tinha feito alguns amigos brasileiros veio o convite que iria me deixar arrepiado de emoção pela primeira vez no Brasil. A segunda vez seria no dia em que desfilei na Escola de Samba Mangueira no ano da inauguração do Sambódromo e a terceira no dia da inauguração do Muro dos ídolos do Botafogo, quando vi torcedores brasileiros vestindo minha "celeste olímpica" querida, como é chamada a camisa da seleção uruguaia de futebol, gritar o nome do Loco e o nome do meu saudoso país.

Quer vir ao Maracanã?, prontamente confirmei que sim e lá fui eu rumo ao Maracanã, conhecê-lo e assistir à final do Campeonato Brasileiro de 1980 entre o Clube de Regatas do Flamengo, do Rio de Janeiro e o Clube Atlético Mineiro, de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Nunca esquecerei o que eu senti assim que visualizei o campo e as arquibancadas lotadas, as bandeiras e a "Charanga"[1]. Jamais tinha pisado num palco tão grandioso e nunca estivera na minha vida num evento que reunisse tantos espectadores.

O número de espectadores, 154.355 pagantes[2], era algo inimaginável em Montevidéu onde nasci, ou em Buenos Aires onde tinha estudado e residido nos últimos cinco anos.

Jogo eletrizante e tenso; cinco gols. Com o apito final, vieram o título de Campeão Brasileiro para o Flamengo e o mais novo torcedor do clube: eu! ... torcedor do clube, do bom futebol que presenciei, do Zico, Adílio, Júnior, Nunes e companhia e da festa que a torcida

[1] O ilustre rubro-negro Ary Barroso, em 1942, chamou pejorativamente a bandinha que acompanhava os jogos do Flamengo de Charanga, no dicionário, é sinônimo de conjunto musical desafinado e barulhento ou pequena banda de música, composta principalmente de instrumentos de sopro. Em vez de ofender-se, o fundador Jaime de Carvalho resolveu adotar o nome, nascendo, assim, a primeira torcida organizada do Brasil, tocando as músicas sem parar, a Charanga mudou para sempre o ambiente dos jogos de futebol no país, apoiando o Flamengo onde ele estivesse e acompanhando também os jogos da seleção canarinho. http://www.aulete.com.br/Charanga Acesso em 9 abr. 2017.

[2] *O Globo*, Caderno de Esportes, 02/06/1980, p. 2.

promovia no estádio.

Nunca tinha assistido a algo tão imponente. Jurei que seria Flamengo pelo resto da minha vida. Esse palco, o Maracanã, era muito especial para mim (e para todos os uruguaios): 30 anos antes, em 1950, nele, a seleção do meu país, Uruguai, tinha-se sagrado pela segunda vez Campeã do Mundo enfrentando a seleção brasileira na final da Copa do Mundo organizada pela *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA). O primeiro título uruguaio tinha sido ganho perante a Argentina, na primeira edição da Copa do Mundo FIFA, em Montevidéu, Uruguai, em 1930.

Eu conhecia muito sobre a simbologia desta partida, cresci ouvindo os relatos do meu avô (que não conheceu o Maracanã) e do meu pai sobre essa final. O que ela representava para o Uruguai e também para o Brasil, e o seu contexto esportivo.

Eduardo Galeano (1995), no seu livro *El fútbol a sol y sombra*, contextualiza aquele momento e descreve poeticamente o que aconteceu nesse palco tão especial para mim, para o futebol, enfim, para o mundo esportivo:

> Marilyn Monroe asomaba en Hollywood. Una película de Buñuel, Los olvidados, se imponía en Cannes. El automóvil de Fangio triunfaba en Francia. Bertrand Russell ganaba el Nobel. Neruda publicaba su Canto general ya parecían las primeras ediciones de La vida breve, de Onetti, y de El laberinto de la soledad, de Octavio Paz [...] Brasil y Uruguay disputaron la final en Maracaná. El dueño de casa estrenaba el estadio más grande del mundo. Brasil era una fija, la final era una fiesta [...] después del pitazo final, los comentaristas brasileños definieron la derrota como la peor tragedia de la historia de Brasil. Uruguay se había impuesto limpiamente: la selección uruguaya cometió 11 faltas y los brasileños 21.[3]

"Final decepcionante da Copa do Mundo, Brasil Não soube vencer", estampava a capa do jornal A Noite de 17 de julho de 1950.

O jornal *O Globo* do mesmo dia comenta o desmaio de torcedores diante do *placar* da partida e o comportamento exemplar da torcida durante o jogo:

"O trágico 2x1, que entregou a Taça do Mundo ao *screcht* uruguaio repercutiu como um dobre de finados[4] na alma esportiva do Brasil" [...] "Quando o povo subiu as rampas do Maracanã as centenas de milhares, fê-lo acionado pela certeza de que a 'sinfônica' executaria

[3] O trecho correspondente na tradução é: Marilyn Monroe despontava em Hollywood. Um filme de Buñuel, Los Olvidados, se impunha em Cannes. O carro de Fángio triunfava na França. Bertrand Russell ganhava o Prêmio Nobel. Neruda publicava seu Canto Geral, já apareciam as primeiras edições de La Vida Brece, de Onetti, y de El Laberinto de la Soledad, de Octavio Paz.... Brasil e Uruguai disputaram a final no Maracanã. O dono da casa estreava o maior estádio do mundo. Brasil era uma barbada, a final era uma festa [...] após o apito final, os comentaristas brasileiros definiram a derrota como a pior tragédia da história do Brasil. Uruguai tinha se imposto com lealdade: a seleção uruguaia cometeu onze faltas e a brasileira 21.

[4] Tocar de sino: que anuncia a agonia ou a morte de uma pessoa.

nova consagração, isso porque a sequência de vitórias, a mobilidade, técnica, precisão e improviso do quadro brasileiro autorizava prognóstico optimista".[5]

Pelo menos uma morte ocorreu[6] em consequência da derrota, mais de 169 pessoas tinham sido atendidas no posto médico de emergência e quase 200.000 choraram.[7]

Tudo isso por uma partida de futebol?

Não era somente uma partida de futebol, pelo menos para o Brasil, não era. Perdigão relembra as palavras de DaMatta: "primeiro, porque implicou uma coletividade e trouxe uma visão solidária de perda de uma oportunidade histórica. Segundo, porque ela ocorreu no início de uma década na qual o Brasil buscava marcar o seu lugar como nação que tinha um grande destino a cumprir (PERDIGÃO, 1986, p. 39)

O povo tinha se preparado para o triunfo; na véspera, a imprensa anunciara o Brasil campeão. O prefeito da cidade recebeu um dia antes os jornalistas estrangeiros no Palácio Guanabara e discursou pedindo preventivamente que suas palavras não fossem interpretadas como menosprezo, mas prognosticou a vitória brasileira e anunciou que Ademir hastearia o Pavilhão Nacional após o término da grande peleja[8].

Momentos antes do início do jogo, num efusivo discurso no Maracanã , o prefeito, Ângelo Mendes de Morais, saudou os campeões:

> Vós brasileiros, a quem eu considero os vencedores do campeonato mundial; vós brasileiros que a menos de poucas horas sereis aclamados campeões por milhares de compatriotas; vós que não possuís rivais em todo o hemisfério; vós que superais qualquer outro competidor; vós que eu já saúdo como vencedores [9]

Algumas narrativas dão conta de que no dia 17 de julho de 1950, um dia após a final, os maiores jornais das capitais não circularam: não teriam tempo hábil para trocar as primeiras páginas que antecipadamente proclamavam o Brasil Campeão do Mundo; a exceção teria sido o Jornal dos Sports que não circulava as segundas-feiras.

O Brasil não detinha até o momento nenhum título em nível mundial nem vitória

---

[5] Disponível em: <http://memória.bn.br/DocReader/Skin/BN/LINKPressedOver.png>. Acesso em 26 mar. 2016.

[6] Disponível em: <http://memória.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=221961_03&PagFis=3643&Pesq>. Acesso em: 26 mar. 2016.

[7] *O Globo*, Edição matutina do dia 17/06/1950, p 1.

[8] Disponível em: <http://memória.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=221961_03&PagFis=3643&Pesq>. Acesso em: 29 jan. 2017.

[9] Disponível em: <http://www.especiais.muco.com.br/2014/copa/a_copa_de_1950.php>. Acesso em 21 mar. 2016.

relevante sobre Uruguai, somente tinha alcançado no mesmo período, três Copas América (1919, 1922 e 1949), portanto Uruguai era supremacia no futebol na América Latina.

Esta derrota ficaria conhecida como "Maracanazo"[10] e teve para os brasileiros uma importância infinitamente maior do que o peso da correspondente vitória para os uruguaios:

> Perder para o Uruguai não foi uma simples contingência do jogo, como existem tantas. Aquele dois-a-um foi um vexame. Existem derrotas das quais a gente pode se orgulhar. Esta não. Tinha sido vergonhosa, amarga, sem glória – uma humilhante e atroz derrota. A derrota de todas as derrotas. (DAMATTA, 1982, p. 92-93)

Segundo Perdigão, a derrota provocou uma comoção nacional poucas vezes verificada na vida contemporânea do país, comparável à do suicídio de Getúlio Vargas e à agonia de Tancredo Neves iniciada no dia de sua posse e, considerada à época como uma tragédia, um drama na sociedade brasileira[11]:

> O futebol é a maior paixão popular do planeta e, no caso brasileiro, assume dimensão ímpar, por ser uma das raízes centrais de nossa identidade, indispensável para uma compreensão globalizante de Brasil. O futebol é um esporte repleto de significados, de simbologias, de valores para a existência humana, em geral, e, de forma singular, para os modos históricos de sua manifestação no interior da sociedade e da cultura brasileiras (PERDIGÃO, 1986, p. 63).

Segundo Vogel (1982 apud DAMATTA et al, 1982, p. 113): "esse sentimento geral de extrema humilhação, de perda da honra e 'morte social' coexiste com a impressão de que a derrota, ocorrida em casa, nos nossos próprios domínios, seria uma forma mais definitiva de perder".

Este breve relato introdutório só se fez necessário para justificar meu estranhamento com o fato de alguns torcedores brasileiros do Clube Botafogo de Futebol e Regatas vestirem a camisa da seleção uruguaia com o escudo de um clube brasileiro (Figura 1), ou com simpatizantes que, por momentos, deixam de lado sua identidade nacional e desfilam com a bandeira uruguaia nos ombros (Figura 2) ou a utilizam como pano de fundo nos seus encontros (Figura 3), em homenagem ao jogador uruguaio Washington Sebastian Abreu Gallo, ídolo do Botafogo de Futebol e Regatas do Rio de Janeiro.

A camisa de todo e qualquer time configura uma marca identitária, torcer para o time

---

[10] *Maracanazo*: Termo muito utilizado pela imprensa brasileira e uruguaia para se referir ao triunfo sobre o Brasil na final da Copa de 1950 até os dias atuais.

[11] Para uma análise mais detalhada desta derrota como um drama da sociedade brasileira ver Perdigão (1986). Maracanazo foi a maior derrota sofrida pelo Brasil até 2014. Simbolicamente continua a ser a maior derrota, sofrida pela seleção brasileira.

implica a inserção numa rede de signos de pertencimento, reafirmando essa identidade que, explicitamente, marca a fronteira com o "outro".

Figura 1 - Camisa em homenagem ao Loco Abreu

Divulgação BFR

Figura 2 - Torcedor envolto na bandeira uruguaia

Fonte: O Autor (13/11/2015)

Figura 3 - Bandeira uruguaia como pano de fundo

Fonte: O Autor (13/11/2015)

O estranhamento que causou a contradição de ver os torcedores do Botafogo do Rio de Janeiro vestirem a camisa da seleção uruguaia de futebol, considerado pelo senso comum, pela imprensa e torcedores brasileiros como violento e catimbeiro[12], em homenagem a um atleta pertencente a esse futebol que aplicou a maior derrota esportiva e simbólica do século XX à seleção brasileira é o motivo maior da realização deste trabalho.

Não existe na história do futebol brasileiro veneração da mesma magnitude para com um jogador profissional. Mesmo no Botafogo, um dos clubes carioca que mais cultua seus ídolos e ter contado com estrangeiros nos seus times desde a sua fundação.

De 1904 até a atualidade passaram 62 jogadores estrangeiros pelos times do Botafogo, dos quais 24 de nacionalidade argentina e 22 de nacionalidade uruguaia[13].

O fato de o Brasil se autodenominar o "país do futebol" como afirma (DAMATTA, 1979), e considerar a seleção brasileira como a "pátria de chuteiras", epíteto que conjuga pátria e seleção, alcunhado pelo dramaturgo Nelson Rodrigues, para exprimir o papel da seleção brasileira nos anos 1950 e 1960, e que expressava com muita propriedade a relação entre identidade nacional e seleção, aumentava no meu entender a improbabilidade desta idolatria.

Sendo a nacionalidade uma identidade primária, podemos afirmar que a identidade clubista seria secundária. Portanto a camisa de futebol de uma seleção nacional, no sentido de nação, seria o emblema maior de nossa identidade futebolística primeira. No caso específico do Brasil o futebol extrapola o sentido de esporte (praticado ou observado) "o futebol no Brasil é um legado sociocultural, e por isso carrega as características e contradições da sociedade brasileira (MORATO, 2005, p.100).

As razões que procuro entender neste trabalho passam indubitavelmente por várias áreas do conhecimento das ciências sociais e atendem a diversos motores e interesses. São produto de processos sociais, políticos, econômicos e midiáticos que, em última instância, se retroalimentam.

Trabalharei no recorte teórico somente à luz das perspectivas de: idolatria (HELAL, 2003); memória (LE GOFF, 1990) e (POLLAK, 1989); identidade (HALL, 2011), história oral (Alberti, 2010), globalização (GIULIANOTTI, 2002) e (RIBEIRO, 2007), com foco na Comunicação.

---

[12] Catimba: procedimento utilizado em certas competições esportivas, especialmente no futebol, e que consiste em prejudicar o desempenho do adversário por meio de recursos astuciosos e, às vezes, antiesportivos.

[13] A partir do ano 2000, 10 jogadores uruguaios vestiram a camisa do Botafogo de Futebol e Regatas: Claudio Millar (2001-atacante), Jorge Artigas (2006 - meia), Juan Castillo (2008/09 - goleiro), Arévalo Rios (2011-volante), Loco Abreu (2010/12-centroavante), Nicolas Lodeiro (2012/14 - meia), Mário Risso (2014-zagueiro), Álvaro Navarro (2015- centroavante), Gonzalo Bazallo (2015 - volante) e Salgueiro (2016 - atacante).

As narrativas jornalísticas dos jornais impressos e eletrônicos de *O Globo* e *Lance*, este último especializado em esportes, e a história oral do protagonista, obtida através de entrevista exclusiva, serão minhas fontes primárias de pesquisa.

Ciente das mazelas, parcialidade e interpretações particulares do real contidas no jornalismo e na memória oral ou viva de atores e testemunhas, tentarei com o apoio teórico uma aproximação plausível, "não é possível ignorar que um determinado discurso ocorre em função de um contexto e que algumas condições do contexto influenciam na construção do discurso" (FONSECA JUNIOR, 2008, p.287).

É no confronto comparativo entre a interação de conceitos teóricos, das narrativas jornalísticas, e da história oral do protagonista objeto deste trabalho, que o autor busca as respostas à pesquisa para construir esta dissertação, que será defendida perante a banca examinadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom-Uerj).

O recorte temporal deste trabalho está compreendido dentro do período que o atleta protagonista deste estudo de caso permaneceu no futebol do Rio de Janeiro, entre janeiro de 2010 e março de 2012, com especial ênfase em momentos chaves e seus contextos como: sua contratação, a final do Campeonato Estadual de 2010, onde é alçado à categoria de herói e sua saída inesperada do clube. Pontualmente, visitarei sua relação com a imprensa e sua passagem pelo Figueirense, e algumas narrativas da imprensa que venham a corroborar e documentar declarações de atores que conviveram com o Loco Abreu, em entrevistas realizadas exclusivamente para este trabalho no Brasil, no Uruguai e na Argentina.

As hipóteses exploratórias para a resposta pretendida neste trabalho me sugerem inicialmente investigar como objetivo geral os seguintes tópicos:

1) o futebol e seus antecedentes, já que têm sido objeto de apropriações ideológicas diversas, no escopo de compor uma "identidade brasileira", na qual desempenha importante papel como princípio aglutinador do "povo brasileiro" na sua constituição como nação (GASTALDO, 2001, p. 125) e na formação das diversas identidades no futebol;

2) a construção dos ídolos e heróis brasileiros no esporte, segundo Helal, o padrão predominante na construção da idolatria nas narrativas, por assim dizer, "oficiais" – nas quais a mídia é o instrumento legitimador – no Brasil, tem frequentemente um ideal "esencializado" de seres "moleques" e "irreverentes" (HELAL, 1999, p. 42). Todas estas características, comuns aos ídolos brasileiros não são encontradas na biografia nem na personalidade do Loco Abreu;

3) a rivalidade como construção midiática: os jornais têm sido um dos mais relevantes

veículos de manutenção e "construção" da memória. Rememorar qualquer evento que ligue o presente ao passado tornou-se um dos motes do fazer jornalismo. No caso do futebol, as narrativas jornalísticas apresentam sua memória resgatando fatos, imagens, ídolos, êxitos e fracassos anteriores, no sentido de construir uma tradição, como um elo entre as gerações dos aficionados pelo esporte (SOARES; HELAL; SANTORO, 2004, P.63);

4) a globalização e espetacularização do futebol como elemento pulverizador de identidades e resignificador de representações.

No primeiro capítulo analisarei o histórico dos confrontos entre Brasil e Uruguai. O surgimento e crescimento da rivalidade, o papel desempenhado por parte do jornalismo esportivo brasileiro na ruptura, manutenção e acionamento da memória desta rivalidade.

Como objetivos específicos pesquisaremos: o histórico do clube Botafogo de Futebol e Regatas, suas peculiaridades e mitos de origem, entre eles a superstição. O histórico de Washington Sebastian Abreu Gallo – doravante denominado simplesmente Loco Abreu, onde também encontramos a superstição como um traço dominante; visitaremos o contexto em que se realiza a contratação do atleta e o processo na conversão em herói e ídolo do Clube.

A globalização e espetacularização do esporte em geral e o futebol em particular serão abordados no intuito de entender se este processo impacta as representações e altera os sentidos de pertencimento entre torcedores de clubes e a seleção nacional.

Estes processos e o contexto histórico dos atores, no qual esta idolatria se realiza, ajudaram a entender se a mesma foi uma consequência natural direta do desempenho em campo e do êxito alcançado, ou foi uma bem sucedida ação de marketing empresarial promovida por um clube em baixa em função da contratação de um atleta que domina estas estratégias, para além de ser um ídolo natural.

A entrevista exclusiva com Loco Abreu foi realizada pelo autor na residência do atleta em Montevidéu Uruguai, em 26 de março de 2016 constando do arquivo do autor.

1 RIVALIDADES, IDENTIDADES, ÍDOLOS E HERÓIS NO FUTEBOL

Neste primeiro capítulo pretendo conceituar e contextualizar o ponto central que motivou a minha dissertação. Meu estranhamento com o teor das manifestações que atravessam rivalidades históricas, atropelam e misturam identidades nacionais, surgidas em função da idolatria ao jogador de futebol uruguaio Washington Sebastian Abreu Gallo pela torcida do Botafogo de Futebol e Regatas.

1.1 Breve histórico da rivalidade Brasil – Uruguai

Os conceitos de rivalidade e alteridade diferem em essência, mas, em diferentes oportunidades são facilmente confundidos, principalmente quando situações são expostas através do jornalismo esportivo.

A rivalidade, segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, trata de uma oposição, por vezes lúdica e geralmente sem grandes consequências, entre dois ou mais indivíduos, grupos ou instituições que perseguem o mesmo objetivo e em que cada lado visa suplantar o outro.

O segundo conceito, a alteridade, também segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa é definido como uma situação, estado ou qualidade que se constitui através de relações de contraste, distinção e diferença e não inclui necessariamente um confronto direto, uma oposição.

Estes conceitos colaboram para o desenvolvimento do esporte, elevando o nível da competição e alimentando o poder de superação.

Procuro entender neste capítulo, se o meu estranhamento com o fato de torcedores do Botafogo de Futebol e Regatas - brasileiros em primeira instância - vestirem a camisa do Uruguai e torcerem pelo mesmo numa Copa do Mundo somente para homenagear um ídolo uruguaio que transitoriamente pertence ao seu clube faz sentido.

A camisa em questão, a celeste olímpica, vestida pela torcida do Botafogo pertence a uma identidade nacional que historicamente e por razões de resultados futebolísticos ponderados em confrontos diretos, deveria ser um rival a ser considerado.

Uruguai venceu como visitante a partida com maior valor simbólico que os dois times

realizaram, conhecida até hoje como o *Maracanazo*.

Justifico o ponderado da frase anterior referindo-me não à quantidade de vitórias ou derrotas e sim ao significado e relevância de cada uma delas. Analisando o histórico a partir da primeira partida disputada entre Brasil e Uruguai, encontramos fatos e elementos sólidos que justificam este sentimento de rivalidade que, em tese, inibiria que os membros de uma nação vestissem a camisa de outra como forma de prestar homenagem a um atleta.

Uma primeira análise sobre o fato gera variadas hipóteses e indagações. Será que o Uruguai não é considerado um rival? O *Maracanazo* perdeu significado?

Para tal, pesquisei o histórico dos confrontos entre as duas seleções desde o primeiro encontro até a Copa do Mundo de 1950, marco desta rivalidade.

O primeiro confronto entre ambas seleções aconteceu em 1916 por motivo da disputa da primeira edição do *Campeonato Sudamericano*, atual Copa América, criado pela AUF - Asociación Argentina de Football -, como parte dos festejos da independência da República Argentina, a ser comemorada em 9 de julho. Participaram desta primeira edição as seleções de Argentina, Brasil, Chile e Uruguai, tornando-se a competição entre seleções nacionais mais antiga do mundo.

As duas partidas foram disputadas nos dias 10 e 12 de julho de 1916, no estádio Gimnasia y Esgrima de Buenos Aires. A primeira partida terminou empatada em um tanto, e a segunda foi vencida por Uruguai pelo placar de dois a um, sagrando-se Campeão da competição.

Tabela 1 - Jogos Campeonato Sudamericano / Copa América [14]

Data	Cidade - País da Competição	Vencedor	Resultado
10/07/1916	Buenos Aires – Argentina	Empate	1 - 1
12/07/1916	Buenos Aires – Argentina	Uruguai	2 - 1
07/10/1917	Montevidéu – Uruguai	Uruguai	4 - 0
26/05/1919	Rio de Janeiro – Brasil	Empate	2 - 2
29/05/1919	Rio de Janeiro – Brasil	Brasil	1 - 0
18/09/1920	Valparaiso – Chile	Uruguai	6 - 0
23/10/1921	Buenos Aires – Argentina	Uruguai	2 - 1
01/10/1922	Rio de Janeiro – Brasil	Empate	0 - 0
25/11/1923	Montevidéu – Uruguai	Uruguai	2 - 1
19/01/1937	Buenos Aires – Argentina	Brasil	3 - 2
24/01/1942	Montevidéu – Uruguai	Uruguai	1 - 0
07/02/1945	Santiago – Chile	Brasil	3 - 0
23/01/1946	Buenos Aires – Argentina	Brasil	4 - 3
30/04/1949	Rio de Janeiro – Brasil	Brasil	5 - 1

[14] Disponível em: <http://www.auf.org.uy/Portal/NEWS/9328/>. Acesso em 09 abr. 2017.

Entre a primeira partida em 1916 e a final da Copa do Mundo em 1950, Brasil e Uruguai se enfrentaram em 13 jogos pela *Copa Sudamericana*, atual Copa América. Uruguai venceu seis jogos, Brasil venceu cinco e em duas partidas terminaram empatados.

Uruguai sagrou-se campeão da competição em oito oportunidades, nos seguintes anos: 1916, 1917, 1920, 1923, 1924, 1926, 1935 e 1942. É hoje o maior ganhador da competição com 15 títulos e seis vice-campeonatos. Brasil obteve três campeonatos: 1919, 1922 e 1949 e quatro vice-campeonatos: 1916, 1917, 1920 e 1942.

Durante o mesmo período foram realizados 15 jogos amistosos dos quais sete foram vencidos por Brasil; quatro jogos vencidos por Uruguai e quatro empatados (tabela 2), os três últimos foram realizados um mês antes da disputa da final.

Tabela 2 – Jogos Amistosos [15]

Data	Cidade - País da Competição	Vencedor	Resultado
06/09/1931	Rio de Janeiro – Brasil	Brasil	2 - 0
04/12/1932	Montevidéu – Uruguai	Brasil	2 - 1
24/03/1940	Rio de Janeiro – Brasil	Uruguai	4 - 3
31/03/1940	Rio de Janeiro – Brasil	Empate	1 - 1
14/05/1944	Rio de Janeiro – Brasil	Brasil	6 - 1
17/05/1944	São Paulo – Brasil	Brasil	4 - 0
05/01/1946	Montevidéu – Uruguai	Uruguai	4 - 3
09/01/1946	Montevidéu – Uruguai	Empate	1 - 1
29/03/1947	São Paulo – Brasil	Empate	0 - 0
01/04/1947	Rio de Janeiro – Brasil	Brasil	3 - 2
04/04/1948	Montevidéu – Uruguai	Empate	1 - 1
11/04/1948	Montevidéu – Uruguai	Uruguai	4 - 2
06/05/1950	São Paulo – Brasil	Uruguai	4 - 3
14/05/1950	Rio de Janeiro – Brasil	Brasil	3 - 2
18/05/1950	Rio de Janeiro – Brasil	Brasil	1 - 0

Tabela 3 – Jogos Copa do Mundo / Copa de Ouro dos Campeões Mundiais – *Mundialito*[16]

Data	Cidade - País da Competição	Vencedor	Resultado
16/06/1950	Rio de Janeiro – Brasil	Uruguai	2 - 1
10/01/1981	Montevidéu – Uruguai	Uruguai	2 - 1

Percebe-se que no confronto direto existe uma certa igualdade quantitativa, Uruguai só obtém vantagem se analisarmos estes resultados pela ótica da importância das partidas,

[15] Disponível em: http://www.auf.org.uy/Portal/NEWS/ Acesso em 09 abr. 2017.

[16] Disponivel em: <http://auf.org.uy/Portal/NEWS/4325/>. Acesso em 09 abr. 2017.

simbolicamente existe diferença entre o peso de uma vitória numa partida amistosa e uma partida final de um torneio continental ou uma Copa do Mundo. Uma vitória numa final de Copa do Mundo no contexto em que esta aconteceu - vencendo o rival no seu próprio território - eleva o vencedor a um lugar hierárquico que o vencido almeja e deseja:

> A Copa do Mundo é um confronto entre nações que escolheram o futebol como um esporte favorito e que fizeram dele um campo eletivo para a expressão de sua identidade o resultado de um campeonato mundial vem a ser, portanto, o estabelecimento de uma hierarquia de posições no mundo do esporte (DAMATTA, 1982 p. 90).

Esta hierarquia não era estabelecida só com esta vitória, devemos lembrar que no recorte temporal 1916 – 1950, o Uruguai conquistou dos títulos Olímpicos[17]: nos jogos da VIII Olimpíada de 1924 em Paris, contra Suíça, no Estádio Olímpico Yves-du-Manoir (Colombes), e nos jogos da IX Olimpíada de 1928 em Amsterdam (Países Baixos), contra Argentina.

Um título Mundial: em 1930, contra a mesma Argentina na primeira Copa do Mundo, organizada pela FIFA, realizada no Estádio Centenário em Montevidéu, Uruguai, e oito títulos da Copa América: 1916, 1917, 1920, 1923, 1924, 1926, 1935 e 1942.

O Brasil não detinha até o momento nenhum título a nível mundial nem vitória relevante sobre Uruguai, somente tinha alcançado, no mesmo período, três Copas América (1919, 1922 e 1949), portanto Uruguai era supremacia no futebol Sul Americano.

A rivalidade entre Brasil e Uruguai se intensifica após a disputa do segundo campeonato Mundial de 1950, sendo alimentada durante toda a década e alcançando o ponto máximo com a "batalha campal" de 26 de março de 1959, no Estádio Monumental de Nuñez, em Buenos Aires.

No encontro, válido pelo Campeonato Sul-Americano (hoje Copa América), o Uruguai chegou a fazer 1 a 0, mas, depois da confusão entre Almir (atleta brasileiro do Santos Futebol Clube) e alguns jogadores uruguaios e quatro expulsões, Brasil venceu por 3 a 1.

A narrativa do jornal *O Globo*, sobre este confronto, enaltece a vitória nos gramados, com os pés e com os punhos, demonstrando um certo orgulho dela.

> Venceu o Brasil a batalha do Rio da Prata. Vitória no futebol e, lamentavelmente na pancadaria. Foi uma surra histórica que marcará época nos certames continentais. Mas, repetimos, longe de nós aprovar a atitude do jogador brasileiro, apesar de ter cabido ao média uruguaio a iniciativa de posar de valente (*O Globo*, 28/3/1950 p. 12).

[17] Os uruguaios consideram os dois títulos olímpicos como mundiais. A própria FIFA autoriza a utilizarem 4 estrelas douradas na camisa oficial, uma para cada título mundial. Nos jogos Olímpicos de 1924 e 1928, o torneio de futebol foi organizado pela FIFA.

A partir desse momento, o futebol do Uruguai é catalogado pela imprensa brasileira como violento e catimbeiro e tem início um julgamento moral frequentemente utilizado pela imprensa esportiva carioca.

Hoje, passados mais de sessenta anos do Maracanazo, vários aspectos atenuam sensivelmente esta rivalidade: a seleção uruguaia perdeu o protagonismo da primeira metade do século XX.

Salvo aquela derrota de 1950, só permanece vivo o legado da estirpe de Obdúlio Varela, que a imprensa esportiva carioca imputa aos jogadores uruguaios, como sinônimo de raça, empáfia e liderança.

Por outro eixo, a sucessão de várias gerações de torcedores que não viveram o Maracanazo, os inúmeros sucessos brasileiros, dentre deles cinco campeonatos mundiais e outras derrotas sofridas, apontam o foco da rivalidade para outros atores "emergentes" entre eles Argentina, França e Alemanha.

O foco volta para Uruguai e revive a rivalidade pelas mãos ou narrativas dos "donos da memória" (LE GOFF, 1984), nas épocas em que ambas "nações" se enfrentam; pode ser em qualquer categoria de partida: amistoso, Eliminatórias ou em Copas do Mundo:

> Tornar-se senhor da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1984).

A mídia em geral se utiliza deste artifício para promover a partida, ressuscitando a derrota de 1950 e acionando a memória dos torcedores.

1.2 **O papel da imprensa na rivalidade, acionamento da memória**

Álvaro do Cabo cita a dissertação do jornalista Sergio Souto, que destaca o papel dos jornais como senhores da memória.

> Entre a dialética lembrar e esquecer, os jornais constituem-se como um dos senhores da memória da sociedade, aumentando seu campo de atuação e, sobretudo, o seu poder. É preciso considerar ainda que o jornalista, ao selecionar fatos, relegar outros ao esquecimento, escolher a forma de sua narrativa e ao definir o lugar na página a

> ser ocupado pelo texto, dirigindo um olhar subjetivo sobre o acontecimento, mantem como essencial nesse trabalho a dialética lembrar e esquecer. Aos relatos que devem ser perenizados, imortalizados pela prisão da palavra escrita, contrapõem-se outros que devem ser relegados ao esquecimento (apud CABO, 2011, p. 24)

Pesquisamos as manchetes esportivas dos jornais *O Globo,* do Rio de Janeiro e *Folha de São Paulo,* dos últimos três encontros entres as seleções de Brasil e Uruguai, levando em consideração o contexto em que estas partidas foram realizadas.

Analisamos sempre as manchetes do dia do jogo e do dia seguinte, onde tivemos a nítida percepção desta dialética, do teor da rivalidade e do enfoque editorial de cada um dos jornais escolhidos para a pesquisa.

Em 25 de março de 2016, em jogo válido pela quinta rodada das Eliminatórias da Copa do Mundo 2018, da Rússia, as duas seleções se enfrentaram na Arena Pernambuco, Recife, acabando empatado em dois tantos. Na ocasião, o Uruguai ocupava o segundo lugar na tabela de posições da competição e o Brasil o quinto lugar. As manchetes no jornal *O Globo* referiam-se ao resultado final como imbuídas por um "sentimento duplo", onde misturavam "amargura e alívio pelas chances de rival no final", já que no primeiro tempo, Brasil abriu dois gols de vantagem, permitindo o empate de Uruguai no segundo tempo, que por pouco não ganhou o jogo.

Os jornais esportivos deram uma justa e especial atenção à notícia da morte do jogador holandês Johan Cruyff acontecida na véspera em Barcelona, aos 68 anos de idade. A pauta sobre o clássico Brasil e Uruguai pela primeira vez não fala em rivalidades, ficou restrita ao encontro de Neymar e Luís Suarez, ambos destaques do Barcelona da Espanha, e amigos íntimos fora de campo. Ambos faziam a sua estreia nestas Eliminatórias: Neymar após cumprir uma suspensão por dois jogos imposta pela Conmebol, durante a Copa América 2015; e o atacante uruguaio Luís Suarez voltava à seleção do seu país, após cumprir sanção de um ano e nove meses (ou nove jogos oficiais) imposta pela FIFA, na Copa do Mundo de 2014, por ter mordido o defensor Chianelli no empate em dois tantos entre Itália e Uruguai.

O segundo encontro analisado, foi realizado no estádio Governador Magalhaes Pinto (Mineirão), em Belo Horizonte, Minas Gerais. O Brasil derrotou o Uruguai por dois tentos a um, e encontramos as seguintes manchetes:

No dia do jogo, 26 de junho de 2013:

O Globo

Título: *A grande* ***Batalha***

Subtítulo: *Tenso dentro e fora de campo, Brasil e Uruguai* ***duelam*** *por vaga na final.*[18]

Após o jogo, no dia 27 de junho de 2013:

Título: *O* ***Maraca*** *é Nosso*

Subtítulo*: Brasil vence* ***batalha*** *do Mineirão e está na final.*

Tendo a partida sido realizada no Mineirão, posso entender esse "Maraca" como uma alusão à final, que seria disputada com Espanha no Rio de Janeiro ou uma lembrança da derrota de 1950, estas sim disputadas no "Maraca".

Folha de São Paulo**:**

Título: Cerco – *Sob ameaça de protesto em Belo Horizonte, Brasil* ***enfrenta*** *Uruguai na semifinal da Copa das Confederações*

Na manchete principal, observamos mais destaque para os conflitos que aconteciam fora de campo, por conta das manifestações anticopa da população e sobre os aspectos técnicos dos conjuntos.

Nas chamadas de página encontramos:

Os uruguaios são diferentes e merecem ***respeito***

Com Neymar e zaga badalada, Brasil tenta superar a Celeste de ataque estrelado

Em 6 de junho de 2009, válido pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2010, da África do Sul, o jogo foi no Estádio Centenário em Montevidéu.

O Globo**:**

Título: ***Obdúlio Varela*** *ainda vive no belo Museu do Centenário*

Subtítulo: ***Duelo*** *em Montevidéu, para seleção enfrentar Uruguai é sempre uma* ***guerra***

Na edição do dia 07 de junho de 2009, após a vitória de Brasil por 4 a 0:

Título: *Uruguaios usam sem sucesso o "talismã"* ***Ghiggia*** *no Centenário*

Nesta passagem, a imprensa esportiva carioca reencarna os dois maiores símbolos do Maracanazo: Obdúlio Varela e Alcides Ghiggia.

Folha de São Paulo**:**

O título da manchete: *Em* ***paz****, Dunga encara* ***desafio***

E uma declaração do técnico brasileiro:

Tem toda a **atmosfera**, é **complicado** em Montevidéu. O Uruguai é **raça**, é **temperamento**

Na edição de 07 de junho de 2009, após a vitória do Brasil*:*

O título da manchete: Seleção **derruba tabu** de 33 anos sem **vencer** no Uruguai e lidera

[18] A tensão fora de campo era por conta das manifestações populares contra a corrupção e a Copa do Mundo no Brasil.

eliminatórias

Como observamos, as palavras de ordem (grifos meus) do jornal *O Globo* são: **batalha**, **duelam** e **guerra,** que em nada lembram uma partida de futebol ou ausência de rivalidade, e os nomes de jogadores símbolo do Maracanazo: **Obdúlio** Varela e **Ghiggia**, que evidentemente ainda fazem parte do imaginário da imprensa dos dois países.

Já a *Folha de São Paulo* utiliza um tom menos belicoso, ameno e digno de um confronto esportivo: **paz**, **enfrenta**, **respeito**, **vencer**, **raça**, **temperamento**, **estrelado, badalada**. Em nenhum momento traz a lembrança de 1950. (Todos os grifos do autor)

1.3 **Manifestações de uma idolatria, o estranhamento**

Historicamente, o Botafogo é um dos mais prestigiados times do Brasil, país que tem no futebol um dos significantes mais importantes no processo de construção da sua identidade nacional[19], segundo palavras de Gilberto Freyre[20], no prefácio do livro *O negro no país do futebol*, de Mário Filho (FREYRE, 1964 apud FILHO, 1964, p. 26).

O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir (DAMATTA, 1982, p. 21).

As manifestações da idolatria do Botafogo com o Loco Abreu, incluem o lançamento, venda e utilização da camisa da seleção uruguaia de futebol com o escudo da estrela solitária, maior identidade do clube.

A camisa em questão foi amplamente usada pelos torcedores durante os jogos do Botafogo no Campeonato Brasileiro e nos jogos de Uruguai durante a Copa do Mundo de África do Sul, de 2010.

Na ocasião se reuniam para assistir e torcer pela seleção uruguaia de futebol, que contava com um representante da sua identidade clubista, mas pertencia a uma outra identidade

[19] Gilberto Freyre e Mário filho foram agentes fundamentais nesta "construção". O artigo de jornal de Freyre "Foot Ball Mulato" de junho de 1938 tornou-se emblemático neste sentido.

[20] "O futebol teria numa sociedade como a brasileira, em grande parte formada de elementos primitivos em sua cultura, uma importância toda especial. E era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou. O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura (...)" (FREYRE, 1964 apud FILHO, 1964, p. 26).

nacional, como noticiado pelo jornalista Thiago Fernandes no site da globoesporte.com em 26/06/2010.

> O Botafogo se vestiu de azul durante a Copa do Mundo. Por causa de Loco Abreu, torcedores, jogadores e até o presidente Maurício Assumpção passaram a acompanhar e vibrar com a seleção do Uruguai. Nesta quarta-feira, um grupo de torcedores alvinegros se juntou no restaurante do clube para assistir à partida da Celeste contra a África do Sul[21].

Loco Abreu é representante da identidade nacional uruguaia, que guarda uma relação ambígua de rivalidade e admiração com a torcida brasileira, que em tese dificultaria uma idolatria tão explícita, envolvendo o atleta e os emblemas que este representa, apesar de que toda rivalidade traz em si, atrelada, uma dose de admiração.

Só se rivaliza com quem tem algo que se deseja possuir ou superar, com quem é grande e tememos que seja maior do que nós, no esporte não se rivaliza para destruir o outro, pois dele uma equipe ou nação precisa para se singularizar (HELAL, 2005, p. 71).

Concomitantemente, Abreu representa a estirpe e "raça charrua" do jogador uruguaio, até hoje simbolizada pelo capitão da equipe uruguaia da Copa do Mundo do Brasil em 1950, Obdúlio Varela[22], que Mario Filho (1964) descreveu como o "ídolo às avessas".

> [...] a imagem da altivez de Obdúlio Varela superdimensionava a figura de uma superioridade técnica e que conseguira o que parecia impossível: perder a Copa do Mundo em sua própria casa. Quase todo brasileiro queria que Obdúlio tivesse nascido em terras nacionais para assim atuar em nossa equipe, acreditando que com sua presença em campo não teríamos perdido o campeonato (COSTA, 2008, p. 31).

Esta estirpe, aliada à forte personalidade e ao espírito agregador dentro dos grupos que integra - apesar do protagonismo esportivo e midiático que costuma exercer sobre os outros atletas - tem sido a base de sustentação da idolatria que o Loco Abreu gera nos clubes que defendeu.

Se por uma perspectiva, o Brasil é um país onde se torna difícil obter uma coesão em torno de uma forte identidade nacional devido às grandes diferenças econômicas, sociais e políticas, como também à diversidade cultural que gera variadas identidades regionais na sua

---

[21] Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/notícia/2010/06/por-abreu-torcida-jogadores-e-diretoria-do-botafogo-torcem-pelo-uruguai.html>. Acesso em 16 nov. 2016.

[22] Obdúlio Jacinto Muiños Varela (Montevidéu, 20 de setembro de 1917 — Montevidéu, 2 de agosto de 1996) foi um futebolista, considerado um dos maiores nomes da história do futebol uruguaio. Celebrizou-se como o capitão da Seleção Uruguaia campeã da Copa do Mundo de 1950 sobre o Brasil, em pleno Maracanã. Sua ascendência sobre os companheiros, no clube e na *Celeste*, e sua pele mulata lhe renderiam a alcunha *El Negro Jefe"* ("O Chefe Negro").

ampla extensão territorial, encontramos no futebol um elemento amalgamador.

Durante as Copas do Mundo, quando o nacionalismo aflora com mais intensidade, todos se sentem pertencentes a uma identidade maior e as diferenças sociais e regionais são minimizadas, incluídas as identidades clubistas. Podemos notar claramente essa interação entre futebol e identidade nacional, se observarmos que ultimamente, por exemplo, nas muitas manifestações cívicas de protesto nas ruas uma parcela dos cidadãos comparece vestindo camisas da seleção brasileira de futebol.

Outra demonstração clara deste fenômeno são os cânticos de "guerra" da torcida, que misturam pátria e seleção durante os jogos da Copa do Mundo: "Eu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor"[23].

Seria improvável, assistir durante uma Copa do Mundo, a uma torcida de um clube brasileiro que, deixando de lado a sua identidade nacional ou primária, vestindo a camisa de uma seleção nacional rival e desfilar com a bandeira deste país nos ombros[24].

Por esses motivos, percebia-se um nítido conflito: a identidade clubista se sobrepondo à identidade nacional, cidadãos brasileiros, aficionados pelo Botafogo, torcendo pelo time do Uruguai, durante o período em que era disputada uma Copa do Mundo.

1.4 **Ídolos e Heróis no futebol brasileiro**

A etimologia da palavra ídolo vem do grego *eidôlon* e significa imagem. Originalmente um objeto de adoração, representando materialmente uma entidade divina à qual são atribuídos e ou associados poderes sobrenaturais. Hoje atribuímos este termo a personalidades que se destacam no seu campo de atuação profissional, que com a relevância de seus atos estabelecem essa imagem.

Em nossa sociedade onde impera a desigualdade social[25], afinal o Brasil, que segundo

[23] Composição de 1949, de Nélson Biasoli, foi elaborada para uma competição esportiva estudantil em 1949 entre brasileiros e alemães.

[24] Mesmo na Copa do Mundo de 2014, a torcida brasileira vítima da "Síndrome de Estocolmo", após a seleção ser eliminada da competição pela Alemanha, torceu contra a seleção da Argentina e a favor dos alemães, de forma clara na disputa da final, sem por isso desfilar com a bandeira da Alemanha.

[25] No relatório da ONU (Organização das Nações Unidas), que foi divulgado em julho de 2010, o Brasil aparece com o terceiro pior índice de desigualdade no mundo e, em se tratando da diferença e distanciamento entre ricos e pobres, fica atrás no ranking apenas de países muito menores e menos ricos, como Haiti, Madagascar, Camarões, Tailândia e África do Sul. A ONU mostra ainda, nesse estudo, como principais causas de tanta

o coeficiente Gini[26] está entre os dez países mais desiguais do mundo, as oportunidades de ascensão social ou econômica para muitas camadas passam quase que exclusivamente pela música e pelo esporte.

Constatamos que uma grande parcela de ídolos e heróis brasileiros pertencem ao campo esportivo ou musical, com maior destaque para o futebol que por ser o esporte mais popular no país, no sentido de ser o mais praticado e assistido, atinge todas as camadas sociais e está presente no imaginário do povo brasileiro.

O ídolo, independentemente do ramo ou campo de atuação, é uma figura de relevante importância para seu segmento e para a sociedade como um todo. Esta costuma valorizar o vencedor e a vitória, sinônimos de quem é conhecido, famoso e bem sucedido, em outras palavras, financeiramente é um sucesso.

Concordamos com Helal que, há uma diferença básica entre ídolos do esporte e ídolos de outros universos, como música e dramaturgia:

> Enquanto os primeiros frequentemente possuem características que os transformam em heróis, os do outro universo raramente possuem estas qualidades. A explicação para este fato reside no aspecto agonístico, de luta, que permeia o universo do esporte. O "sucesso" de um atleta depende do "fracasso" do seu oponente. É uma competição que ocorre dentro do próprio universo do espetáculo. Ambos, ídolos do esporte e ídolos da música, se transformam em celebridades, porém, só os ídolos do esporte são considerados "heróis". (HELAL, 1998, p. 147).

Com frequência o ídolo passa a servir de modelo para a sociedade e aquele que chegar ao topo servirá como exemplo para os demais, sendo admirado pela vida ou a imagem que representa (RUBIO, 2001).

Segundo Giglio (2007), para se ter um ídolo é preciso ter quem os idolatre, no futebol isso é estabelecido na tríade ídolo-torcida-clube (GIGLIO, 2007; MORATO, 2005) e a relevância ou relação destes atos é estabelecida pelas categorias tempo e espaço. Torcida e clube determinam o espaço de atuação da imagem do jogador e seu tempo de permanência no time. Este vínculo é necessário para o nascimento de uma admiração pelas suas realizações.

---

desproporcionalidade social, a falta de acesso à educação de qualidade, uma política fiscal injusta, baixos salários e dificuldade da população em desfrutar de serviços básicos oferecidos pelo Estado, como saúde, transporte público e saneamento básico. Disponível em: <http://desigualdade-social.info/desigualdade-social-no-brasil.html>. Acesso em 25 nov. 2016.

[26] Desenvolvido pelo matemático italiano Corrado Gini, o Coeficiente de Gini e o índice de desigualdade mais popular, herda no seu cálculo os pesos da função bem-estar, em que os mais pobres valem mais. O Gini varia de 0 a 1: no seu mínimo todos são iguais, e no seu ápice uma pessoa detém todos os recursos da economia. Não existe medida, certa ou errada, são apenas óticas diversas que enxergam aspectos diferentes das mesmas situação. em: http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/comunicado/120925_ comunicadodoipea155_v5.pdf Acesso em 9 abr 2017.

O espaço está determinado em relação ao lugar onde essa imagem é construída, no campo de jogo e na sua vida extracampo; e a duração da permanência dessa imagem em evidência determina o tempo.

Devo ressaltar que o sucesso obtido no campo de jogo se reveste de uma importância vital. Um comportamento e uma vida extracampo exemplares, senão forem acompanhados de um ótimo rendimento em campo, não creditam um jogador a obter admiração ou idolatria por parte da torcida. Temos muitos casos no futebol brasileiro de "malandros" e "preguiçosos" com uma agitada e controvertida vida social, que devido à sua performance esportiva são ídolos de seus clubes.

Transforma-se em ídolo aquele que no dia a dia, no tempo comum, cronológico, vai construindo sua imagem sequencialmente de forma gradual, ganhando os aficionados pelo seu desempenho esportivo e tornando-se um exemplo para a vida dos outros. Quando se torna um modelo para a vida dos outros, a pessoa se move para uma esfera tal, que se torna possível de ser mitologizada (CAMPBELL, 1990, p.16).

A tríade ídolo-torcida-clube precisa também da tutela da mídia, que exerce um importante papel no processo de construção do ídolo, estabelecendo grande parte da relação dos personagens que constroem o fenômeno (Toledo, 2002). Juntos fazem a engrenagem funcionar, apesar da imprensa confundir ou utilizar os termos ídolo e herói em situações diversas e em desconformidade com o exposto neste trabalho.

Muitas vezes, a imprensa confunde um gol no último minuto, num jogo ordinário de campeonato e de um time que está em campo com dez jogadores, como uma ação heroica; esse gol não ultrapassa dois dias no imaginário dos torcedores, que focaram sua atenção na soma de mais alguns pontos no próximo jogo do campeonato, para ser campeão, que é o objetivo final.

Esse gol não aconteceu num momento épico nem mítico, uma final de torneio, por exemplo. Também não transforma o autor do gol num ídolo, simplesmente pelo gol, a idolatria advém de uma sucessão de fatos ao longo de um período determinado.

A imprensa gosta de classificar os jogadores, que marcam gols nos últimos momentos da partida, como um herói que foi capaz de salvar o time da derrota, e faz isso para atrair a atenção de seu público-alvo sem se preocupar com o conceito do que é ser herói.

Assim, qualquer situação para a imprensa é capaz de produzir heróis para a sociedade (GIGLIO, 2007, utilizando-se do poder de seu "discurso autorizado", no sentido de Simoni Guedes (2011).

Um ídolo pode tornar-se herói com a realização de uma façanha, mas só a continuidade desta façanha na linha de tempo é que torna um herói em ídolo.

O herói pertence a um outro tempo, o seu vínculo é com o tempo sagrado e com eventos isolados. Sem antecedentes no tempo comum, pode transformar-se em herói de um dia para outro sem ter sido ídolo, assume esse papel ao realizar uma façanha num determinado momento importante. É condição impositiva que esta façanha ou situação mítica o coloque em evidência e seus efeitos serão perpetuados ou imortalizados.

O herói vai ter sempre atrelado ao seu nome aquele momento épico, aquela conquista, e será admirado pura e exclusivamente por este fato.

> [...] o herói é quem conseguiu, lutando, ultrapassar os limites possíveis das condições históricas e pessoais de uma forma extraordinária, contendo nessa façanha uma necessária dose de "redenção" e "glória" de um povo. Mas para que sua trajetória heroica alcance este status é necessário que as pessoas acreditem na verdade que as façanhas do herói afirmam. Logo, o mito do herói faz parte de uma relação com os seguidores, os fãs, aqueles que o idolatram. Sem esta relação, este 'acordo', o herói não é herói, o que nos leva a concluir, então, que na figura do herói se encontram agrupadas várias representações distintas da coletividade (HELAL; MURAD, 1995, p. 65)

Para Helal (2003), as narrativas das trajetórias de vida dos ídolos rumo à fama e ao estrelato sempre têm a mídia como mediadora por excelência da relação entres fãs e ídolos, legitimando os últimos como heróis da sociedade; em quase todas estas trajetórias observamos, por exemplo, a ênfase em uma perda ou dificuldade na infância, invariavelmente simples, o que ajuda na identificação do torcedor com o homem comum. No Brasil, o padrão predominante na construção da idolatria de jogadores de futebol, nas narrativas, por assim dizer, "oficiais" - nas quais a mídia é um dos instrumentos legitimadores, apresenta frequentemente um ideal "especializado" de seres "moleques" e "irreverentes".

1.5 **Rivalidade e identidades**

Neste ponto é válido estabelecer a diferença entre as diversas identidades e rivalidades que se fazem presentes no futebol: as rivalidades entre clubes de uma mesma região ou país, que respondem a uma identidade particular ou clubista, diferem da rivalidade entre as seleções representantes de países, que respondem a uma identidade nacional ou primária.

Temos vários exemplos desta subscrição de identidades: numa Copa do Mundo ou qualquer outro confronto entre nações as identidades clubistas são deixadas de lado para subscrever a identidade nacional.

Todos unidos torcemos para o sucesso de nossa nação, de nossa seleção nacional, esta se torna motivo de orgulho e identificação, sendo um dos motivos aglutinadores do "povo brasileiro". Um dos fatores identificados com os possíveis sentidos de "brasilidade", conceituado como "nacionalismo cíclico" quando em épocas de Copa do Mundo (HELAL; DO CABO; SILVA, 2010).

Segundo Antezana (2003), nas disputas a nível de seleção nacional existe uma dupla articulação de identidades, uma relacionada com a adição ao jogo: esquecemos que clube defende cada jogador da seleção, o importante é o desempenho; e a outra se relaciona com uma articulação prévia: a cidadania.

Nos dois casos a "camisa" é o emblema principal destas identidades. Quando um time de um clube brasileiro, adversário de nossa identidade clubista, enfrenta um time de uma nação rival não reconhecemos a identidade nacional, não torcemos por nosso adversário pelo simples fato de pertencer à nossa identidade nacional, pelo contrário, torcemos para que nosso adversário seja derrotado.

O exemplo mais significativo foi o confronto entre o Vasco da Gama e o Real Madrid, que decidiram o Mundial Interclubes em 1998. Alguns torcedores do Flamengo criaram a torcida Fla-Madrid - que chegou a vender mais de nove mil camisas - que torcia explicitamente contra a equipe representante do Brasil no torneio.

Podemos observar também muito esporadicamente, nos estádios do mundo, torcedores de clubes, isoladamente, portarem uma bandeira da pátria de seus ídolos. Isto sem poder confirmar a nacionalidade do torcedor. Lembro-me de ter visto bandeiras brasileiras nas arquibancadas do *Parc des Princes* em Paris, à época que o jogador brasileiro Raí Souza Vieira de Oliveira era ídolo do *Paris Saint-Germain*, entre 1987 e 1993, ou bandeiras argentinas no estádio *San Paolo* de Nápoles entre os torcedores do *Napoli* da Itália, quando Diego Armando Maradona era o ídolo máximo do clube, entre 1986 e 1990.

Este tipo de atitude é somente uma demonstração de reconhecimento ao talento do atleta, à sua dedicação e ao espetáculo brindado.

Em certas circunstâncias, especialmente quando não está em disputa uma decisão de campeonato que envolva seu time, o torcedor de clube, amante do esporte, consegue apreciar um bom espetáculo independentemente de quem o está oferecendo, se é um ídolo do seu clube ou do clube adversário.

O aspecto mais relevante que efetivamente distancia o espectador do jogador profissional de futebol é o conhecimento técnico. O jogador profissional não é um representante da identidade técnica dos espectadores, seja por limitação de aptidões ou incapacidade dos

mesmos, nem todos os espectadores praticam ou se desenvolvem tecnicamente.

O jogador se converte então em representante de uma outra identidade, a identidade do grupo:

> En el deporte sucede, pues, un fenómeno muy particular: la relación de identificación entre los espectadores y los deportistas que los representan sólo se construye y logra su plena fuerza explosiva debido a esta distancia técnica" (YONNET, 1998, p. 45.)[27]

Conforme Hugo Lovisolo no seu artigo *Tédio e espetáculo esportivo*:

> O espetáculo esportivo competitivo demanda o herói, a estrela esportiva. Sem essas figuras perderia força, e sabemos que assistimos tanto pelo prazer do jogo coletivo quanto pelo gerado por os desempenhos individuais. (LOVISOLO, 2003 apud ALABARCES, 2003, p. 242)

Já assistimos por exemplo à torcida do Real Madrid aplaudir de pé no Estádio Santiago Bernabéu o brasileiro Ronaldinho Gaúcho, atacante do Barcelona, à época.

Numa atuação memorável, considerada pela imprensa espanhola como uma das melhores da sua carreira, o atacante brasileiro converteu dois gols sobre a equipe *madrileña*, comandada na ocasião pelo técnico Wanderlei Luxemburgo [28].

Recentemente, a mesma atitude foi observada com o jogador catalão Andrés Iniesta craque do Barcelona e da seleção espanhola, no clássico espanhol Real Madrid – Barcelona no mesmo estádio, demonstrando toda a admiração pelo estilo de jogo e premiando os atletas por uma atuação de gala.

O jornal on-line Marca, de Madrid, na edição do dia 21 de novembro de 2015 tem como manchete:

> Iniesta salió aplaudido del Bernabéu" e no corpo da matéria explicita: Andrés Iniesta fue uno de los protagonistas de la victoria del Barcelona sobre el Real Madrid. El futbolista manchego hizo el tercer gol del conjunto azulgrana y se retiró del campo en la segunda parte, Munir entró en su lugar, en medio de los aplausos del Santiago Bernabéu, que premió así su actuación.... El gesto recuerda al de hace diez años, cuando Ronaldinho también se marchó sustituido del Bernabéu[29], con aplausos por

[27] O trecho correspondente na tradução é: No esporte acontece um fenômeno muito particular, a relação de identificação entre espectadores e esportistas que os representam só se constrói e logra sua máxima força devido a esta distância técnica (YONNET, 1998, p. 45.)

[28] Disponível em: <http://www.marca.com/2015/11/21/futbol/madrid-barcelona/1448135777.html>. Acesso em: 15 dez. 2016.

[29] Disponível em: <http://www.marca.com/2015/11/21/futbol/madrid-barcelona/1448135777.html>. Acesso em 15 dez. 2016.

parte de la afición madridista reconociendo su destacada intervención aquel día.[30]

Este feito deixa nítida a percepção de que, neste momento, foram deixadas de lado várias representações e identidades clubistas que social e politicamente separam historicamente *madrileños* de catalães, dando passo a uma admiração que considera a dedicação e compromisso do ídolo dentro de campo, e o espetáculo brindado como um filtro para que todas as outras representações, como regionalidade, por exemplo, desapareçam ou percam força simbólica.

Mas temos que esclarecer que este atleta é, em última instância, um ídolo de todos os espanhóis quando defende a seleção do país.

Vários ídolos estrangeiros brilharam em clubes pelo Brasil nas últimas décadas, entre eles vários uruguaios como Hugo de Leon, que jogou no Grêmio de Porto Alegre entre 1981 e 1983. Antes de sua contratação, em 1979, Hugo de León capitão do time do *Club Nacional de Football* do Uruguai, foi Campeão da Libertadores de América, derrotando na final o Internacional de Porto Alegre, maior rival do Grêmio. Considerado um dos melhores zagueiros do futebol mundial, em 1983 ganhou mais uma vez a Copa Libertadores de América, desta vez como capitão do Grêmio derrotando o Peñarol de Montevideo, por 2 a 1.

Antes de ter estreado como jogador do Grêmio, Hugo de León, como capitão da seleção uruguaia, levantou a taça de campeão do *Mundialito*[31], vestindo a camisa do Grêmio (foto 3), na vitória contra Brasil em 1981, iniciando assim a construção de uma idolatria que permanece até hoje.

[30] Disponível em: <http://www.marca.com/2015/11/21/futbol/madrid-barcelona/1448135777.html>. Acesso em 15 dez. 2016. O trecho correspondente na tradução é: Andrés Iniesta foi um dos protagonistas da vitória do Barcelona perante o Real Madrid. O jogador manchego fez o terceiro gol do conjunto azul grená e se retirou de campo substituído por Munir, em meio aos aplausos do Santiago Bernabeú, que premiou sua atuação. Este gesto lembra ao de 10 anos atrás, quando Ronaldinho Gaúcho também saiu aplaudido do Bernabeú, com aplausos por parte da torcida do Real, reconhecendo sua destacada atuação naquele dia.

[31] Copa de Oro de Campeones Mundiales o más conocido como Mundialito. El torneo se disputó en Montevideo del 30 de diciembre de 1980 al 10 de enero de 1981.El evento se organizó como forma de conmemorar el aniversario número 50 de la disputa del primer campeonato del mundo, el cual se disputó en Uruguay. A este Mundialito fueron invitadas las seis selecciones campeonas del mundo: Uruguay, Italia, Alemania, Brasil, Argentina e Inglaterra. Este último país no concurrió, por lo tanto fue invitado Holanda, selección subcampeona de las últimas dos copas del mundo (1974 y 1978). Los siete partidos se disputaron en el Estadio Centenario. Los países se dividieron en dos grupos de tres cada uno. Uruguay integró el grupo A junto a Holanda e Italia. Mientras que el grupo B estaba integrado por Alemania Federal, Argentina y Brasil. Los ganadores de cada grupo jugaron la final del torneo. Disponivel em: http://www.auf.org.uy/Portal/NEWS/5411/ Acesso 10 abr 2017

Figura 4 - Hugo de Leon comemorando o *Mundialito*

Fonte: gremio1983.wordpress.com[32]

Outros jogadores estrangeiros fizeram história no Brasil durante várias temporadas e viraram ídolos em diversos clubes, por exemplo: os uruguaios Pablo Forlán entre 1970 e 1975; Pedro Virgílio Rocha, entre 1970 e 1979; Dario Pereyra entre 1977 e 1988 e Diego Lugano entre 2002 e 2006.

Nenhum dos jogadores estrangeiros citados - todos ídolos nos clubes que jogaram no Brasil - foi objeto de uma idolatria com as características da dispensada a Loco Abreu, mesmo aqueles que obtiveram ganhos mais significativos para seus clubes, como por exemplo o título de Campeão Brasileiro.

O argentino Carlitos Tévez, por exemplo, artilheiro e ídolo do Sport Club Corinthians Paulista de São Paulo, que conta com uma das maiores torcidas do mundo, foi eleito o craque do Campeonato Brasileiro do ano de 2005.

Outro exemplo de idolatria foi o atacante argentino Dario Conca que, em 2010, atuou no Fluminense *Football Club*, do Rio de Janeiro, sagrou-se campeão brasileiro e foi, igualmente a Carlitos Tévez, eleito o craque da maior competição do país.

Devo esclarecer que a eleição para o prêmio "Craque do Brasileirão", criado em 2005 numa parceria entre a Rede Globo de Televisão e a CBF - Confederação Brasileira de Futebol, é uma premiação oficial para os jogadores que disputam a Série "A" do Campeonato Brasileiro

[32] Disponível em: <https://gremio1983.files.wordpress.com/2009/09/delec3b3n_mundialito.jpg>. Acesso em 30 jan. 2017.

de Futebol. A eleição é realizada por um colégio eleitoral formado por outros atletas, profissionais da imprensa esportiva carioca e membros das comissões técnicas dos clubes da primeira divisão do futebol brasileiro.

Apesar de Tévez e Conca terem participado como protagonistas na conquista da maior disputa em nível nacional de seus respectivos clubes, eles não receberam por parte dos torcedores de seus clubes homenagem similar à recebida pelo Loco Abreu, que somente obteve a vitória numa competição de nível regional.

Não há registros de torcedores dos dois clubes (São Paulo e Corinthians) vestindo camisas da seleção argentina ou portando bandeiras argentinas nas arquibancadas. Fica claro que a identidade primária destes atletas (argentinos) gera um certo distanciamento para com os torcedores brasileiros, gerado pela rivalidade existente com os argentinos. A famosa frase proferida por jogadores e comentaristas "ganhar é bom, mas ganhar da Argentina é melhor" resume esta rivalidade.

1.6 **Loco Abreu, dados biográficos**

Washington Sebastian "El Loco" Abreu Gallo nasceu na cidade de Minas, estado de Lavalleja, Uruguai, em 17 de outubro de 1976. Sua infância vai de encontro a "saga" de muitos ídolos do futebol: não contem pobreza nem grandes percalços.

É oriundo de uma família de classe média e pertence a um grupo restrito de jogadores de futebol no Brasil que cursaram ensino superior, é graduado em Comunicação social com habilitação em Jornalismo, o que de alguma maneira justifica a sua postura crítica para com a imprensa esportiva carioca, outro fato que tem forte incidência motivadora sobre a idolatria dos botafoguenses para com ele.

Iniciou sua atividade futebolística no clube infantil Plaza Rivera e, posteriormente, no *baby-fútbol*[33] no clube *Filarmónica*[34], dirigido à época por Iribarme Márquez e por seu tio Rubén Abreu, ambos da cidade onde nasceu.

Em 1987, deu os primeiros passos no futebol de campo, no Clube Nacional de Minas.

[33] Categorias infanto-juvenil de 7 a 13 anos. Federados à ONFI – Organización Nacional del Fútbol Infantil. Órgão do Governo da Republica Oriental del Uruguay.

[34] Disponível em: <https://www.facebook.com/club.filarmonica.9/about>. Acesso em 30 jan. 2017.

Sua primeira convocação para a seleção uruguaia foi no ano de 1993, convocado pelo técnico Rudi Rodriguez, para disputar o Sul-Americano da categoria sub-17 na Colômbia.

Jogou ao todo 45 minutos na última partida do torneio contra a equipe da Bolívia e converteu dois gols.

O primeiro contrato profissional foi realizado no ano de 1993. Essa contratação envolveu uma acirrada disputa entre 4 clubes da primeira divisão do futebol uruguaio: *Club Atlético Peñarol, Club Nacional de Football, Danúbio Football Club* e o *Defensor Sporting Clube*, que saiu vencedor. Até hoje, ele guarda o primeiro contracheque, de outubro de 1993, no seu museu pessoal na cidade de Lavalleja.

Em 1996, atuando pelo *Defensor Sporting Clube*, marcou seis gols na Copa Libertadores – quatro contra o time do *Club Universidad de Chile;* e 2 contra o *Club Universitário de Deportes* do Peru.

O *Defensor* foi eliminado nos pênaltis pelo time da *Universidad de Chile* nas oitavas de final. Sua destacada atuação na competição despertou o interesse pela sua contratação do clube argentino San Lorenzo de Almagro, do bairro Boedo[35], na cidade de Buenos Aires, um dos 5 clubes grandes times da Argentina.[36]

Transferido para a Capital Argentina fez a sua estreia frente ao *Club Boca Juniors*, no Campeonato Apertura de 1996, equivalente ao primeiro turno do campeonato Argentino.

O jogo acabou em empate 1 a 1, e o gol do San Lorenzo foi convertido pelo Loco Abreu. Ao final do Campeonato, foi o artilheiro do time, o que lhe valeu a primeira convocação para a Seleção principal do Uruguai e o contrato com o *Deportivo La Coruña*.

O valor desta contratação permanece recorde para o clube espanhol, foi comprado por 10,5 milhões de dólares, a mais alta transação do clube espanhol. A sua estreia na Liga Espanhola foi com uma vitória, 2 a 1 contra o *Sporting Club*. Durante o campeonato, chegou a fazer um gol no Barcelona, que se sagraria campeão espanhol ao final da temporada.

Sem muitas oportunidades no clube, foi transferido por empréstimo ao Grêmio de Porto Alegre, Brasil, onde devido a contusões não teve uma passagem eficiente, converteu somente um gol nos sete jogos em que disputou pelo time gaúcho.

Em 1999, Loco Abreu inicia sua passagem pelas terras mexicanas. No *Tecos Fútbol Club*, de Guadalajara, tendo sido o artilheiro do "*Torneo de Invierno".* Foram números

[35] Boedo é um dos 48 bairros da Ciudad Autónoma de Buenos Aires.

[36] Os chamados "cinco grandes do futebol argentino" são os clubes: Boca Juniors, Independiente, Racing Club, River Plate e San Lorenzo de Almagro. Essa denominação começou a ser utilizada no início da era profissional e popularizou-se com o passar do tempo.

convincentes: converteu 29 gols em 35 partidas, até o final do ano 2000.

Seu retorno ao San Lorenzo de Almagro, da Argentina no início de 2001, teve como motivação o pagamento de uma promessa: tornar o clube de *Boedo* campeão argentino, após seis anos de jejum. Esta equipe iria bater dois recordes: sagrar-se campeão com 47 pontos e uma sequência de 13 vitórias consecutivas.

Seu maior sonho, vestir a camisa do *Club Nacional de Football*, se concretizou em 2001 de forma magistral. Foi o goleador da equipe, que se sagrou campeã uruguaia, com 17 gols em 18 jogos. No início de 2002, retornou ao México, contratado pelo *Cruz Azul Fútbol Club* pelo período de um ano e meio. Mais uma vez, foi o goleador, desta vez do "*Torneo de Verano" com* 29 gols convertidos em 37 jogos.

Uma intensa briga entre a diretoria do clube e os jogadores mexicanos do plantel, que exigiram a retirada e a rescisão de todos os contratos de todos os jogadores estrangeiros da equipe, lhe possibilitou a volta a seu clube do coração, o Nacional de Montevidéu.

Sua segunda passagem pelo Parque Central *(Estádio do Club Nacional de Football)* foi marcada por momentos ora tensos, ora de imensa alegria. Devido a medidas judiciais, impetradas pelo departamento jurídico do *Club Atlético Peñarol*, que tentavam impedir sua escalação no campeonato uruguaio em curso. Nessa edição do Campeonato Uruguaio Loco Abreu atuou por meio de uma liminar somente em sete jogos, anotando oito gols. Dois dos gols foram anotados contra o mesmo Peñarol, na vitória por 3 a 1 no clássico.

Por conta desse episódio, a torcida do Nacional instituiu o dia 2 de abril de 2003, dia da partida, como *"el dia del miedo"* (o dia do medo); medo de deixar o Loco Abreu jogar contra o Peñarol; e com razão, ele fez dois gols no clássico. Este também é o nome do camarote que o Loco Abreu possui no Parque Central, casa do Nacional em Montevidéu.

Em junho de 2003, foi por empréstimo ao América do México, onde viveu um episódio curioso: pedir perdão por ter convertido um gol; explico: num jogo pela Copa Teresa Herrera enfrentou o Nacional de Montevidéu e teve o "desprazer" de converter um gol no seu clube.

Sem maior destaque voltou para o Tecos, onde perdeu um pênalti que "cavou". O goleiro argentino Crisante, do Toluca, previu a cavada e pegou o pênalti sem dar um passo. Somente converteu quatro gols no Torneo Clausura.

Em 2004, do México retornou novamente para o Nacional de Montevidéu, que estava ameaçado de rebaixamento e ajudou o clube a permanecer na primeira divisão do campeonato uruguaio.

El Loco Abreu consagra-se como o maior ídolo contemporâneo do Nacional. No clássico final contra Peñarol, restando 17 minutos para o final do jogo, o Peñarol vencia por 2

a 0. Nacional venceu de virada por 3 a 2, com o último gol do Loco, obtendo o seu segundo campeonato uruguaio invicto, em 2005, tendo convertido gols também nos clássicos.

Em meados de 2005, volta ao México desta vez atuando pelo *Dorados de Sinaloa*. Sagra-se pela terceira vez artilheiro do futebol mexicano, igualando a marca do brasileiro Evanivaldo Castro Silva, popular Cabinho, que tinha sido o maior goleador em três oportunidades por três clubes diferentes: Club Universidade Nacional, Pumas de la UNAM e Leon.

Abreu ficou na história como o maior goleador do clube em todos os tempos, superando o mexicano Jared Borguett. Apesar da performance individual, o Dorados foi rebaixado para a segunda divisão, em abril de 2006, após quatro vitórias, dez empates e três derrotas. O hoje técnico, Pep Guardiola, era a outra estrela do time e encerrou sua carreira após o rebaixamento.

No início da temporada 2006-2007, atuou pelo Monterrey do México, onde alcançou a marca de 100 gols no futebol mexicano, ao final do contrato transferiu-se para o único time grande mexicano que ainda não tinha defendido: o *Tigres de Universidad Autónoma de Nuevo León*.

Solicitado pelo então técnico do River Plate argentino, Diego Simeone, o Loco defendeu os *"millonários"* em 2008-2009. Ganhou o segundo campeonato argentino e sagrou-se goleador da Libertadores de América com sete gols em oito jogos, apesar do mesmo River Plate ter sido eliminado nas oitavas de final. Movido pela esperança de disputar uma *Champions League*, transferiu-se para o *Beitar Jerusalem* de Israel.

Com a precoce eliminação da equipe na *Champions*, retornou ao River Plate após jogar somente cinco partidas, para disputar a *Copa Sudamericana*.

No início de 2009, foi para Espanha a pedido do técnico Juan Lillo, que comandava o Real Sociedade, à época na segunda divisão da liga espanhola. Apesar de ter convertido 11 gols em 18 partidas, o feito não foi suficiente para conseguir o acesso à primeira divisão da *Liga Española.*

Mais um desafio, muda-se para Grécia, para defender o *Aris de Salónica*, onde anotou cinco gols em nove jogos oficiais.

O segundo semestre de 2009 seria inolvidável: em 18 de novembro, no Estádio Centenário de Montevidéu, no jogo entre Uruguai e Costa Rica, válido pela repescagem das Eliminatórias da Copa do Mundo, logrou com um gol de cabeça, a classificação de Uruguai para a Copa de 2010, tornando-se herói dos uruguaios.

Aos 20 minutos do segundo tempo, o jogo estava empatado em 0 a 0, resultado que classificaria Uruguai. O sistema de alto-falantes do estádio anuncia:

"Substitución en Uruguay, sale Luis Suárez con la nueve; entra Sebastián Abreu con la trece".[37] Aos 24 minutos o locutor da *TV Tenfield* narra:

> … lateral cobrado… Forlan… Scotti… toca para Lodeiro que se la devuelve ... Scotti, buen centro para Abreu... e goooooollllll uruguayo, Loco Abreu… que locura el estadio, que locura el país… me vuelvo, me vuelvo, me vuelvo, me vuelvo loco con el gol de Abreu; … noción de área, noción de arco, referencia y esa cuota de liga que siempre tiene Abreu; **...Abreu es red, Abreu es gol, Abreu es mundial...**[38] (Negritos nossos)

Este gol classificou o Uruguai para a Copa do Mundo de 2010, na África do Sul, depois de ter ficado de fora da Copa de 2006, na Alemanha.

O jornal *El Obse*rvador (Foto 4), no seu caderno de esportes do dia 19 de novembro de 2009, dedicou duas páginas à vitória, as duas fazendo referência ao Loco Abreu. Nas páginas internas do periódico, o jornalista Juan José Díaz escreve: *"Lo que no hicieron Suárez y Forlan em 65', Abreu lo hizo en cinco minutos en la cancha.*[39]

Seu colega de redação, Marcelo Decaux, ressaltou que mais uma vez Abreu foi o escolhido: entrou em campo, tocou na bola 3 vezes e numa delas foi o gol, para alegria do povo uruguaio, alegria esta que El Loco também exteriorizou: *"Esto es lo mas lindo que hay, vivirlo asi, con el público, volver a tener Uruguay en un Mundial"*.

Também dedicou esta classificação a todos os cidadãos uruguaios que vivem no exterior.

O jornalista uruguaio Jorge Señorans escreveu uma matéria com o título: *"Abreu se meteu para sempre na história do futebol uruguaio",* na coluna *"Contra Golpe",* do jornal *El Observador de Montevideo* com os seguintes dizeres:

> Poderá fazer mais 100 gols. Provavelmente se consagre como artilheiro em algum campeonato que dispute, retornará ao Nacional e revalidará seu idílio com a torcida, fazendo gols no clássico ante Peñarol, mas nada terá comparação com o gol de ontem à noite. A cabeçada o incorporou definitivamente na história. Passarão os anos, mas , o gol de Abreu permanecerá na retina dos uruguaios. Será iniludível. Se transmitirá no boca a boca. Haverá somente uma frase: O Loco nos levou ao mundial. Um louco

[37] O trecho correspondente na tradução é: Substituição no Uruguai, sai Luís Suares com a camisa nove e entra o Loco Abreu com a 13.

[38] O trecho correspondente na tradução é: ...lateral cobrado, Forlan... Scotti passa para Lodeiro que devolve ... Scotti... bom cruzamento para Abreu ... goooooollllll; ... Uruguai 1 Costa Rica 0 ... eu fico, eu fico, eu fico loco com o gol do Abreu; ... noção de área, noção de arco, referência e essa sorte que acompanha sempre a Abreu ... Abreu é rede,Abreu é gol, Abreu é Mundial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LmWOE-jNgFM>. Acesso em 16/12/2106.

[39] O trecho correspondente na tradução é: O que não fizeram Suárez e Forlan em 65 minutos, Abreu fez em cinco minutos.

> que joga com a treze mas está escolhido, ninguém sabe por quem, para sempre estar no momento certo no lugar indicado. No Peru foi uma sombra e não tocou a bola. Contra a Colômbia jogou somente um minuto. Ante a Argentina não conseguiu fazer absolutamente nada. Em Costa Rica assistiu ao jogo de fora. Mas, quando o jogo ficou difícil a torcida começou a pedi-lo. O destino o colocou ali, no gol da Tribuna Amsterdam. E quando partiu o cruzamento de *Scotti* ele se impulsionou à glória. Tem gente que nasce marcada pela graça divina, Abreu é um deles. Levava mais de um ano sem marcar com a camisa celeste, desde 14 de outubro de 2008 ante Bolívia. Mas a bola do mundial foi para El Loco.
> O gol convertido ontem foi o número 23 com a camisa da seleção. Superou com este gol Fernando Morena, igualou a Carlos Aguilera e a José Piendibene. El Loco ficou a um gol de igualar a marca de Pedro Petrone e a oito de ser o maior da história, marca em poder de Hector Scarone com 31 gols.
> A noite ia caindo em Montevidéu, os fogos de artificio já tinham cessado, mas nos arredores do *Parque Battle e Ordoñez*, ecoava o grito: "Olé, olé, olé, olé, Loco, Loco"[40]

Esta matéria resume o sentimento da imprensa e dos cidadãos uruguaios para com o atleta Loco Abreu e sua entrada definitiva na história do futebol uruguaio, como um dos grandes jogadores que vestiram a camisa azul celeste da seleção nacional.

Em entrevista ao site globoesporte.com Abreu afirmou: "as coisas fáceis não são para os uruguaios, mas quando há sofrimento como esse, se o prêmio for tão grande, bem-vindo o sofrimento" e completou: "estou feliz com a vitória, que é para todos os uruguaios, e por ter a possibilidade de jogar o meu segundo Mundial"[41].

Esta aceitação de que para uruguaios a vitória sempre é difícil e sofrida, é uma outra característica coincidente com o torcedor botafoguense.

Figura 5 - Capa jornal *El Observador*

Fonte: *El Observador*, Montevideo Uruguay

[40] Tradução livre do autor.

[41] Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Notícias/Futebol/0,,MUL138610>. Acesso em: 16 dez. 2016.

Figura 6 - Capa jornal *Al Toque*

Fonte: *Al Toque*, Buenos Aires, Argentina

O primeiro Mundial do Loco Abreu tinha sido no Japão em 2002[42]. Uruguai chegou à classificação na repescagem, de forma sofrida também, vencendo Austrália por 3 a 0 no Estádio Centenário, em 25 de novembro de 2001.

Para a Copa de 2006 na Alemanha, Uruguai não se classificou, tendo sido derrotado no segundo jogo da repescagem, pela Austrália, nos pênaltis.

A classificação da seleção de futebol do Uruguai para a Copa do Mundo de 2010, na África do Sul, transformou o Loco Abreu, que sempre foi um ídolo do *Clube Nacional de Fútbol*, como herói de todos os torcedores uruguaios, e o colocou no noticiário do mundo. Isto teria despertado o interesse do Botafogo de Futebol e Regatas na sua contratação.

1.7 **Trajetória completa**

	Defensor Sporting Club
	Ano: 1995-1996
	Jogos: 24
	Gols: 12
	Técnico: Juan Ahuntchain

[42] A Copa do Mundo de 2002, teve vários aspectos inusitados: foi a primeira Copa realizada fora da Europa e das Américas; também a primeira a ser sediada por dois países: Japão e Coreia do Sul e a ter três seleções previamente classificadas: França, Japão e Coreia do Sul. A partir dessa Copa, o Campeão da edição anterior não se classificaria automaticamente para a próxima, teria de disputar a fase das Eliminatórias.

	San Lorenzo de Almagro Ano: 1996-1997 2000-2001 Jogos: 72 Gols: 42 Técnicos: Aimar, Ruggeri, Pellegrini	

	Deportivo **La Corunha** Ano: 1997-1998 1999, 2004 Jogos: 18 Gols: 4 Técnicos: J. Corral, Javo Irureta	

	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense Ano: 1998 Jogos: 7 Gols: 1 Técnico: Celso Roth	

	Tecos Fútbol Club Ano: 1999-2000 2003-2004 Jogos: 52 Gols: 34 Técnicos: Saporiti , J. Uribe, E. Acevedo	

	Club **Nacional** de Football Ano: 2001, 2003, 2004-2005, 2013 Jogos: 79 Gols: 48 Técnicos: De Leon, Dias, Arruabarrena	

	Cruz Azul Fútbol Club Ano: 2001-2002 2002-2003 Jogos: 52 Gols: 46 Técnico: M. Carillo, José Luis Trejo	

	Club de Fútbol **América** Ano: 2003-2004 Jogos: 16 Gols: 3 Técnico: Leo Benhacker	

	Club Deportivo **Dorados** de Sinaloa Ano: 2005-2006 Jogos: 34 Gols: 22 Técnicos: Brancamonte, Hernandez, Lillo	

	Club de Fútbol **Monterrey** Ano: 2006-2007 Jogos: 18 Gols: 8 Técnico: Miguel Herrera	

	San Luis Fútbol Club Ano: 2007 Jogos: 14 Gols: 5 Técnico: Raúl Arias	

	Club de Fútbol **Tigres** UANL Ano: 2007-2008 Jogos: 15 Gols: 7 Técnico: Américo Gallego	

	Club Atlético **River Plate** Ano: 2008 Jogos: 27 Gols: 12 Técnico: Diego Simeone	

	Beitar Jerusalen F.C. Ano: 2008-2009 Jogos: 5 Gols: 0 Técnico: Itzhak Shum	

	Real Sociedad de Fútbol Ano: 2009 Jogos: 18 Gols: 11 Técnico: Juan Manuel Lillo	

	Athlitikos Syllogos **Aris** Ano: 2009 Jogos: 9 Gols: 5 Técnico: Mazinho, Hector Cuper
	Botafogo de Futebol e Regatas Ano: 2010-2012 Jogos: 107 Gols: 63 Técnico: Soares, Santana, Caio Jr, Oliveira.
	Figueirense Futebol Clube Ano: 2012 Jogos: 6 Gols: 1 Técnico: Argel Fucks
	Club Atlético **Rosario Central** Ano: 2013-2014 Jogos: 45 Gols: 11 Técnico: Miguel Angel Ruso
	Club Sociedad Deportiva **Aucas** Ano: Jogos: Gols: Técnico: Juan Ramón Silva
	Club **Sol de América *** Ano: 2015-2016 Jogos: Gols: Técnico:
	Santa Tecla Fútbol Club Ano: 2015 a 2016 Jogos: 16 Gols: 6 Técnico: Ernesto Corti

	Bangu Atlético Clube	
	Ano: 2017	
	Jogos: 0 Gols: 0	
	Técnicos:	

	AUF – Selección Principal	
	Ano: 1996 a 2011	
	Jogos: 72 Gols: 31	
	Técnicos: Nuñes, Ahuntchain, Máspoli, Passarella, Púa, Carrasco, Fossati, Tabárez	

2 O CLUBE: UMA COMUNIDADE SINGULAR

Conforme Renato Lanna Fernandez (2016), na sua tese de doutorado, os clubes, surgidos com o desenvolvimento do capitalismo, são instituições privadas criadas por um grupo de pessoas que se associam livremente e que partilham certos interesses comuns que envolvem atividades de cunho cultural, recreativo, desportivo e, em certos casos, político (2016, p. 18), independentemente de sua condição social.

Torcer por um time torna-se relevante num país, onde é quase que uma obrigatoriedade (especialmente para os indivíduos do sexo masculino), ter esse pertencimento.

O antropólogo Arlei Damo (2005), falando sobre torcer por um clube de coração, afirma que: "não tê-lo é pagar um certo ônus social, logo é preferível ser alguém do que ninguém sem ter um clube de futebol, mesmo que de boca é se integrar a uma dada comunidade de sentimentos; não torcer por clube algum é usar uma máscara que o torna apenas um indivíduo, solto sem a segurança de uma coletividade" (DAMO, 2005, p.90).

Vou restringir meu escopo neste capítulo aos quatro "grandes" clubes cariocas: ao Fluminense Football Club, Clube de Regatas do Flamengo e Clube de Regatas Vasco da Gama, de forma sucinta, e ao Botafogo de Futebol e Regatas, de forma mais abrangente, com o propósito de entender o objeto do trabalho: a idolatria dos torcedores botafoguenses com o Loco Abreu.

Como veremos, na afirmação de Damo, esta qualificação de clube "grande" não se refere ao fato de ter conquistado muitos títulos ou contar com uma torcida numerosa e sim ao fato de que para os torcedores "grande" é antes de tudo:

> [...] uma noção da ordem do simbólico: "grande" é um predicado atribuído ao clube na medida em que este é capaz de suscitar "grandes" emoções, "grandes" conflitos, "grandes" tradições, enfim, "grande" excitação. Por isso eles são chamados de "clubes do coração" e datam, a maioria deles, da época do amadorismo - antes portanto, dos anos 30. (DAMO, 1989, p. 40)

Refiro-me com exclusividade aos quatro "grandes" clubes sem prejuízo aos outros tantos clubes também centenários da cidade do Rio de Janeiro.

A lógica desta opção é somente pelo grau de representatividade ou preferência que estes quatro clubes denotam, deixando de lado conquistas ou desempenho esportivo.

O objetivo é contextualizar dentro da construção das identidades clubísticas os "mitos" de origem, que surgiram junto com o nascimento dos clubes, estabelecendo características

simbólicas aos clubes cariocas que, mais de um século após sua fundação ainda perduram, e estão presentes no imaginário dos torcedores de cada clube.

A imprensa é um dos veículos mais influentes na construção e manutenção da memória, importante para a afirmação das identidades coletivas. Mitos, tradições e a história do futebol, incluindo nesta a história dos clubes, são construídas através de suas narrativas, numa tentativa de satisfazer as demandas sociais do presente numa sociedade midiatizada (HELAL; COELHO, 1996).

Estas narrativas que lembram o passado continuamente podem ser traduzidas em tradições, que serão tratadas como criações de um determinado grupo social, com vistas a uma imagem específica que se quer de um passado construído, reificado:

> Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras aceitas tacitamente ou abertamente e de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, a continuidade do passado (HOBSBAWN; RANGER, 1984).

Estes grupos sociais criam uma comunidade com valores próprios, uma comunidade fraterna que, através da construção de símbolos e rituais que repetidos ao longo do tempo, se transformam em tradição:

> Ao inventar símbolos como camisas, bandeiras e escudos, os clubes acabam por criar elementos de identificação que extrapolam os seus muros, fugindo ao seu controle. Aqueles que apreciam o jogo, mas não tem condições de frequentar a sede do clube, buscam nestes símbolos os mecanismos de aproximação com essa comunidade construindo uma relação de identidade com os clubes, seja em virtude da cor do vestuário, do bairro em que o clube se estabeleceu, ou pelo fato de ele obter mais vitórias que os seus adversários (FERNANDEZ, 2016).

Os clubes formam uma comunidade sociopolítica "imaginada", pois independentemente da desigualdade que possa existir entre os indivíduos, ela desenvolve essa fraternidade sempre em oposição aos outros clubes. Conforme a definição de Benedict Anderson, para a categoria "comunidade imaginada" quando trata de nação, podemos incluir o clube nesta e pensá-lo como tal: "ela é imaginada porque seus membros mesmo sem se conhecerem possuem em mente a imagem viva da comunhão entre eles, pois a essência de uma nação consiste em que todos os indivíduos tenham coisas em comum" (ANDERSON, 2008, p. 33).

Inicialmente, com exceção do Fluminense, que já nasce clube de futebol, os outros três surgiram como clubes de remo, esporte predominante nas décadas finais do século XIX.

Apesar dos quatro serem considerados times grandes, existem diferenças que se fazem presentes na conformação da "personalidade" do clube.

Umas são tangíveis e mensuráveis, como o número de seguidores, e outras só existem no imaginário dessas comunidades, não podem ser aferidas ou comprovadas como a continuidade do mito de origem.

Faz-se necessário estabelecer que a palavra "mito", será utilizada segundo Mattos, como narrativas ou histórias que:

> lembram continuamente que os acontecimentos grandiosos tiveram lugar na terra, e que este "passado glorioso" é em parte recuperável [...] um mito é uma história verdadeira que aconteceu no início dos tempos e que serve de modelo para os comportamentos humanos (MATTOS, 1997, p.19).

Dentro do campo das características tangíveis, podemos observar a "grandeza" de cada clube pelo número de aficionados ou simpatizantes ou pelo número de conquistas.

De acordo com o ranking das torcidas do Rio de Janeiro (Gráfico 1), o Clube de Regatas do Flamengo é considerado o time com mais seguidores no país, e tem uma ampla vantagem em relação aos outros três grandes clubes do Rio nessa categoria.

A pesquisa de mercado realizada entre os dias 17 e 20 de junho de 2016 pelo *Instituto Informa*[43] e veiculada no site do globoesporte.com[44] revela que 50,4% dos cariocas entrevistados são torcedores do Clube de Regatas do Flamengo.

Em segundo lugar, vêm os representantes do Clube de Regatas Vasco da Gama com 18% do total, seguidos do Fluminense Football Club com 9,4% dos torcedores e, por último, aparecem os torcedores do Botafogo de Futebol e Regatas com 7,7% do total. Os torcedores dos outros times do Estado do Rio de Janeiro reunidos alcançam 13,5% do total.

No Brasil, a ideia de "pertencimento" se confunde quando se trata de clube e de time, pode-se seguir um time sem ser sócio do clube.

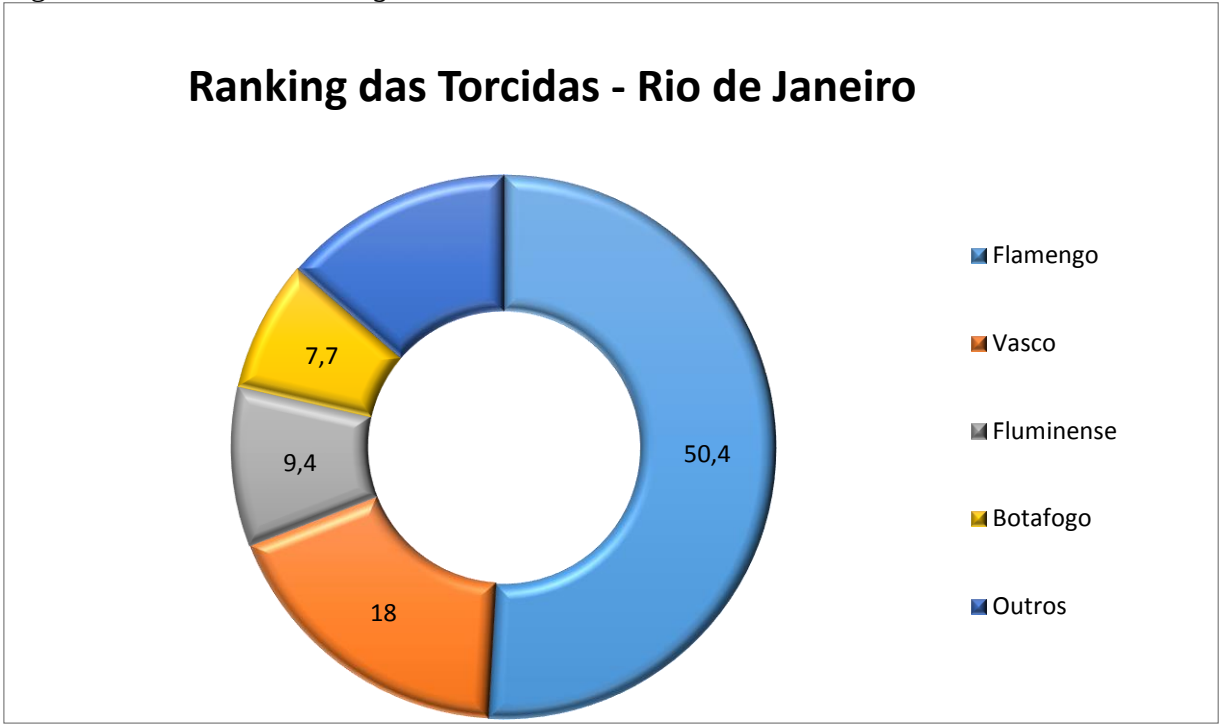
Os aficionados, simpatizantes, seguidores ou torcedores de um time de futebol ou de qualquer outro esporte praticado pelos atletas do clube, não necessariamente são sócios deste, na sua grande maioria não participam da vida social do clube. Sua participação se restringe ao comparecimento aos campos e quadras onde se pratica o referido esporte.

---

[43] Disponível em: <http://institutoinforma.com.br>. Acesso em 10 dez. 2016.

[44] Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2014/08/pesquisa-mostra-torcida-do-fla-com-grande-vantagem-sobre-rivais-no-rio.html>. Acesso em 10 dez. 2016.

Figura 7 - Gráfico do *Ranking* das Torcidas do Rio de Janeiro



Fonte: Instituto Informa - http://institutoinforma.com.br

2.1 **Autoimagem e o mito de origem**

São vários os mitos de origem encontrados no imaginário dos torcedores: a origem nobre (branca, europeia e culta) que inicialmente caracterizava os praticantes do esporte, reunidos em clubes calcados nesta premissa.

Entre eles o *Fluminense Football Club* (que mantém até hoje no seu nome a grafia em inglês), fundado em 1902, por iniciativa de alguns jovens pertencentes à elite do bairro de Laranjeiras, considerado à época um bairro nobre, e contava entre seus poucos sócios figuras com sobrenomes ilustres como os três irmãos Guinle:

> De 1902 até a época do profissionalismo, já na década de 1930, o Fluminense foi um clube de famílias ricas, como tantos outros clubes não esportivos criados no século anterior. Em seus salões eram promovidos bailes frequentados pelas melhores famílias do Rio. O futebol era apenas mais uma diversão da elite da época (MATTOS, 1997, p. 51).

As famílias ricas da época frequentavam a luxuosa sede do clube, construída nos moldes dos clubes europeus, e faziam dela um ponto de encontro exclusivo.

Aos negros era proibido até praticar o nobre esporte:

> Para o Fluminense, a origem nobre certamente não estava nos negros e índios que escureceram a pele brasileira, nem nos portugueses que vieram obrigados para o Brasil e aqui deixaram que sua raça fosse corrompida pela pele escura de negras e índias, dando origem a uma raça de mestiços. A origem nobre que faria surgir "a nova raça do nosso Brasil" estava na Inglaterra, a grande potência econômica da época, e na França, uma potência cultural (MATTOS, 1997, p.55).

Esta premissa começa a ser quebrada paulatinamente por outros clubes,[45] entre eles o Bangu A.C. e o Vasco da Gama, viria a ser derrubada com a profissionalização do futebol e a entrada maciça das camadas mais pobres da sociedade no esporte.

O "mais querido do Brasil", o Flamengo, que segundo Janet Lever é o time das massas com maior apelo popular, sem distinção de classe social e que agrega o maior número de torcedores pelo Brasil, foi fundado em 1895 como clube dedicado ao remo, esporte nobre à época. O futebol somente foi adicionado ao Flamengo em 1911 devido a uma fusão com atletas dissidentes do Fluminense.

Ao contrário do Fluminense, que detinha um luxuoso prédio como sede social integrando também um campo para jogar futebol, o Flamengo era exclusivamente um pequeno prédio de dois andares e um sótão onde se guardavam os barcos de competição e moravam alguns de seus atletas, era uma "república" e não um clube familiar.

Conforme Mattos, o Flamengo apesar de também ter sido fundado por uma elite diferente da do fluminense, já nasce com o populismo nas veias:

> Uma das primeiras medidas tomadas pela nova diretoria foi atrasar a data de fundação em dois dias (de 17 para 15 de novembro). O objetivo era fazê-la coincidir com a data da proclamação da República e, desta forma, comemorar a criação do Flamengo sempre num feriado nacional (MATTOS, 1997, p.65)

Entre outros fatores, como ter nos seus primeiros anos de vida treinado no campo público da praia do Russel e ter sido agraciado com a doação de um terreno na Gávea pelo Governo Federal na década de 1930, onde inaugurou seu estádio em 1938, nasce o mito de "o mais popular" dos clubes.

Segundo Renato Soares, na sua tese de doutorado "*Um flamengo grande, um Brasil maior: O clube de Regatas do Flamengo e o imaginário político nacionalista popular (1933 - 1955"*: Os clubes que escolheram vincular sua base identitária ao imaginário nacionalista que se difundia, conquistaram o respaldo institucional do Estado e ainda contaram com a associação à propaganda oficial, bem-sucedida na medida em que se articulavam as melhorias materiais

[45] Para um melhor entendimento sobre este detalhe ler: *Footballmania, uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902 – 1938),* de Leonardo Affonso de Miranda Pereira.

promovidas pela crescente distribuição de benefícios sociais ao trabalhador urbano.

Na década de 1930 o Flamengo passou por um processo de negação do período inicial, reinventando símbolos que permitissem superar valores elitistas e racistas, essa perspectiva atribui ao clube a marca de popularidade.

O Vasco da Gama não foi fundado pela elite e sim por comerciantes e assalariados portugueses que viviam na zona norte e nos subúrbios do Rio de Janeiro. Foi aceito na Liga participando da terceira divisão em 1916 e ascendeu à primeira divisão em 1923. Seria o precursor do profissionalismo oferecendo moradia e alimentação a seus atletas, recrutados entre os desempregados ou subempregados:

> Os desocupados ou subempregados de 1923 eram, em sua maioria, negros, mulatos ou mestiços que não encontravam uma colocação num mercado de trabalho com poucas oportunidades. Foi com eles que o Vasco montou seu time titular de três negros, um mulato e sete brancos pobres. E, para espanto de todos, vencia jogo após jogo, massacrando seus adversários. Foi com um time assim que o Vasco tinha chegado na primeira divisão. (MATTOS, 1997, p.87)

O mito da miscigenação e tolerância racial do Vasco da Gama, teria surgido, por ter sido o primeiro clube dos quatro a admitir que negros fizessem parte de seus times. Em represália, teria sido banido da Liga oficial e para voltar a fazer parte desta teve de se submeter a várias exigências, entre elas a de ter um estádio próprio. Feito alcançado em 21 de abril de 1927, com a inauguração do *Stadium* de São Januário, construído com recursos obtidos através de doações de comerciantes integrantes da colônia portuguesa. Até a construção do Pacaembu em 1942, foi o maior estádio brasileiro.

2.2 **O Botafogo de Futebol e Regatas**

O clube, como conhecemos hoje, com sua bandeira e símbolos, nasce da fusão entre dois clubes do bairro de Botafogo, dedicados a esportes diferentes: remo e futebol, em 8 de dezembro de 1942, quando a supremacia do futebol sobre o remo era incontestável.

Um grupo de remadores dissidentes do Club de Regatas Guanabarense, fundado em 1874, encabeçados por Luiz Caldas, resolveram criar o Grupo Botafogo de Regatas em 1891. Com a chegada de outros remadores, também amadores, resolveram regulamentar o funcionamento do grupo. Nascia assim, no dia 1º de julho de 1894, na enseada de Botafogo, no

Rio de Janeiro, o Club de Regatas Botafogo.

O Botafogo Football Club foi fundado por jovens estudantes da classe média carioca com idades entre 14 e 16 anos, em 12 de agosto de 1904, com o nome inicial de *Electro Club*. Nascido no Largo dos Leões, atraía patronos ricos e politicamente poderosos, que construíram um clube forte, baseado em modernas técnicas de administração (LEVER, 1983). Além do nome (Botafogo) compartiam as cores branco e negro e seus associados eram pertencentes à mesma classe social:

> O Botafogo foi fundado pelos filhos da mesma elite que deu origem ao Fluminense. Na qualidade de filhos, eles se tornaram herdeiros de um estilo aristocrático que vivia seus últimos dias de esplendor. Seus fundadores não formavam o que se poderia chamar de uma elite aristocrática autêntica. Viveram, muito mais, a decadência desta elite. Nasceram em berço esplêndido no nobre bairro de Botafogo. Nobre não é apenas força de expressão, porque foi lá que Carlota Joaquina fez construir seu palacete, na esquina da rua Marquês de Abrantes com a Praia de Botafogo. Cresceram em Botafogo, que nas primeiras décadas do século XX ainda estava longe de se transformar no bairro de passagem que se tornaria décadas mais tarde, principalmente com a explosão imobiliária na orla marítima em 40 e 50. Era uma época, como ficou registrado por Lima Barreto em texto de 1922, em que Botafogo ainda era sinônimo de riqueza e poder [...] (MATTOS, 1997, p. 107)

Com a fusão foram feitas apenas três alterações: a bandeira perdeu o escudo das letras entrelaçadas do BFC e ganhou a estrela solitária do Clube de Regatas Botafogo. O clube manteve o seu apelo para os jovens, os políticos e os novos ricos (LEVER, 1983).

Este Botafogo se extinguiu juntamente com o fim da elite do bairro que, na década de 1970, já não era considerado bairro nobre e era habitado pela classe média carioca e, a ida do clube para o subúrbio Marechal Hermes, distante mais de 40 quilômetros da Enseada de Botafogo. Segundo Mattos, o Botafogo não é mais representante de uma elite formal que deteria o poder político e econômico, mas estaria de braços dados com uma elite intelectual e formadora de opinião. Diversos jornalistas famosos eram encontrados entre os torcedores do clube: Waldyr Amaral, Maneco Müller, Marcio Guedes, João Saldanha, Luís Mendes e Armando Nogueira, entre outros. O pertencimento a uma "elite intelectual e formadora de opinião" está entre os mitos de origem mais notados do Botafogo de Futebol e Regatas, um "time diferente" (outro mito) no imaginário de seus torcedores.

O Botafogo foi o único time, por exemplo, a se mostrar contrário à profissionalização do futebol em 1933[46], ficando de fora do principal campeonato da categoria.

[46] Em 1933 aconteceu o que já era esperado há muito tempo. O falso amadorismo estava no fim. O "amadorismo marrom" estava sendo praticado às escâncaras, com o chamado "bicho", isto é, as gratificações por vitórias cada vez mais alto. Fluminense, América e Bangu se articularam no sentido de adotar, oficialmente, o profissionalismo, o que, no entender do Botafogo viria a prejudicá-lo, porque do seu time,

Mais do que diferente, existe uma necessidade de estabelecer diferenças, alimentada através da oposição.

Ao contrário dos outros três grandes do Rio, que assumem sua alteridade, como Flamengo, Fluminense e Vasco da Gama, o Botafogo não nega nem aproxima uma relação com o outro, não se acha nem melhor nem pior, apenas diferente.

Alguns lugares de memória, revisitados constantemente, revestidos de uma carga simbólica que têm uma incidência aguda na formação da identidade botafoguense são repetidos constantemente ao longo do tempo, inclusive muitos presentes na história ou na memória oficial do clube.

"*Há coisas que no universo só acontecem ao Botafogo*", esta frase eternizada pelo jornalista Armando Nogueira, e repetida constantemente pelos torcedores alvinegros, já entrou para história do futebol.

Este fato não é uma exclusividade do Botafogo, o futebol por ser um esporte imprevisível solicita o auxílio do "senso comum" para dar explicações a certos acontecimentos normais do futebol, derivados das categorias sorte, azar, milagre ou destino, entre outras, como por exemplo errar um gol com o goleiro batido ou perder para o time mais fraco do campeonato. Conforme Daolio (2005, p. 6) "o futebol brasileiro traz em sua dinâmica cultural características mágicas, religiosas, supersticiosas, crendices, etc."

Segundo o autor, uma análise baseada nesta premissa poderá explicar a aplicação de comportamentos supersticiosos dos torcedores de futebol. A crença na origem de fatos inexplicáveis e transcendentais, mas que podem ser reais, os leva à superstição. Para DaMatta (1982, p. 16) algo característico dentro do futebol brasileiro já que "jogado com os pés, o futebol fica menos previsível, o que faz com que nele se insinuem as ideias de sorte, destino, predestinação e vitória, com isso, pode-se imediatamente ligar futebol com religião e transcendência".

Por outra perspectiva o mesmo autor, entre outros, formula a hipótese segundo a qual "o futebol é um ritual, uma construção cultural que torna possível a comunicação simbólica entre participantes e conecta em uma ampla representação o sentido e os valores mobilizados

---

formado em 32, muitos não aceitariam a profissionalização. Nessa situação se encontravam Victor, Paulinho, Nilo, Moura Costa, Pedrosa, Pamplona, e outros que, realmente, nunca se tornaram profissionais. Depois de várias reuniões, o Botafogo, que ainda contava com o apoio do Flamengo e do São Cristóvão, resolveu ficar na A.M.E.A., não concordando com a fundação de nova entidade para a adoção do profissionalismo. Depois, Flamengo e São Cristóvão resolveram voltar atrás em sua decisão, deixando o Botafogo sozinho na luta pelo amadorismo. Em consequência, houve 2 campeonatos em 1933. Um pela Liga Carioca, o chamado profissional; e outro pela A.M.E.A., dito amador, sendo que este era o oficial por ser esta entidade filiada à CBD - Confederação Brasileira de Desportos, portanto com vínculo internacional com a FIFA – Federação de Football Association. "A história dos Campeonatos Cariocas de Futebol" (MERCIO, 1985).

pelos atores".

A superstição no futebol implica compreendê-lo como expressão da sociedade, e se olhado como fenômeno sociocultural, ele expressa a própria condição do ser humano, "graças aos rituais, a sociedade faz uma representação de si para si mesma, fazendo com que o futebol sirva como uma espécie de linguagem ritual por meio da qual a questão profunda da sociedade seria expressa com o orgulho, o luto e a euforia (DAOLIO, 2005).

Algumas narrativas dão conta de que o lado místico alvinegro tenha surgido com Carlito Rocha, presidente do clube entre 1948 e 1951, que exigia nos jogos do time a presença do cachorro Biriba, que pertencia ao ex-zagueiro Jamyr Sueiros, mais conhecido como "Macaé", porque considerava que o cachorro dava sorte ao clube.

O jornalista e escritor botafoguense Roberto Porto, no seu livro sobre os cem anos do clube, assim descreve o fato:

> Ex-zagueiro do clube e alvinegro de coração, a 25 de julho de 1948, Macaé decidiu assistir ao jogo Botafogo x Madureira, em General Severiano, em companhia do Biriba. O cachorro fez um tremendo sucesso nas arquibancadas do velho estádio, até porque Macaé chegou cedo, a ponto de testemunhar a goleada de 10 a 2 que os reservas aplicaram no time do tricolor suburbano. A festa foi ainda mais completa quando o Biriba entrou em campo com a equipe titular, que também goleou o Madureira, desta vez por 6 a 0. A partir daí, o supersticioso Carlito Rocha tomou-se de amores pelo cachorrinho e passou a exigir a presença dele, com Macaé, em todos os compromissos do clube da Estrela Solitária. (PORTO, 2005 p. 37).

O cachorro era tão importante para o Botafogo que por causa dele, o craque Zizinho não chegou a vestir a camisa do Botafogo. Carlito Rocha teria se negado a fechar o negócio porque lembrara que durante um jogo contra o Flamengo, depois que Biriba havia invadido o campo, o craque tentou chutar o cachorro.

A superstição está sempre presente, como por exemplo, na vitória do Campeonato Carioca de 1989.

Após 21 anos sem ganhar um título oficial, o último tinha sido a "Taça Brasil" de 1968, o time do Botafogo[47], comandado pelo técnico Valdir Espinosa, sagrou-se Campeão Carioca invicto ao derrotar o Flamengo por 1 a 0, na segunda partida das finais. O primeiro confronto terminou em um empate sem gols.

Os torcedores mais supersticiosos vislumbraram e enumeram uma série de

[47] Time do Botafogo: Ricardo Cruz; Josimar, Wilson Gottardo, Mauro Galvão e Marquinhos; Carlos Alberto Santos, Luisinho e Vítor; Maurício, Paulinho Criciúma e Gustavo (Mazolinha). Técnico: Valdyr Espinosa.

coincidências "astrais" com o fim do jejum de títulos, como mostrado no Blog do Glorioso[48].

A partida foi disputada no Maracanã no dia **21** de junho de 1989, às **21**:00 horas, a temperatura no estádio era **21** graus.

O gol foi um lançamento de Mazolinha número 14 e convertido pelo jogador Mauricio camisa número 7; 14+7 = **21**. O gol foi convertido aos 12 minutos do segundo tempo, que invertido dá novamente o cabalístico número **21**.

Existem outras singularidades, o sucesso de uma campanha passa pelo sucesso do jogador que vista a camisa com o cabalístico número 7 (sete) , discrepando com a maioria dos times brasileiros, que segundo as narrativas míticas da imprensa [49], tem na camisa 10 (dez) a representação de um maestro, um craque, aquele jogador de técnica refinada que é alicerce das vitórias.

No Botafogo, estes valores (maestro, craque, gênio) são creditados a jogadores que vestiram a camisa 7 do Botafogo, como Manoel dos Santos, Garrincha (três vezes campeão carioca em 1957-1961 e 1962; bicampeão Mundial em 1958 e 1962), Rogério Hetmanek, Jair Ventura Filho - o Jairzinho - (tricampeão do Mundo em 1970, apelidado de "furacão da Copa"), Maurício de Oliveira Anastácio, autor do gol do título estadual de 1989 e o artilheiro irreverente e ídolo Túlio "Maravilha" Pereira Costa, campeão brasileiro de 1995.

Esta memória é repetidamente acionada, como no site oficial do clube [50], com o intuito

---

[48] Disponível em: <http://gloriosobfr.blogspot.com.br/2009/10/1989-botafogo-campeao-carioca-invicto_27.html>. Acesso em 23 dez. 2016.

[49] As narrativas produzidas pelo jornalismo esportivo têm sido a fonte seminal de criação de mitos ou história de identidade no futebol. Matérias são veiculadas para tornar os leitores íntimos das diversas tradições que são construídas sobre o futebol. Fatos significativos do passado são rememorados para atender às demandas do presente. Como uma das estratégias, as narrativas jornalísticas são emitidas para a afirmação das identidades coletivas. Neste sentido o jornalismo esportivo se configura como um dos veículos mais importantes na construção e manutenção da memória. O mito fundador desta mística teria iniciado com Pelé na Copa de 58. A partir de então, a narrativa mítica iniciou uma tradição em que o valor construído culturalmente sobre o número 10, aliado ao sucesso reconhecido dos jogadores que procederam Pelé, teria criado uma estreita relação entre o "número 10" e o status de "craque" ou ídolo no futebol brasileiro. Com efeito, a forma como a "camisa 10" reside na lembrança dos atores sociais que divulgam a memória do futebol nacional indicam como este uniforme se tornou um símbolo que reforça, via futebol, a identidade nacional. Conhecer os significados que a mídia atribui à "camisa 10" auxilia compreendermos o amálgama "futebol-identidade nacional". O resgate, neste ponto, surge no sentido de perpetuar a identidade nacional, também construída a partidas imagens dos jogadores de outrora. O discurso sobre a "camisa 10" não se configuraria como mais um elemento para preservar, através de um jogo articulado de símbolos e valores, a identidade nacional? (ABRAHÃO; DI BLASI; SANTORO, 2007).

[50] Não há, no Botafogo, camisa mais importante do que a de número 7. Ainda que haja uma corrente que considere a mística da camisa 7 a partir de Garrincha, a história começou a ser construída em 1948, envergada pelo atacante Paraguaio. O jogador foi um dos grandes responsáveis pelo título carioca daquele ano, conquistado após uma vitória sobre o Expresso da Vitória vascaíno, marcou 249 gols em 579 jogos. Desde então, a camisa sempre foi reservada ao jogador diferenciado do plantel alvinegro. Já na década de 70, o clube viu surgir uma grande safra de postulantes à honraria. Jairzinho, o Furacão da Copa de 70 e um dos grandes ídolos do Botafogo, marcou 189 gols pelo Alvinegro. Rogério também foi um dos atacantes que mantiveram

de preservar o prestígio destes ex-jogadores do passado de forma romântica e saudosista, rememorando um passado vitorioso, perpetuando a identidade do clube.

No Engenhão foi inaugurada uma estátua de Garrincha, com recursos provenientes dos torcedores do clube. Poderíamos aqui citar vários jogadores do passado que não vestiram a camisa 10 e são consagrados como craques nos seus times e na seleção brasileira, por exemplo, Romário e Ronaldo Fenômeno, entre outros.

Conforme Pollak (1989), os objetos materiais são rastros de memória, produzidos mediante discursos e organizados em torno das imagens vividas e formam a unidade em torno ao time são responsáveis por guardar e materializar a memória.

Assim, a camisa 7 estaria diretamente relacionada aos ídolos do Botafogo, sendo um indicador empírico do grupo: "uma memória que ao definir o que é comum ao grupo e que o diferença dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais" (POLLAK, 1989, p. 3).

Este subcapítulo não tenta simplesmente destacar características singulares dos botafoguenses, e sim também dar ênfase à superstição com o objetivo de demonstrar como esse aspecto será adequado ao perfil do Loco Abreu, que se autoproclama místico e supersticioso. Algumas "coincidências" se darão ao longo de sua trajetória no clube. Por exemplo ter sido Zagallo – conhecido pela especial predileção pelo número 13 em todas as circunstâncias - ter entregue a camisa 13 ao Loco Abreu, igualmente supersticioso, tentando fazer um link com a mística camisa 7, que ele vestiu durante sua carreira no Botafogo.

Seria esta uma forma de consolidar a contratação de um jogador ídolo no seu país, responsável por classificar sua seleção nacional para uma Copa do Mundo, irreverente com a imprensa esportiva, goleador e com uma personalidade diferente da média dos jogadores de futebol e também supersticioso.

2.2.1 Breve Histórico esportivo

Seis anos após a fusão, em 1948, o Botafogo obtinha o primeiro título ao derrotar o

viva a mística da camisa. Apenas em 1989, após longo jejum de títulos, a camisa escolheu Maurício para ser mais um integrante da história alvinegra. Coube ao atacante decidir a partida contra o Flamengo e fazer ecoar pelo Maracanã o grito por tanto tempo contido, em um dos títulos mais importantes da centenária história do Botafogo. Seis anos depois, Túlio Maravilha herdou a responsabilidade e a honra de envergar a camisa 7. E, com ela, sagrou-se artilheiro do Campeonato Brasileiro de 95, conquistado pelo Botafogo. A mística, conta com milhares de devotos e é válida até hoje. A honraria, como se viu, é concedida a poucos. Disponível em: <http://www.botafogo.com.br/simbolos.php?cat=oclube>. Acessado em 23 dez. 2016.

lendário time Expresso da Vitória[51], do Vasco da Gama no estádio de General Severiano.

Nas décadas de 1950 e 1960, o Botafogo viveu um dos seus períodos áureos, tendo contado nos seus elencos com a participação de craques como Garrincha e Nilton Santos - ambos escolhidos como os melhores de todos os tempos em suas posições, de acordo com a FIFA - Didi, Zagallo, Amarildo, Quarentinha e Manga, entre outros.

Nas Copas do Mundo de 1958 e 1962 em que Brasil obteve o bicampeonato do Mundo, a base da seleção Brasileira era composta por jogadores do Santos Futebol Clube e do Botafogo de Futebol e Regatas.

Em 1958, na Suécia, o Botafogo cedeu três jogadores: Nilton Santos, Garrincha e Didi; em 1962, no Chile, cinco jogadores foram convocados: Nilton Santos, Garrincha, Didi, Amarildo e Zagallo.

Em 1970, no México, três jogadores do clube: Jairzinho, Paulo Cézar "Caju" e Roberto Miranda foram convocados para disputar a Copa do tricampeonato. " [...] com isso, atraia torcedores de todo o Brasil, que se ligam aos heróis nacionais que acompanham pela televisão" (LEVER, 1983).

O primeiro Campeonato Brasileiro ganho pelo Botafogo, denominado à época "Taça Brasil de Futebol" , foi conquistado em 1968, com um grande time[52].

Figura 8 - Botafogo Campeão 1968

Foto: falaglorioso.com.br - Botafogo Campeão Brasileiro de 1989. Em pé: Josimar, Ricardo Cruz, Carlos Alberto Santos, Mauro Galvão e Wilson Gotardo. Agachados: Mauricio, Luizinho, Vitor, Criciúma e Gustavo.

[51] Em 1949, o Vasco seria mais uma vez campeão invicto, com outra campanha impecável e arrasadora. O Expresso da Vitória marcou 84 gols em 20 jogos, um recorde do campeonato carioca que perdura até os dias de hoje. Dono de campanha tão invejável, o Vasco seria mais uma vez campeão invicto.

[52] Botafogo campeão de 1968: Ubirajara Motta, Moreira, Zé Carlos, Leónidas, Waltecir, Carlos Roberto, Afonsinho, Zequinha, Humberto, Ferreti e Torino (Moisés e Rogério). Técnico: Zagallo.

Entre 1969 e 1988, um período de ostracismo, o Botafogo não conquistou nenhum título oficial. Sua última conquista foi a Taça Brasil de 1968, após o que, somente alcançou no máximo o quarto lugar nas competições de que participou.

Em 21 de junho de 1989, quebrando um jejum de 20 anos, veio a histórica vitória sobre o Flamengo por 1 x 0, gol de Mauricio Oliveira, com a mística camisa 7.

Em 1995, comandado por Túlio Maravilha, - que seria o último grande ídolo - Gonçalves e Donizete, o Botafogo, com o Técnico Paulo Autuori no comando, conquistou o Bicampeonato Brasileiro.

Esta seria sua última conquista em nível nacional. O Campeonato Brasileiro de 1995 foi obtido após dois jogos tensos contra o Santos, revivendo os grandes duelos da Taça Brasil e do Torneio Rio – São Paulo, da década de 1960, entre os dois times.

Figura 9 - Botafogo Campeão 1995

Foto: Placar - Botafogo Campeão Brasileiro de 1995. Em pé: Guto, Wilson Goiano, Gonçalves, Beto, Wilson Gottardo e Wagner. Agachados: Túlio, Donizete, Moisés, Sérgio Manoel e Leandro.

2.3 **A década da contratação do Loco Abreu, contexto esportivo**

A década dos anos 2000 não foi exitosa para os botafoguenses, com elencos frágeis, salários atrasados, má gestão administrativa e baixa assistência de torcedores aos estádios foi o

período dramático da história do clube.

Comandado na parte final do Campeonato Brasileiro de Série A, por Carlos Alberto Torres, que sucedeu o técnico Ivo Wortman, em 2002 o time foi rebaixado para a segunda divisão do campeonato.

Em 2003, terminou a Série B do campeonato como vice-campeão, retornando à elite (Série A) no ano seguinte, 2004, ano do Centenário do Clube. Após uma campanha medíocre, escapou de um novo rebaixamento na última rodada graças ao empate com o Atlético Paranaense, em Curitiba e a uma combinação de resultados.

Somente no ano de 2006, após oito anos sem títulos, voltaria a ganhar um título do Campeonato Estadual do Rio de Janeiro, comandado pelo ex-jogador do clube, Carlos Roberto, vencendo a Taça Guanabara e posteriormente o Campeonato Carioca.

De 2007 a 2009, período que antecede a contratação do Loco Abreu, o Botafogo perdeu três finais consecutivas do Campeonato Carioca para seu rival, o Clube de Regatas do Flamengo e nas três, o desperdício de pênaltis por parte dos jogadores perante o goleiro Bruno foram uma constante.

2.3.1 Campeonato Estadual 2007

O Botafogo chegou à semifinal do segundo turno do Campeonato Estadual do Rio de Janeiro - Taça Rio - eliminando o Vasco da Gama, e sagrou-se campeão da competição, ao vencer a equipe do Cabofriense no segundo jogo da final, por 3 a 1. No primeiro jogo, as equipes tinham empatado em 2 a 2.

Com a conquista da Taça Rio, que corresponde ao segundo turno do Campeonato Carioca, foi disputar a final do Campeonato Estadual com o Flamengo, campeão da Taça Guanabara (primeiro turno) em dois jogos.

O empate em 2 gols, nos dois jogos, levou a decisão para os pênaltis, onde o Flamengo venceu por 4 a 2. Juninho e Lucio Flavio pelo Botafogo perderam suas cobranças, ante o goleiro Bruno do Flamengo.

A manchete do Caderno de Esportes do jornal *O Globo* relata que, apesar de ter praticado o melhor futebol do campeonato, o Botafogo teve várias chances de ganhar o jogo, mas parou nas mãos do goleiro Bruno:

> Na força da arquibancada e nas mãos de Bruno. Torcedores do Fla tomam conta do Maracanã e empurram time para a conquista, que teve o goleiro como herói" ... "Aí, quem brilhou foi o goleiro Bruno, que já tinha evitado a derrota nos 90 minutos. Com duas defesas, ele garantiu o 29º título Estadual do Flamengo (*O Globo*, 07/05/2007, p. 3).

Figura 10 - Súmula da partida final do Campeonato Estadual de 2007

FLAMENGO 2 x 2 BOTAFOGO
2º JOGO FINAL CAMPEONATO CARIOCA 2007

Data: Domingo, 6 de maio de 2007 – 16:00 h (de Brasília)
Estádio: Estádio Mário Filho "Maracanã" (Rio de Janeiro-RJ)
Público: 63.614 pagantes –
Árbitro: Sr. Djalma Beltrami (RJ)
Assistente 1: Sr. Hilton Moutinho (RJ)
Assistente 2: Sr. Dilbert Pedrosa (RJ)
Amarelos: Ibson, Willians (FLA); Emerson e Leandro Guerreiro (BOT)
Expulsão: Dodô (Bot)

Gols do Flamengo: Souza, aos 17′/2º (1-2) e Renato Augusto, aos 27′/2º (2-2)
Penalidades: Kleberson (1), Juan (2), Aírton (3), Léo Moura (4)

Gols Botafogo: Juninho, aos 11'/2º (1 a 0), Dodô aos 15'/2º (2 a 0)
Penalidades: Léo Silva (1), Juninho (x), Gabriel (2), Leandro Guerreiro (x)

BOTAFOGO: Max, Joilson, Alex, Juninho, Luciano Almeida, Leandro Guerreiro, Túlio, Lucio Flávio, Zé Roberto (André Lima), Jorge Henrique, Dodô.
TÉCNICO: Cuca

FLAMENGO: Bruno, Irineu, Ronaldo Argelim, Léo Moura, Paulinho, Jailton (Claiton), Juan, Renato, Renato Augusto, Roni, Souza.
TÉCNICO: Ney Franco.

Fernando Calazans, na sua coluna do *O Globo* da segunda-feira 7 de maio, deixa claro que o Botafogo teve o título na mão em duas oportunidades, tendo sido o time tecnicamente melhor do campeonato do Rio, melhor que o Flamengo, mas que faltou poder de decisão, lembrando que Bruno foi o grande destaque do jogo pelas defesas que realizou durante o jogo e nos pênaltis decisivos, e escreveu:

> O segundo tempo foi muito bom, com direito a tudo que não houve no primeiro: ímpeto ofensivo, oportunidades criadas, gols marcados, gols perdidos (pelo Botafogo), grandes defesas (do Bruno), e, como sempre, erros da arbitragem, o maior deles um impedimento de Dodô muito mal marcado pelo bandeirinha horroroso, quando estava 2 a 2 e o atacante estrava sozinho na área. Depois, a expulsão de Dodô foi acertada. Mas o Botafogo foi claramente prejudicado no lance (*O Globo*, 7/5/16, p 3).

O árbitro Djalma Beltrami, admitiu que errou na partida, anulando um gol legítimo de

Dodô, nos minutos finais do segundo tempo, que daria o título ao alvinegro. Seguidamente, mostrou cartão vermelho para o atacante. Nas declarações ao jornalista Rodrigo Viga ele assumiu o erro, mas dividiu a culpa com a bandeirinha: "Até aquele momento ia bem. Houve a marcação do auxiliar, e eu não poderia ignorar ...", acrescentando que expulsou Dodô na sequência do lance porque o jogador ignorou a marcação de impedimento: "Todo mundo viu que ele nem comemorou o gol. Ele sabia que o lance estava parado" (O Globo, 7/5/16, p 3)

2.3.2 Campeonato Estadual 2008

Após eliminar o Flamengo por 3 a 0 na semifinal, e o Fluminense por 1 a 0, na final da Taça Rio, o Botafogo foi decidir o Campeonato Estadual mais uma vez com o Flamengo, campeão da Taça Guanabara. O título foi decidido em dois jogos; no primeiro jogo o Botafogo venceu o Flamengo por 1 a 0, mas foi derrotado no segundo jogo por 3 a 1, perdendo a segunda final do Estadual consecutiva, novamente com direito a polêmica.

Figura 11 - Súmula da partida final do Campeonato Estadual de 2008

BOTAFOGO 1 x FLAMENGO 3
2º JOGO FINAL CAMPEONATO CARIOCA 2008

Data: Domingo, 4 de maio de 2008 – 16:00 h (de Brasília)
Estádio: Estádio Mário Filho "Maracanã" (Rio de Janeiro-RJ)
Público: 78.716 pagantes (+ de 80 mil) – R$ 1.715.135,00
Árbitro: Sr. Luis Antonio Silva dos Santos (RJ)
Assistente 1: Sr. Diberto Pedrosa Moises (RJ)
Assistente 2: Sr. Jorge Luis Campos Roxo (RJ)
Amarelos: Fabio Luciano, Ronaldo Argelim e Toró (FLA); Andre Luis, Jorge Henrique, Renato Silva, Túlio e Wellington Paulista (BOT)
Expulsão: Renato Silva (Bot) , 30′/2º tempo

Gols do Flamengo: Obina, aos 33' 2º (1-1), Diego Tardelli aos 37'2º (2-1) Obina, aos 46'2º (3-1)

Gols Botafogo: Lucio Flavio, aos 22′/1º (1-0)

BOTAFOGO: Renan, Alessandro, Renato Silva, André Luís, Zé Carlos (Fábio), Leandro Guerreiro, Tulio (Edson), Diguinho (Adriano Felício) Lucio Flávio, Jorge Henrique, Wellington Paulista.
TÉCNICO: Cuca

FLAMENGO: Bruno, Fábio Luciano, Ronaldo Argelim, Juan, Jailton, Cristian (Obina), Ibson (Diego Tardelli), Toró, Marcinho (Kleberson) Souza.
TÉCNICO: Joel Santana.

A polêmica teve início no sorteio dos árbitros para a partida: foi eleito Luís Antônio Silva dos Santos - o outro juiz no sorteio seria Djalma Beltrami - desafeto do Botafogo pelo incidente da final de 2007.

A explosão ocorreu quando o juiz marcou pênalti a favor do Flamengo, cometido sobre o capitão rubro-negro Fabio Luciano. Tulio chegou a pedir substituição alegando não possuir mais condições psicológicas de permanecer na partida.

A capa do jornal *O Globo*, não leva em conta a polêmica, destacando o feito histórico:

> Flamengo é superior na arquibancada, no campo e, agora na história: venceu o Botafogo por 3 a 1 e conquistou seu 30º título carioca, mesmo número que o Fluminense, E o sexto troféu em dez anos (*O Globo*, 05/05/2008, p. 1).

Por conta da entrevista coletiva ao final do jogo dada pelo presidente do Botafogo, Bebeto de Freitas, junto ao técnico Cuca, em que ambos choraram de indignação, a final ficou conhecida como a partida do chororô.

2.3.2 Campeonato Estadual 2009

A final do Estadual do Rio de Janeiro foi com os mesmos protagonistas pela terceira vez consecutiva, e foi decidida em dois jogos que terminaram em empate em dois tantos.

O primeiro jogo foi equilibrado com certa vantagem para o Botafogo até o momento em que o lateral Alessandro do Botafogo cometeu o pênalti no lateral Juan, do Flamengo.

Com a vantagem, o Flamengo passou a dominar as ações. Aos 37 minutos Juninho de falta empatou o jogo. Faltando um minuto para o fim de primeiro tempo Maicosuel bateu falta na área e Reinaldo fez de cabeça o gol da virada.

Como no Botafogo nada é fácil, num mesmo lance, num momento crucial da partida os dois melhores jogadores do elenco do Botafogo se lesionaram, o atacante botafoguense Maicosuel e Reinaldo saíram do jogo aos 16 minutos do segundo tempo.

Antes de sair, Maicosuel foi agredido e ameaçado pelo lateral Juan do Flamengo, que reagiu à um drible desconcertante.

O Botafogo iria para o segundo jogo desfalcado de dois de seus melhores jogadores e sem substitutos no banco de reservas à altura.

Novamente, como sucedera na final de 2007, a decisão do Campeonato Estadual de

2009 foi para os pênaltis, após um empate em 2 a 2 no tempo regulamentar. Mais uma vez o Flamengo venceu nos pênaltis por 4 a 2.

Figura 12 - Súmula da partida final do Campeonato Estadual de 2009

FLAMENGO 2 x 2 BOTAFOGO
2º JOGO FINAL CAMPEONATO CARIOCA 2009

Data: Domingo, 3 de maio de 2009 – 16:00 h (de Brasília)
Estádio: Estádio Mário Filho "Maracanã" (Rio de Janeiro-RJ)
Público: 78.393 pagantes (+ de 84 mil) – R$ 1.989.415,00
Árbitro: Sr. Péricles Bassols Cortez (RJ)
Assistente 1: Sr. Wagner de Almeira Santos (RJ)
Assistente 2: Sr. Vinícius da Vitória Nascimento (RJ)
Amarelos: Ibson, Willians (FLA); Emerson e Leandro Guerreiro (BOT)
Expulsão: Fábio Luciano, 48′/2º tempo

Gols do Flamengo: Kleberson, aos 19′/1º (1-0) e 2-0 Kleberson (Falta), aos 38′/1º (2-0)
Penalidades: Kleberson (1), Juan (2), Aírton (3), Léo Moura (4)

Gols Botafogo: Juninho (Falta), aos 16′/2º (1-2) e Túlio Souza, aos 18′/2º. (2 a 2)
Penalidades: Léo Silva (1), Juninho (x), Gabriel (2), Leandro Guerreiro (x)

BOTAFOGO: Renan, Emerson (Jean Carioca) , Juninho, Leandro Guerreiro, Alessandro, Léo Silva, Fahel, Eduardo, Túlio Souza (Rodrigo Dantas), Thiaguinho (Gabriel) Victor Simões.
TÉCNICO: Cuca

FLAMENGO: Bruno, Aírton, Fábio Luciano, Ronaldo Argelim, Léo Moura, Willians, Ibson, Kleberson, Juan, Erick Flores (Obina), Emerso (Josiel)
TÉCNICO: Ney Franco.

Os botafoguenses Juninho e Leandro Guerreiro perderam suas cobranças novamente frente ao goleiro Bruno, que foi o herói da conquista.

No tempo normal Bruno já tinha defendido outro pênalti, mal executado por Vitor Simões. Bruno foi considerado à época o melhor goleiro do Brasil e, pela terceira vez consecutiva, tinha destacada atuação em finais frente ao Botafogo garantindo o título estadual para seu clube, tornando-se o algoz do alvinegro:

> [...] milhões de corações na torcida e um herói no gol, a imensidão de um clube e talento de Bruno dão ao Flamengo o quinto tri e a hegemonia numa final dramática" [...] " E porque o Flamengo venceu? Por seus jogadores, pelos três pênaltis que Bruno pegou [...] (O Globo, 04/05/2009, p. 1).

Como podemos observar, os três anos anteriores à contratação do Loco Abreu foram marcados por três derrotas seguidas em finais do campeonato estadual para seu maior rival, o Clube de Regatas do Flamengo, duas das decisões perdidas por pênaltis e tendo como destaque

das vitórias o goleiro Bruno do Flamengo, que um ano mais tarde seria protagonista do lance que colocou o Loco Abreu na memória dos botafoguenses.

As notícias abaixo, extraídas do jornal *O Globo*, descrevem exatamente a situação vivida pelo Botafogo no final do ano de 2009 no Campeonato Brasileiro:

HEXA: Flamengo com a cara de Andrade ganha seu sexto título brasileiro em tarde sofrida. Essa foi a primeira página do jornal, contrastando com a situação de dois de seus rivais, Fluminense e Botafogo, que lutaram até a última rodada do Campeonato Brasileiro para não serem rebaixados para a Segunda Divisão do futebol brasileiro.

SALVOS: Essa era a manchete do caderno de esportes do *O Globo* do mesmo dia, referindo-se às vitórias do Fluminense e Botafogo no domingo anterior e sua permanência na primeira divisão do futebol brasileiro, na última rodada. Em meia página, a foto do jogador Leandro Guerreiro do Botafogo com a legenda: "Emoção no Engenhão: Leandro Guerreiro vibra com a vitória do Botafogo sobre o Palmeiras (2 a 1) e a permanência na Primeira Divisão". (*O Globo*, 07/12/2009):

Na página quatro do mesmo caderno a matéria comenta: "empurrado pela arquibancada, time joga com o coração, vence o Palmeiras e se mantém na elite do futebol brasileiro" (*O Globo*, 07/12/2009).

O drama que vivia a torcida do Botafogo no final do ano 2009 está descrito no desabafo do post no Blog Taverna Alvinegra: *Acabou-se o pesadelo!!*, e no corpo da matéria as razões:

> Acabou-se o pesadelo que foi 2009, e que ninguém se engane, pois o principal responsável pela manutenção do nosso Botafogo na elite do futebol foi Jefferson. Sim, meus caros leitores, agradeçam a Jefferson, pois se não fosse por ele já estaríamos rebaixados há muito. Espero sinceramente que a diretoria tenha aprendido a lição a duras penas. O (sic) BFR não é time pequeno, não é time *pra* lutar contra o rebaixamento, vocês deveriam reconhecer a grandeza do nosso BFR e saber que com elenco pequeno e técnico medíocre (sic) (Ney Frango) nós só poderíamos mesmo estar lutando pelo rebaixamento[53].

É neste contexto, com a perda de três finais estaduais consecutiva para o Clube de Regatas do Flamengo, que se dá a contratação do Loco Abreu em janeiro de 2010, como analisaremos no próximo capítulo.

[53] Disponível em: <https://tavernalvinegra.wordpress.com/tag/campanha-do-botafogo-2009/>. Acesso em 15 mar. 2016.

3 A CONTRATAÇÃO DO LOCO ABREU

Além do mal desempenho esportivo no futebol, como observamos no final do capítulo dedicado ao Clube Botafogo de Futebol e Regatas, outra ameaça: a torcida do Botafogo estaria envelhecendo e precisava de ídolos para atrair e criar uma nova geração de torcedores.

Em 2 de janeiro de 2010, no seu caderno de esportes, o jornal *O Globo* publica uma entrevista com o presidente do Botafogo à época, o senhor Mauricio Assumpção, que ciente da situação precária do clube em termos esportivos e financeiros promete a contratação de um atleta que ajudaria a reverter essa situação:

> É um nome de um jogador que vai mexer com o torcedor e virá de fora. A torcida vive de ídolos e o Botafogo tem que criar e manter ídolos para a torcida crescer. Só com ídolos e trabalho na base revelando jogadores é que o panorama vai mudar. Vou sair do clube após cumprir três anos de mandato e prometo que o time vai estar disputando a Libertadores. Temos que ter uma equipe forte, credibilidade, planejamento e salários em dia. Penso nisso 24 horas por dia (*O Globo*, 2/1/10).

Como todo discurso, o pronunciamento do presidente do clube deve ser analisado nas circunstâncias em que foi produzido, não é possível ignorar que uma determinada declaração ocorre em função de um contexto e que algumas condições deste influenciam na construção do mesmo (FONSECA JR. 2008, p.287).

Num outro trecho destaca a necessidade do clube de ter que "criar ídolos", fatos que segundo Helal são imprescindíveis:

> Um fenômeno de massa não se sustenta sem a presença de "estrelas". São elas que atraem as pessoas aos eventos e transformam-se em um referencial para os fãs. De saída, uma diferença básica entre ídolos do esporte e ídolos de outros universos, como música e dramaturgia, por exemplo mostra-se reveladora. Enquanto os primeiros possuem características que os transformam em heróis, os do outro universo raramente possuem estas qualidades. (HELAL, 1999)

O Botafogo precisava de uma estrela pronta - o processo de criação de um ídolo não acontece de forma instantânea - que atraísse torcedores ao estádio e nada melhor do que uma contratação de impacto, de alguém que estivesse em evidência no âmbito esportivo, dentro do orçamento e com o perfil de atleta desejado dentro da filosofia do clube. O último ídolo do Botafogo tinha sido o atacante Túlio Maravilha, na metade da década de 1990.

Se por um lado a paixão ligada à fidelidade clubística (DAMO, 2005) fazem com que os torcedores não abandonem um time porque não ganha títulos, a falta de títulos dificulta de

certa maneira o surgimento de uma nova geração de simpatizantes ou futuros torcedores, pondo em risco a continuidade e tradição do clube.

O Loco Abreu estava em evidência no mundo esportivo, por muito tempo era ídolo do *Club Nacional de Football* de Montevidéu, e recentemente tinha sido alçado à condição de herói uruguaio, devido ao gol que classificou o Uruguai para o Mundial de 2010 realizado na África do Sul.

Viria com a missão de devolver ao Botafogo o protagonismo de outras épocas e acabar com a hegemonia do Flamengo no Campeonato Carioca que já durava três anos.

No dia 4 de janeiro, no jornal *O Globo*, sai a notícia da contratação de Sebastian Abreu por dois anos, informando que:

> [...] ele já defendeu a seleção uruguaia em 50 jogos marcando 27 gols. O último jogo foi contra a Costa Rica, no Estádio Centenário, que com um empate em 1 a 1, gol do "Loco", garantindo a vaga do Uruguai na Copa do Mundo de 2010, na África do Sul (*O Globo*, 4/1/2010).

No corpo da matéria, o texto ressalta algumas características do jogador:

> Jogador com boa presença de área, e do tipo que acredita em todas as bolas que disputa. Abreu é conhecido pela sinceridade nas suas opiniões, estando longe de ser um jogador politicamente correto. Supersticioso, o jogador usa o número 13 nas camisas do time em que atua, além da seleção uruguaia. Ele lembra Zagallo que durante anos brilhou no Botafogo e sempre fez apologia do número 13. Zagallo deverá ser convidado por Mauricio Assumpção para entregar a camisa ao jogador (*O Globo*, p. 24, 4/1/2010)

Fica evidente na matéria, que foi contratado um jogador que tinha no seu perfil alguns elementos que rapidamente poderiam identificá-lo com a torcida: supersticioso, estava passando por um momento épico na sua vida profissional, acabara de classificar o seu país para uma Copa do Mundo e se adequava ao contexto do clube e ao anseio da torcida.

No entanto a matéria não esclarece porque ele estaria longe de ser um jogador politicamente correto apesar de ser conhecido pela sua sinceridade segundo o texto, concordamos com Simoni Lahud Guedes quando afirma:

> A imprensa (falada, escrita, televisada) produz, de fato, as leituras autorizadas dos eventos que ocorrem no futebol, muitas vezes, consagrando determinadas versões. Trata-se de um "discurso de autoridade" cuja especificidade, como diz Bourdieu (1996, p. 91) "reside no fato de que não basta que ele seja compreendido (em alguns casos, ele pode inclusive não ser compreendido sem perder o seu poder), é preciso que ele seja reconhecido enquanto tal para que possa exercer seu efeito próprio (GUEDES, 2001)

Nesse sentido podemos interpretar que para a imprensa esportiva, o Loco Abreu seria um "jogador problema" ou "rebelde", que como característica comum disputa com o "discurso autorizado" da imprensa o direito da autoridade desse discurso como afirma Simoni Guedes: "são, em geral produtores constantes de discursos dissonantes, alimentando continuamente a imprensa com suas declarações contundentes (GUEDES, 2001).

É um jogador que costuma ser goleador na maioria dos clubes em que atuou, o que lhe rende uma certa idolatria. Usa invariavelmente a camisa número 13, o que denota uma certa superstição, característica muito presente no imaginário dos torcedores botafoguenses.

O Loco Abreu chegou no Botafogo no início de 2010, com o *status* de "salvador da pátria", em meio a um processo de profunda reformulação; mais de quinze jogadores tinham deixado o clube.

Contratações como o argentino Herrera, Renato Cajá e Marcelo Cordeiro, além de alguns jovens da base promovidos a profissionais viriam compor o elenco botafoguense para 2010, numa tentativa de reverter a sequência de derrotas para o Flamengo.

Esta seria a missão da jornada do atleta, ajudar a reverter a perda de três finais consecutivas para o Flamengo e colocar o Botafogo novamente num lugar de destaque.

Abreu traria consigo uma característica que agrada ao torcedor brasileiro, que a pede em coro nos jogos pelo Brasil afora: "garra! ... queremos garra!".

Ele seria um atleta de forte personalidade e experiente, exerce liderança positiva nos times por que passa, é um agregador dentro de qualquer grupo.

Washington "El Maestro" Tabárez, Diretor Técnico da seleção uruguaia, em entrevista exclusiva que realizei no *Complejo Celeste*, Centro de Treinamento das seleções uruguaias de futebol, nos arredores de Montevidéu, afirmou que apesar de Sebastian Abreu estar em fim de carreira na seleção, a sua presença é de fundamental importância no vestiário e na motivação dos companheiros devido à sua experiência, inclusive internacional.

Sebastian Eguren, meio campo do Nacional de Montevidéu e companheiro da seleção uruguaia, definiu numa entrevista a mim concedida em *Los Cespedes*[54], centro de treinamento do Nacional de Montevidéu, o que todos os jogadores da seleção uruguaia pensam e sentem a respeito do Loco Abreu:

> É um desses personagens bonitos que se o futebol ou a vida não o tivessem proporcionado, teríamos que inventá-lo. Um dos poucos ídolos respeitado por todas as torcidas, por exemplo: aqui no Uruguai é ídolo do Nacional e respeitado pela torcida do Peñarol, sabe como poucos dar tudo de si para sua torcida sem desrespeitar

[54] Centro de Treinamento do Club Nacional de Fútbol, em Montevidéu, Uruguai.

> a torcida adversária. Um dos poucos jogadores que tem entrega total ao esporte e reconhece o verdadeiro lugar do público nesta relação.

Na entrevista exclusiva do Loco Abreu que realizei para esta dissertação, na sua residência de Montevidéu, sobre a sua contratação pelo Botafogo ele declarou:

> [...] quando meu agente me informou da intenção do Botafogo Futebol e Regatas em me contratar, a minha primeira reação foi de surpresa devido ao fato de o convite vir de um país que produz muitos atacantes de qualidade reconhecida, o simples fato de prestarem atenção em mim, me deixou muito orgulhoso e me deu maior responsabilidade, conhecia a história do Botafogo e sabia da sua importância no futebol brasileiro.

Confidenciou-me que estudou a fundo a história do clube, suas ambições e carências. Num segundo momento, como é de praxe para ele, se informou com amigos uruguaios, também profissionais do esporte, entre eles o goleiro Castillo e o meio-campista Arevalo Rios, sobre a real situação do time e do clube que iria enfrentar, caso assinasse o contrato:

> [...] antes de tudo, por uma questão de respeito, quando surge uma oportunidade de contratação e se torna concreta, rapidamente vou procurar informações sobre a história do clube, suas conquistas e seus sonhos, os jogadores que marcaram época. Depois vou à atualidade esportiva, econômica e institucional. Mas, tudo ficou muito fácil quando me falaram que era o Botafogo; quem conhece futebol sabe da história do clube, das glórias e dos ídolos. Soube também que tinham alguns problemas institucionais, que esportivamente vinha de uma sequência de três derrotas para o Flamengo, seu tradicional rival e que procurava dar uma reviravolta na situação para angariar novamente a confiança da torcida. Outro fator que me fez tomar a decisão de vir para o Botafogo, foi o fato de o convite vir de um país que produz muitos atacantes de qualidade reconhecida, o simples fato de prestarem atenção em mim, me deixou muito orgulhoso e me deu maior responsabilidade. Se você procurar pelas entrevistas da época, eu falo sobre isso, sobre conhecer a situação e marquei meu compromisso em ajudar a revertê-la. Isto ajudou a ganhar rapidamente o carinho dos torcedores. Não só pela promessa de gols, mas porque perceberam que eu era um jogador que chegou preocupado em conhecer a história do clube e se propor dentro de suas possibilidades ajudar a modificar a situação.

Evidentemente é um profissional com um perfil socioeconômico e cultural acima da média dos jogadores profissionais brasileiros[55], antes de ser apresentado como jogador contratado, ele, como excelente gestor de sua imagem e carreira, procurou estudar a história do clube e obter informações sobre o momento que vivia o clube, e, o mais importante: detectou as maiores dificuldades e rivalidades, que com certeza o ajudaram a mapear as áreas onde deveria atuar para se tornar um ídolo.

Com esta contratação estaria nesse momento selada a paz entre a diretoria do Botafogo

[55] Loco Abreu possui formação universitária em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

e a sua torcida; os diretores escutaram o apelo da torcida efetuado ao final do Campeonato Brasileiro de 2009, quando o time somente evitou o descenso à série "B" na última rodada, como explorado no capítulo dedicado ao clube. Foi contratado um jogador de expressão internacional e em evidência na mídia.

Sebastian Abreu foi recepcionado por um grupo de 50 torcedores no aeroporto Tom Jobim, no Rio de Janeiro, que lhe entregaram a camisa com seu nome e o número 13 estampados; agradeceu e prometeu: "recepção linda, estou muito feliz em vir jogar no Botafogo. Vou dar o máximo para retornar este carinho. Estou ansioso por assinar o contrato e conhecer meus novos companheiros" (*O Globo*, 5/01/2010, p.30).

Figura 13 - Loco Abreu chega ao aeroporto

Fonte: Divulgação BFR

Após um dia de sua chegada ao clube, as cinquenta camisas oficiais, disponibilizadas para venda, já tinham sido vendidas nas primeiras quatro horas.

O seu prestígio frente à torcida se legitimou ao receber - em um ato recheado de simbolismo - a camisa oficial com o número 13 das mãos de Mario Jorge Lobo Zagallo, ex-jogador que atuava com a mítica camisa sete alvinegra e ex-técnico do alvinegro, conhecido admirador do número 13, que desejou boa sorte ao atacante e declarou: "Hoje estou ao lado do grande artilheiro do futebol uruguaio e tenho certeza de que os gols que ele fez no Uruguai serão repetidos aqui no Botafogo. O clube ganhou um grande reforço e está no caminho certo" (*O Globo*, 7/01/2010, p.30).

O mesmo Zagallo em entrevista ao site Globo.com declarou: " Se ele tiver a mesma

felicidade que eu tive quando comecei a usar a camisa 13 [...] A sorte dele já veio do Uruguai, e espero que no Botafogo ele tenha o mesmo sucesso"[56].

Esta declaração de Zagallo denota uma certa ação de marketing por parte dos dirigentes do clube, ele nunca vestiu a camisa 13 como jogador do Botafogo.

Esta atitude da diretoria sugere-me que a utilização do ídolo do passado, Zagallo, para fazer entrega da camisa 13 ao futuro ídolo foi uma associação neste sentido, com certos componentes de marketing e dá início à construção da idolatria:

> Os clubes têm uma miríade de memórias estocadas em suas atas, museus, e documentos e nas histórias de seus torcedores, gestores, mídias, atletas e ex-atletas que podem, se bem trabalhadas, ser transformadas em efetivas ações de marketing. (GRANJA, 2015 p. 16)

Convidar um dos maiores ídolos botafoguenses e ex-técnico do clube, que vestiu a mítica camisa 7, para fazer entrega da camisa 13 ao Loco Abreu, perpassa a superstição de ambos com o número.

Por Zagallo nunca ter vestido a camisa 13 como jogador profissional, me inclino a pensar que foi uma tentativa de associar o valor simbólico da camisa sete do Botafogo com o número 13, favorito de ambos, Loco Abreu e Zagallo e com a também superstição da maioria dos torcedores do clube. Enfim, também foi um amuleto protetor contra as forças rivais que ele iria enfrentar.

Com efeito, a forma como a "camisa 7" reside na lembrança dos atores sociais que divulgam a memória do futebol do Botafogo indicam como este uniforme tornou-se um símbolo que reforça, via futebol, a identidade clubista, "este acionamento de memória faz-se no sentido de preservar a lembrança prestigiosa dos ex-jogadores e de utilizar imagens, narrativas ou lembranças para preservar e perpetuar a identidade do clube" (ABRAHÃO; DI BIASE; SANTORO, 2007).

Sobre o fato de ter recebido a camisa do clube pelas mãos de Mario Jorge Lobo Zagallo, o Loco Abreu, na mesma entrevista exclusiva a mim concedida para este trabalho acima mencionada, declarou a mim: "Zagallo, um eterno ganhador... vou encarar este ato pelo lado religioso...para mim foi como uma benção papal, ele me abençoou, me abriu as portas do caminho...só tive que transitar..."

[56] Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/loco-abreu-recebe-de-zagallo-camisa-13-do-botafogo-3073146>. Acesso em 26 jan. 2017.

Figura 14 - Zagallo entrega camisa 13 ao Loco Abreu

Fonte: oglobo.globo.com/esportes

O primeiro treino com bola no Botafogo foi no Estádio Eucyr Resende de Mendonça, em Saquarema, na quinta-feira 14 de janeiro de 2010, na região dos lagos do Rio de Janeiro, onde o elenco do alvinegro estava realizando a pré-temporada.

O treino foi realizado sob o comando do técnico Estevam Soares, no período noturno, por causa do forte calor.

Loco Abreu treinou entre os reservas, já que a sua documentação não ficaria pronta para a estreia do Botafogo no Campeonato Carioca, contra o Macaé, em Campos, cidade do norte do Estado do Rio de Janeiro.

A diretoria buscou agilizar a documentação para que pudesse fazer a sua estreia na segunda rodada do Carioca contra o Friburguense no Engenhão.

No caderno de esportes do jornal *O Globo* do dia 15 de janeiro de 2010, a notícia comentava que Abreu se destacou no treino: "[...] dando inclusive um "chapéu" no lateral-esquerdo Marcelo Cordeiro", e comenta que: "O Loco Abreu foi aplaudido até tomando chimarrão".

Figura 15 - Loco Abreu com o chimarrão no treino

Foto: Divulgação BFR

3.1 **Taça Guanabara 2010**

Devido à falta de regularização dos documentos, nas duas primeiras rodadas do primeiro turno do Campeonato Estadual, denominado Taça Guanabara, o Loco também não conseguiu fazer a sua estreia no time.

Esta iria ocorrer somente contra o Vasco da Gama, na terceira rodada do campeonato, em 23 de janeiro de 2010, no Engenhão [57].

A estreia não poderia ter sido mais traumática. O Botafogo sofreu uma goleada de 6 a 0, para o Vasco da Gama. Comandado por Dodô, no seu primeiro clássico, após suspensão de 15 meses por doping, o time do Vasco goleou o Botafogo com merecimento.

VASCO DA GAMA 6 x 0 BOTAFOGO

Estádio: Olímpico João Havelange (Engenhão), Rio de Janeiro (RJ)
Data/hora: 24/01/2010 - 19h30 (de Brasília)
Árbitro: Wagner do Nascimento Magalhães (RJ)
Público: 25.052 pagantes

BOTAFOGO: Jefferson; Alessandro, Wellington, Antônio Carlos, Marcelo Cordeiro, Leandro Guerreiro, Fahel, Lúcio Flávio (Renato Cajá) Herrera, Loco Abreu (Somália).
Técnico: Estevam Soares.

Abreu foi substituído no intervalo do primeiro tempo, dando lugar ao jogador Somália. O meio campista Carlos Alberto Gomes tinha sofrido uma lesão na virilha e o técnico Estevão Soares resolveu fortalecer o meio de campo tirando o atacante estreante.

O Botafogo estreou nesse dia o quarto uniforme (figura 16), uma camisa em tons cinza e preto.

[57] O estádio é conhecido popularmente pelo nome de "Engenhão", devido à sua localização, no bairro Engenho de Dentro. A denominação de "Estádio Olímpico João Havelange" foi instituída pelo Decreto nº 23057 de 26 de junho de 2003 da prefeitura do Rio de Janeiro, em homenagem ao brasileiro ex-presidente da FIFA João Havelange, porém o nome fantasia, que é de fato utilizado, foi alterado oficialmente para Estádio Nilton Santos, a mudança foi publicada em diário oficial em 10/2/2015.

Figura 16 - Estreia do 4º uniforme do Botafogo

Foto: Divulgação BFR

Esse dia tinha começado com a festa da torcida alvinegra, inaugurando a estátua de Garrincha na área externa do estádio Engenhão. A estátua de bronze foi esculpida pelo artista plástico Edgar Duvivier e patrocinada por um grupo de torcedores que dividiram entre eles o valor de R$ 56.000,00.

A Figura alcança 2.5 metros de altura e está sobre um pedestal de granito de 2 metros. Familiares do ídolo e mais de três mil torcedores se reuniram, cantaram e jogaram papel picado no setor oeste do estádio. O ex-atacante Mauricio, um dos que honraram a camisa 7 de Garrincha, autor do gol do título estadual de 1989 e Amarildo, companheiro de Garrincha no Botafogo e na seleção brasileira, estiveram presentes entre os participantes da homenagem.

BOTAFOGO 2 x 1 AMÉRICA

Estádio: Olímpico João Havelange (Engenhão), Rio de Janeiro (RJ)
Data/hora: 30/1/2010 - 17h (de Brasília)
Árbitro: Luís Antônio Silva dos Santos (RJ)
Renda e Público: R$ 73.915,00 e 5.816 presentes

GOLS: Adriano, 23'/1ºT (1-0); **Loco Abreu, 35'/1ºT (1-1)**; Caio, 42', 2ºT (2-1)
BOTAFOGO: Renan; Alessandro, Antônio Carlos, Wellington (Diguinho), Fabio Ferreira e Marcelo Cordeiro; Eduardo, Renato Cajá (Caio - 14', 2ºT) e Lucio Flavio; Herrera (Somália - 43', 2ºT) e Loco Abreu.
Técnico: Joel Santana.

Figura 17 - Inauguração da estátua de Garrincha

Foto: johnbfr.wordpress.com

Não foi possível obter informações se a estreia do Loco Abreu, exatamente no dia da inauguração da estátua de Garrincha, foi um ato planejado ou uma obra de acaso. A estreia estava condicionada a liberação da documentação perante a Federação Estadual.

Na quinta rodada da Taça Guanabara, no dia 30 de janeiro de 2010, na vitória por 2 a 1 contra o América no Engenhão, foi a estreia do novo treinador, Joel Santana e o primeiro gol convertido pelo Loco Abreu com a camisa do Botafogo, aos 35 minutos do primeiro tempo, empatando a partida. Este gol não teve maior destaque na imprensa, no caderno de esportes do *O Globo* somente uma foto pequena com uma legenda.

MADUREIRA 1 x 4 BOTAFOGO

Estádio: Maracanã, Rio de Janeiro (RJ)
Data/hora: 4/2/2010 - 19h30 (de Brasília)
Árbitro: Wagner do Nascimento Magalhães (RJ)
Renda e Público: R$ 158.805 e 9.808 pagantes
GOLS: Fábio Ferreira, 39'/1ºT (0-1), Caio, 31'/2ºT (0-2) Valdir, 36'/2ºT (1-2), Fahel 38'/2ºT (1-3), **Loco Abreu 42'/2ºT (1-4)**
BOTAFOGO: Jefferson; Alessandro, Fahel, Fábio Ferreira e Antônio Carlos; Leandro Guerreiro, Eduardo, Lucio Flavio (Caio, 30'/2ºT) e Marcelo Cordeiro; Herrera (Somália, 40'/2ºT) e Loco Abreu (Júnior, 44'/2ºT).
Técnico: Joel Santana

Mais um gol do Loco na sexta rodada da Taça Guanabara no dia 4 de fevereiro, na vitória por 4 a 1, sobre o Madureira no Maracanã, neste jogo recebeu nota 7 do jornal *O Globo*[58],

[58] *O Globo*, 05 de fevereiro de 2010, Esportes, p. 34.

destacando sua importância nas jogadas aéreas incomodando a defesa do Madureira. Participou no terceiro gol e marcou o quarto aos 42 minutos da etapa complementar.

Seria no próximo jogo, na sétima rodada, no dia 6 de fevereiro, que a estrela do Loco começaria a brilhar, fez três gols de cabeça na vitória de virada por 5 a 2 frente ao Resende, após ter sofrido um gol com 35 segundos de jogo.

BOTAFOGO 5 x 2 RESENDE
Estádio: Olímpico João Havelange (Engenhão), Rio de Janeiro (RJ)
Data/hora: 7/2/2010 - 17h (de Brasília)
Árbitro: Gutemberg de Paula Fonseca (RJ)
Renda/público: não disponível
GOLS: Elias, 30''/1°T (0-1); **Loco Abreu, 17'/1°T (1-1); Loco Abreu, 30'/1°T (2-1); Loco Abreu, 10'/2°T (3-1)**; Marcelo Cordeiro, 20'/2°T (4-1); Wellington Júnior, 32/2°T (5-1); Elias, 45'/2°T (5-2)
BOTAFOGO: Jefferson, Wellington, Fahel e Fábio Ferreira; Alessandro, Leandro Guerreiro (Diguinho, 28'/2°T), Eduardo, Lucio Flavio (Somália, 24'/2°T) e Marcelo Cordeiro (Wellington Júnior, 21/2°T); Caio e Loco Abreu.
Técnico: Joel Santana.

Ao final da partida, o técnico Joel Santana elogiou o atacante uruguaio nas suas declarações ao jornal *O Globo*, que deu a nota 9.5 ao jogador: "Ele desencantou num bom momento, e dentro da área é um perigo. Não é um jogador importante dentro da seleção uruguaia a troco de nada. É bom e experiente" (*O Globo* 08/02/2010, p. 3).

Na coluna do caderno de esportes do jornal *O Globo*, Fernando Calazans escreveu:

> Nada mais que 30 e poucos segundos de jogo, e o Resende meteu um gol no Botafogo [...] Logo o Botafogo se recompôs, e a cabeça do Loco Abreu pairou no estádio com três gols em bolas altas, como é seu forte. Aí já estava resolvida a parada". (*O Globo*, 8/02/10, p 2)

O Loco saiu do Engenhão com a bola do jogo debaixo do braço, como quem carrega um troféu e disse: "É tradicional, se você faz três gols no jogo, pega a bola para ser assinada por todo o time e se guarda no museu" (*O Globo* 08/02/2010, p. 3).

Na oitava rodada, na quarta-feira de cinzas, 17 de fevereiro de 2010 o Botafogo enfrentou o Flamengo pela semifinal do primeiro turno do campeonato estadual. Os rubro-negros tinham uma campanha mais convincente até o momento, e o Botafogo apostaria tudo nas bolas altas; nas sete rodadas anteriores tinha convertido 18 gols, oito de cabeça, sendo quatro do Loco Abreu.

O alvinegro terminou com a escrita de 10 jogos e dois anos sem vencer o Flamengo. A

vitória de virada por 2 a 1 o coloca na final da Taça Guanabara frente ao Vasco da Gama.

O gol de empate do Botafogo saiu após um cruzamento, o Loco Abreu ajeitou de cabeça para Herrera que fuzilou em cima de Bruno, no rebote, Marcelo Cordeiro tocou de primeira e estufou a rede.

FLAMENGO 1 X 2 BOTAFOGO
Estádio: Maracanã, Rio de Janeiro (RJ)
Data/hora: 17/2/2010 - 21h50' (de Brasília)
Árbitro: Luís Antônio dos Santos (RJ)
Renda e público: R$ 1.161.590,00 e 39.692 pagantes
GOLS: (Flamengo: Vinicius Pacheco 25'/1ºt (1-0) Botafogo: Marcelo Cordeiro, 25'/1ºT (1-1); Caio 38'/2ºT (1-2)
BOTAFOGO: Jefferson, Antônio Carlos, Fábio Ferreira, Fahel (Wellington); Alessandro, Leandro Guerreiro, Eduardo, Lúcio Flávio (Caio) e Marcelo Cordeiro; Herrera e Loco Abreu .
Técnico: Joel Santana.

Na final, da Taça Guanabara, em 21 de fevereiro de 2010, o Botafogo venceu o Vasco da Gama por 2 a 0, no Maracanã, o juiz da partida foi Marcelo de Lima Henrique, o mesmo árbitro da decisão com o Flamengo em 2008, que ficou conhecida como " a final do chororô", quando atletas e comissão técnica, incluindo o Presidente, choraram de indignação[59].

VASCO 0 X 2 BOTAFOGO

Estádio: Maracanã, Rio de Janeiro (RJ)
Data/hora: 21/2/2010 - 17h10 (de Brasília)
Árbitro: Marcelo de Lima Henrique (RJ)
Renda e público: R$ 2.078.890,00 e 66.957 pagantes
GOLS: Fábio Ferreira, 24'/2ºT (0-1); **Loco Abreu, 39'/2ºT** (0-2)

BOTAFOGO: Jefferson, Fábio Ferreira, Fahel e Wellington; Alessandro, Leandro Guerreiro, Eduardo, Lucio Flavio (Caio, 17'/2ºT) e Marcelo Cordeiro; Herrera (Renato, 41'/2ºT) e Loco Abreu.
Técnico: Joel Santana.

O Loco Abreu, pouco acionado, teve atuação discreta e deixou o seu gol de pênalti: "No ataque alvinegro, Herrera se perdia no meio dos zagueiros e Loco Abreu era pouco acionado ...

[59] O Botafogo ficou rotulado como time do "chororô" após a final do Campeonato Carioca de 2007, quando todos os atletas do elenco, o então treinador Cuca e o presidente Bebeto de Freitas foram para a coletiva de imprensa reclamar dos erros de arbitragem de Marcelo De Lima Henrique. Disponivel em: https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/09/05/livro-acirra-rivalidade-entre-fla-e-botafogo-e-explica-inicio-do-chororo.htm. Acesso em 10 abr. 2017.

sempre preocupou a defesa vascaína nas bolas altas. De tanto insistir, sofreu o pênalti e cobrou com perfeição. Nota 7,5" (*O Globo*, 22/01/2010, p. 3).

Durante uma entrevista para este trabalho, Loco declarou que bateu dessa forma porque na hora se lembrou do 6 a 0 de sua estreia, precisava ganhar esse título e não tinha feito nenhuma análise prévia sobre como o goleiro Fernando Prass iria se comportar nessa cobrança. Preferiu escolher um canto e bater forte, como sempre faz perante uma dúvida.

Botafogo é bicampeão da Taça Guanabara, em nove jogos disputados obteve oito vitórias e uma derrota. Converteu 22 gols e sofreu 14.

O Loco Abreu foi o artilheiro do Botafogo com seis gols, seguido de Caio, Herrera e Marcelo Cordeiro com três gols cada um; Fábio Ferreira com dois gols; Lúcio Flávio, Renato Cajá, Antônio Carlos, Fahel e Wellington Júnior com um gol cada.

Os técnicos: Estevam Soares (três jogos); Jair Ribeiro Ventura (interino um jogo) e Joel Santana (5 jogos).

O destaque da imprensa foi para o técnico Joel Santana que, com essa conquista soma 7 títulos estaduais com os quatro grandes times do Rio de Janeiro.

Ele tinha assumido o comando da equipe botafoguense 27 dias antes, um dia após a derrota para o Vasco da Gama por 6 a 0.

3.2 **Taça Rio 2010**

A primeira rodada do segundo turno do Campeonato Estadual para o Botafogo foi contra o Americano, no dia 27 de fevereiro de 2010, no Estádio Godofredo Cruz em Campos. Nesse dia, Lúcio Flávio comemorou os 200 jogos com a camisa do glorioso e Joel Santana se tornou imortal. Explico: a ABL - Academia Brasileira de Letras - homenageou o técnico com a medalha comemorativa dos 100 anos da ABL, com a figura de Machado de Assis e a inscrição *"Esta glória que fica, eleva, honra e consola"*.

Em troca, Joel entregou nas mãos do Presidente da ABL, Marcos Vilaça, uma camisa com o número 6 de Nilton Santos. "Essa é uma camisa da enciclopédia do Futebol, como não poderia ser diferente" disse Joel, e prometeu outra para a senhora esposa de Vilaça, dona Maria do Carmo, que é alvinegra de carteirinha.

Mas, nem tudo foi alegria, o time não contou com a presença do goleiro Jefferson. Ele teria tomado um remédio para dor de cabeça, que continha substância incluída na lista de

doping. No seu lugar atuou o seu reserva Renan.

O jogo foi morno até os 20 minutos do segundo tempo, com a entrada de Caio o jogo ganhou emoção e o Botafogo marco mais dois gols.

No jornal *O Globo*, o jornalista Fernando Calazans disse que o atacante Caio traria um problema (ou a felicidade) para o treinador. Herrera e o Loco Abreu, estão cada vez mais identificados, mais imbuídos do espírito do clube e jogando bem.

AMERICANO 1 x 3 BOTAFOGO
Estádio: Godofredo Cruz, Campos dos Goytacazes (RJ)
Data/hora: 27/2/2010 - 19h30 (de Brasília)
Árbitro: Péricles Bassols Cortez (RJ)
Renda e público: R$ 51.285,00 e 3.496 pagantes
GOLS: Caio 19' e 40'/2ºT (2 /3-1); **Marcelo Cordeiro** 32'/1ºT (1-0)
BOTAFOGO: Renan, Fábio Ferreira, Fahel e Wellington; Jancarlos (Somália), Leandro Guerreiro, Eduardo (Caio), Lucio Flavio, e Marcelo Cordeiro; Herrera (Renato Cajá) e Loco Abreu.
Técnico: Joel Santana.

A segunda rodada da Taça Rio, que foi disputada contra o Duque de Caxias no Engenhão, não contaria com a presença do Loco Abreu. O jogador participou na véspera de um amistoso entre as seleções de Uruguai e Suíça, em Berna. Caio jogou no seu lugar. A preocupação de Joel Santana era com o regresso do atacante, ele deveria chegar a tempo de descansar e se preparar para o clássico com o Fluminense.

Em entrevista ao jornal *O Globo*, Abreu não escondeu que quer enfrentar o tricolor e disse: "*E sempre gostoso disputar um clássico no Maracanã*".

Segundo Joel Santana a vitória neste este jogo era de suma importância para as pretensões do Botafogo.

BOTAFOGO 2 x 1 DUQUE DE CAXIAS
Estádio: Olímpico João Havelange (Engenhão), Rio de Janeiro (RJ)
Data/hora: 04/3/2010 - 21h50 (de Brasília)
Árbitro: Pathrice Wallace Correa Maia (RJ)
Renda e público: R$ 39.700.00 e 2.998 pagantes
GOLS: Herrera aos 38'/1ºT (1-0) e aos 7'/2ºT (2-0)
BOTAFOGO: Jefferson, Fábio Ferreira, Fahel e Wellington; Jancarlos, Leandro Guerreiro, Eduardo, Lucio Flavio Marcelo Cordeiro; Herrera e Caio.
Técnico: Joel Santana.

Ganhar a Taça Rio e se sagrar Campeão Estadual[60] sem ter que disputar a final pouparia o time em duas partidas desgastantes e aceleraria a preparação para a Copa Brasil.

O jornal *O Globo* do dia 5 de março publicou uma matéria sobre o Botafogo comentando que o treinador fez uma reunião de mais de uma hora com os jogadores e o presidente do clube, Mauricio Assumpção, para acertar problemas de programação, pagamentos de salários e extras e planejamento da equipe.

Na segunda-feira 8 de março, a capa do jornal *O Globo* tinha estampada a frase: *"fim do jejum",* referindo-se ao fato de que o Flu não vencia um clássico desde 28 de março do ano anterior, na capa do caderno de esportes *"Venceu o melhor"* dava o panorama geral do jogo.

FLUMINENSE 2 x 1 BOTAFOGO

Estádio: Maracanã, Rio de Janeiro (RJ)
Data/hora: 7/3/2010 - 19h30 (de Brasília)
Árbitro: Rodrigo Nunes de Sá (RJ)
Renda e público: R$ 332.475,00 e 17.554 pagantes
GOLS: Herrera 35'/1ºT (0-1); (Flu) Fred 16'/2ºT (1-1); Mariano 38'/2ºT (2-1)
Cartões vermelhos: Cartão Vermelho: Conca (22'/2ºT), Herrera (32'/2ºT)

BOTAFOGO: Jefferson, Fábio Ferreira, Fahel e Wellington; Jancarlos, Leandro Guerreiro, Eduardo (Caio), Lucio Flavio (Edno), Marcelo Cordeiro; Herrera e Loco Abreu.
Técnico: Joel Santana.

O Botafogo saiu na frente com um gol de pênalti de Herrera; no segundo tempo o domínio do tricolor foi total; após a expulsão de Herrera e Conca, os tricolores empataram o jogo e a pouco minutos do final viraram 2 a 1.

O Loco recebeu nota 5 dos analistas do *O Globo*. Pouco acionado deu uma boa cabeçada no primeiro tempo e nada mais.

"Estrela solitária sob temporal" estampa a manchete do *O Globo* de 15 de março de 2010. Na quarta rodada, o Botafogo venceu o Olaria por 2 tantos a 0. O Jogo só teve 15 minutos de futebol, suficientes para o time abrir 2 a 0 no placar.

[60] O campeão estadual é decidido em duas partidas entre os clubes ganhadores da Taça Guanabara e da Taça Rio, no caso do mesmo clube ganhar os dois turnos, será declarado Campeão Estadual.

BOTAFOGO 2 x 0 OLARIA

Estádio: Olímpico João Havelange (Engenhão), Rio de Janeiro (RJ)
Data/hora: 21/2/2010 - 17h10 (de Brasília)
Árbitro: Grazianni Maciel Rocha (RJ)
Renda e público: R$ 39.365,00 e 3.393 pagantes
GOLS: 24'/2ºT (0-1); **39'/2ºT** (0-2)

BOTAFOGO: Jefferson, Fábio Ferreira, Fahel e Wellington; Alessandro, Leandro Guerreiro, Eduardo, Lucio Flavio (Caio, 17'/2ºT) e Marcelo Cordeiro; Herrera (Renato, 41'/2ºT) e Loco Abreu.
Técnico: Joel Santana.

O temporal que veio a seguir alagou o campo, e somado a falta de energia por mais de 18 minutos, impossibilitaram um jogo normal.

Um outro temporal se abateu sobre o Loco Abreu, após sofrer pênalti e se envolver em agressões com Diego, foi expulso de campo.

O clássico com o Flamengo pela quinta rodada prometia ser difícil para o Botafogo. O Loco cumpriria suspensão automática pela expulsão na rodada anterior contra o Olaria. Herrera, companheiro de ataque de Abreu, que cumprira um jogo de suspensão automática, aguardava julgamento por ter sido incurso no artigo 254 (agressão)[61] do CBJD (Código Brasileiro de Justiça Desportiva), por jogada violenta, com pena prevista de um a seis jogos de suspensão.

Jogo importantíssimo para as aspirações das duas equipes. Flamengo em busca do tetracampeonato e o Botafogo querendo ser campeão dos dois turnos.

O empate em 2 a 2 foi um bom negócio para ambas as equipes. Foi um jogo emocionante com os centroavantes inspirados.

Herrera (absolvido) e Adriano converteram os gols, dois cada um, num Engenhão vazio, pouco mais de 6000 espectadores assistiram à partida.

Fernando Calazans na sua coluna do jornal *O Globo* com o título "*Emoção até o fim"* descreve o jogo:

> Grande jogo entre Botafogo e Flamengo, emocionante do primeiro ao último minuto. Literalmente. Desde o início esfuziante do Botafogo até a pressão final do Flamengo em busca do empate, que conseguiu aos 48 minutos do segundo tempo: 2 a 2. Se não tivese conseguido, o resultado - vitória de 2 a 1 do Botafogo – seria justo da mesma forma. Ou se fosse favoravel ao Flamengo também (*O Globo*, 22/03/2010, p. 4).

[61] Constituem exemplos da infração prevista neste artigo, sem prejuízo de outros:
I - qualquer ação cujo emprego da força seja incompatível com o padrão razoavelmente esperado para a respectiva modalidade;
II - a atuação temerária ou imprudente na disputa da jogada, ainda que sem a intenção de causar dano ao adversário. (CBJD/2009, art. 254, §1º, I-II).

BOTAFOGO 2 x 2 FLAMENGO

Estádio: Olímpico João Havelange (Engenhão), Rio de Janeiro (RJ)
Data/hora: 21/3/2010 - 17h10 (de Brasília)
Árbitro: Wagner do Nascimento Magalhaes (RJ)
Renda e público: R$ 168.040,00 e 9.074 pagantes
GOLS: 24'/2ºT (0-1); **39'/2ºT** (0-2)

BOTAFOGO: Jefferson, Fábio Ferreira, Fahel e Wellington; Alessandro, Leandro Guerreiro, Eduardo, Lucio Flavio (Caio, 17'/2ºT) e Marcelo Cordeiro; Herrera (Renato, 41'/2ºT) e Loco Abreu.
Técnico: Joel Santana.

Na volta do Loco contra o Volta Redonda, magra vitória do alvinegro por 1 a 0, mas suficiente para se isolar na liderança do grupo B da Taça Rio.

Em noite pouco inspirada do ataque, e apesar de criar várias oportunidades o time de Joel não encontrava o gol. Ameaçou duas vezes com Abreu que ganhava todas as bolas altas da zaga do Volta Redonda.

A entrada de Caio como terceiro atacante posibilitou o gol da vitória. Apesar de não marcar, o Loco ganhou nota sete do jornal *O Globo*, comentando que deu enorme trabalho à zaga, e a importância de sua participação no gol, quando ao disputar a bola atrapalhou a marcação.

VOLTA REDONDA 0 x 1 BOTAFOGO

Estádio: Raulino de Oliveira, Volta Redonda (RJ)
Data/hora: 25/3/2010 - 19h30 (de Brasília)
Árbitro: Gutemberg de Paula Fonseca (RJ)
Renda e público: R$ 169.360,00 e 5.707 pagantes
GOLS: Caio 44'/2ºT (0-1)

BOTAFOGO: Jefferson, Fahel, Antônio Carlos, Danny Morales, Somália, Leandro Guerreiro, Sandro Silva (Caio), Lucio Flavio, Marcelo Cordeiro; Herrera e Loco Abreu.
Técnico: Joel Santana.

Isolado na liderança da tabela do segundo turno do Estadual, o Botafogo, Campeão da Taca Guanabara (primeiro turno) estava a uma vitória de sagrar-se Campeão da Taça Rio o que lhe renderia o Campeonato Estadual do Rio de Janeiro.

Mais uma vez o adversário seria o Flamengo, como ocorrera nas últimas três finais (2007, 2008 e 2009).

A disputa envolvia outros elementos para além da Taça Rio e o campeonato Estadual: por um lado, a última vez que um time carioca (Vasco da Gama) tinha ganho os dois turnos do Campeonato Estadual foi em 1998 e, por outro, o Flamengo tinha a chance de ganhar o tetracampeonato Estadual[62], feito que nenhum time carioca alcançou.

O jogo decisivo foi realizado no Maracanã no dia 18 de abril de 2010, o Botafogo ganhou por 2 a 1. Os dois gols de pênalti, um convertido pelo jogador argentino Herrera e o outro pelo Loco Abreu.

Nos momentos finais do jogo o goleiro do Botafogo Jeferson pegou um pênalti batido por Adriano que, se convertido mudaria novamente o resultado da final.

FLAMENGO 1 x 2 BOTAFOGO

Estádio: Maracanã, Rio de Janeiro (RJ)
Data/hora: 18/4/2010 - 17h30 (de Brasília)
Árbitro: Gutemberg de Paula Fonseca (RJ)
Renda e público: R$ 1.677.565,00 e 60.748 presentes (50.303 pagantes)
GOLS: Herrera 23'/1ºT (0-1), Vagner Love 45'/1ºT (1-1), Loco Abreu 237/2ºT (1-2)

BOTAFOGO: Jefferson, Fahel, Antônio Carlos, Fábio Ferreira, Alessandro, Leandro Guerreiro, Renato Cajá (Edno), Túlio Souza (Caio), e Somália, Herrera e Loco Abreu.
Técnico: Joel Santana.

O tipo de cobrança do pênalti realizada pelo Loco Abreu, de estilo "cavadinha"[63], conseguiu enganar o goleiro Bruno. Este estilo de cobrança deixou a torcida do Botafogo, mas feliz que se tivesse sido cobrado de forma mais tradicional, ficaram com a sensação de vingança pelos últimos três títulos perdidos. Apesar de não ter repercutido na imprensa o estilo da cobrança, para a torcida do Botafogo foi um elemento fundamental para a idolatria.

Para parte da torcida botafoguense, foi o dia da cavadinha, como divulgado no site fala glorioso.com.br:

> No Maracanã, mais de 80 mil pessoas estavam caladas. O placar indicava um empate por 1 x 1. Alvinegros e rivais esperavam ansiosos pela autorização do árbitro. Era um

[62] O Clube de Regatas do Flamengo, possui 5 tricampeonatos Estaduais: 1942/1943/1944; 1953/1954/1955; 1978/1979/1980; 1999/2000/2001 e 2007/2008/2009.

[63] O pênalti estilo *cavadinha* foi executado pela primeira vez pelo jogador tcheco Antonín Panenka, na final do Campeonato Europeu de 1976, quando venceu o goleiro Sepp Maier na cobrança que deu o título à seleção da Tchecoslováquia.

> pênalti a favor do Glorioso e um tal uruguaio foi para a cobrança. Ao soar o apito, Loco Abreu correu para a bola e fez o inimaginável e, com uma sensacional Cavadinha, humilhou o goleiro adversário, que desabou no canto do gol sem entender o que havia acontecido. E não era qualquer partida, foi um clássico que definiria dois títulos: Taça Rio e Campeonato Estadual. O Estádio Mário Filho estava lotado e, mesmo assim, Washington Sebastián Abreu Gallo (o Loco) teve a frieza de dar uma cavada na bola, que lentamente tocou no travessão e encostou na rede adversária. Uma explosão em preto e branco balançou as estruturas do Maracanã [...] com este gol o Loco Abreu pode trazer tanta alegria ao torcedor alvinegro, naquele 18 de abril de 2010, que, com uma simples cobrança de pênalti, foi capaz de jogar uma pá de cal nos três anos anteriores, calando qualquer tipo de provocação adversária, já que a Cavadinha do uruguaio foi simplesmente formidável.[64]

No jornal *O Globo* a nota de avaliação para o Loco Abreu foi 9 com a seguinte justificativa:

> Ganhou algumas bolas pelo alto, fez bem o trabalho de pivô em outros lances. Mostrou categoria e frieza para fazer o gol do título de pênalti, deslocando Bruno. Sua liderança foi fundamental para o título alvinegro, no jogo de hoje é em todo o campeonato (*O Globo* 19/4/2010, p. 4).

E o jornalista Miguel Caballeiro, na mesma edição, relatou assim essa conquista:

> Há coisas que só engrandecem o Botafogo. Num campeonato em que sofreu uma goleada histórica por 6 a 0, em que os fantasmas de três vice-campeonatos para o maior rival reapareceram em outra final, com o adversário tido como favorito, o alvinegro fez jus ao epíteto de Glorioso e conquistou o 19º título estadual de sua história, certamente um dos mais comemorados por sua torcida (*O Globo* 19/4/2010 p. 4).

Pedro Motta Gueiros, do mesmo jornal, fazendo menção aos rio-platenses Herrera e Abreu, diz que: "quando adversários, Brasil e seus vizinhos do rio de la Plata produzem grandes jogos e uma rivalidade maior ainda.

Juntos se completam para formar uma maneira de jogar quase imbatível, como foi o Botafogo nas decisões" (*O Globo* 19/4/2010, p. 4).

E comenta que o Loco Abreu que correu o mundo como profissional, mas se emocionou como amador no estádio em que seu país conquistou a Copa de 1950 exaltou o Maracanã e declarou: "É uma mistura muito boa, que tem rebeldia e mentalidade ganhadora" [...] "Temos o centenário, mas poder fazer um gol do título no Maracanã não tem nada igual, ainda mais pelo que o estádio significa para nós uruguaios".

O gol de pênalti de "cavadinha" convertido sobre Bruno, tão festejado (até hoje) pelos

[64] Disponível em: <http://www.falaglorioso.com.br/fala-glorioso/o-dia-da-cavadinha>. Acessado em 22 de jan. 2017.

torcedores alvinegros não mereceu destaque especial (nem esse nome: cavadinha) por parte da imprensa carioca, pelo contrário alguns comentários tentam desqualificar o feito.

Fernando Calazans na sua respeitada coluna no jornal *O Globo* exalta a vitória do Botafogo, lembrando que era a equipe mais desacreditada do campeonato, outorga créditos a Joel Santana que teria pego um conjunto que estaria muito longe de ser um grande time dando-lhe forma que nenhum outro técnico deu a nenhum outro time escreveu sobre as cobranças de pênalti:

> O Botafogo solenemente dispensa as finais dos próximos domingos. Dispensa as finais pelo motivo simples de que não tem adversário algum. Entres os outros, não apareceu um desafiante sequer ... no jogo dos pênaltis, os atacantes do Botafogo, **Herrera e Loco Abreu, bateram mal, no meio do gol, mas converteram as cobranças deles. Tão mal que, na cobrança de Abreu, a bola chegou a bater no travessão...** (*O Globo* 19/4/2010, p. 4, grifos do autor).

Esta avaliação contrasta com o protagonismo que o mesmo tipo de execução suscitou no mesmo meio no mundial de 2010: " Brincando com sua ousadia" é o título da matéria do *O Globo*, e no corpo da matéria completa:

> Uma cobrança inacreditavelmente ousada. Repetindo a cobrança da última Taça Rio, quando o Botafogo sagrou-se campeão carioca sobre o Flamengo por antecipação. Loco Abreu assombrou a torcida e com certeza arrancou calafrios dos companheiros uruguaios ao bater seu pênalti que garantiu a classificação do Uruguai para as semifinais da Copa do Mundo (*O Globo* de 03/07/2010).

Figura 18 - Batida do pênalti (cavadinha)

Fonte: Divulgação Bfr

Na mesma edição do jornal, a nota de avaliação diz: "apesar de ter feito pouco com a bola rolando, foi um dos protagonistas, cobrando o quinto e decisivo pênalti. Nota 9" *(O Globo*

de 03/07/2010).

Sendo o mesmo Abreu que bateu as duas penalidades e de forma idêntica, somente agora o nome cavadinha aparece, deixa no ar a dúvida de que por ter sido no Botafogo e contra o Flamengo não poderia ser exaltada da mesma maneira que foi exaltada quando foi pela Seleção Uruguaia e contra Gana.

Este gol é peça importante para o início de uma idolatria que perdura por muitos anos, outros fatos foram realimentando esta identificação entre torcida e atleta. O Loco Abreu também soube retribuir com vários gestos esta idolatria, os quais irei explorar no subcapítulo a seguir.

3.3 **Rastros de uma idolatria correspondida**

Estaria vingado o maior rival do Botafogo com esse gol e o título de campeão carioca de forma absoluta; o outro "rival" a "Fla-press" como os torcedores dos outros três grandes times do Rio denominam a imprensa esportiva carioca, vinha sendo "enfrentado" no dia a dia.

A tríade ídolo – torcida - clube (GIGLIO, 2007; MORATO, 2005) fundamental para se fixar uma idolatria exige também do idolatrado reciprocidade, não só no campo de jogo mas também na sua vida extracampo.

Neste quesito o Loco Abreu sabe como poucos cativar uma torcida. Na visita que realizei ao museu particular do Loco pude constatar um fato desconhecido para os torcedores e para a mídia, uma homenagem silenciosa que o Loco Abreu fez ao Botafogo.

Este fato nunca foi divulgado publicamente, o que me dá a certeza do amor do atleta para com o clube e a torcida.

Na churrasqueira da casa que aloja o museu, o Loco pintou um cartaz que serve de anteparo para a mesma, contendo uma data especial (2 de abril) para os torcedores do Clube Nacional de Futebol, seu clube de coração desde a infância, junto ao contorno do mapa do Uruguai, preenchido com o escudo do Botafogo (Figura 19).

Figura 19 - Churrasqueira do museu do Loco Abreu

Foto do Autor

Outro fato que marca essa reciprocidade foi ter festejado a conquista da Copa América da Argentina em 2011, contra a seleção do Paraguai no Monumental de Nuñez por 3 a 0.

Loco Abreu apareceu enrolado nas bandeiras do Botafogo e do Departamento de Lavalleja, local onde nasceu, durante as comemorações, em imagens exibidas ao vivo nas transmissões televisivas para toda América do Sul.

Ao site Glorioso BFR[65], o Loco Abreu comentou a homenagem que fez à torcida do Botafogo durante a comemoração do título uruguaio ainda no gramado e declarou: "Lembrei da torcida sim, que não só na Copa América, mas também no Mundial no ano passado (2010) ficaram torcendo para gente. Então o mínimo que posso fazer é num gesto de agradecimento a eles levar uma bandeira do Botafogo para o gramado e comemorar".

Figura 20 - Comemoração da Copa América 2011

Foto http://gloriosobfr.blogspot.com.br

[65] Disponível em: <http://gloriosobfr.blogspot.com.br/2011_07_01_archive.html>. Acesso em 27 jan. 2017.

Ao perguntar sobre este fato na entrevista ele me diz que o fato de ter comemorado o título da Copa América 2011, embrulhado nas bandeiras de Lavalleja seu estado natal, e do Botafogo, foi uma forma de retribuir o apoio brindado à ele na Copa do Mundo de 2010, pela torcida Botafoguense, que se reunia em torno dos telões vestindo a celeste para torcer por Uruguai.

O que nenhum torcedor imagiva ou esperava é que o escudo com a estrela solitária, símbolo de Botafogo de Futebol e Regatas, fosse parar na camisa azul que o Loco veste por baixo do uniforme oficial desde 1994.

Este fato foi revelado após a saída do jogador do clube e ter ido por empréstimo ao Figueirense[66].

A camisa carregava (em 2010) os maiores afetos do Loco Abreu, um pedaço do uniforme que seu pai, Washington Miguel Abreu, utilizou quando atuou pela seleção de Lavalleja; um pedaco de sua camisa da seleção uruguaia; a foto de Valentina e Diego, seus dois primeiros filhos; o escudo do Nacional, seu clube de coração e a bandeira do Uruguai.

Figura 21 - Provocação à torcida do Flamengo, mostrando escudo do Botafogo

Foto: Divulgação BFR

[66] Roupeiro do Botafogo, José Barbosa se diz acostumado às brincadeiras de Abreu no dia a dia. Mas logo que recebeu o pedido, sabia que ele falava sério. Habituado a lidar com o xodó do atacante, que não possui réplicas da camisa da sorte, o roupeiro se encheu de emoção ao costurar à mão o símbolo alvinegro. "Quando ele voltou da Copa, pediu que eu arrumasse um escudo do Botafogo e pregasse em sua camisa. Foi um orgulho enorme, pois sei o que esse uniforme significa para ele. A gente o trata com muito carinho, pois só existe um. Depois dos jogos ele nos entrega e nós levamos rapidamente para a lavanderia. Afinal, com duas partidas por semana, é preciso fazer tudo rápido". Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/2010/09/agora-na-segunda-pele-botafogo-e-eternizado-no-coracao-de-loco-abreu.html>. Acesso em 25 jan. 2017.

O mais insólito não foi o fato de o escudo do Botafogo estar na camisa, isto seria suficiente para encher o peito dos torcedores de orgulho, e sim a maneira como ficaram sabendo: atuando pelo Figueirense, em partida válida pelo Campeonato Brasileiro de 2012, contra o Flamengo, no Estádio Orlando Scapelli, após ter sido provocado pela torcida do Flamengo; o Loco levantou a camisa oficial e beijou o escudo do Botafogo que agora sim estava estampada na camisa de seus maiores afetos. O site do globoesporte veiculou um pequeno vídeo e a seguinte notícia sobre o fato:

> Loco Abreu, mesmo com a derrota do Figueirense para o Flamengo, não deixou de provocar a torcida rubro-negra. No final da partida, o uruguaio fez questão de lembrar os tempos em que defendia o Botafogo. Com o placar em 2 a 0 para o Fla, Loco foi provocado pela torcida flamenguista e revidou. O camisa 13 foi até o setor da torcida visitante do estádio do Orlando Scarpelli, exibiu e beijou o escudo do Botafogo, relembrou aos flamenguistas a "cavadinha" e fez menção de que vai voltar ao Botafogo (globoesporte.globo.com 09/08/2012).

Por esta atitude recebeu cartão amarelo do juiz e o aplauso de uma torcida que se sentiu representada - por ter respondido aos rubro-negros - e principalmente prestigiada, foi uma demonstração de carinho digna de um Loco; ao mesmo site o Loco declarou:

> O escudo do Botafogo vai ficar para sempre. Não vou tirar. Fiz isso como uma forma de agradecer o apoio que recebi durante a Copa. Todos os símbolos que estão na minha camisa foram colocados como forma de agradecimento. Por causa daquela mobilização dos torcedores no Mundial, hoje muitos uruguaios torcem pelo Botafogo[67] (globoesporte.globo.com 09/08/2012).

Figura 22 - Comemoração do título com o *Santa Tecla* de El Salvador

Foto: http://www.noticiali.com

[67]Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/2010/09/agora-na-segunda-pele-botafogo-e-eternizado-no-coracao-de-loco-abreu.html>. Acesso em 25 jan. 2017.

Não seria a última homenagem ao Botafogo de Futebol e Regatas, em 17 de dezembro de 2016 ao sagra-se campeão de El Salvador, defendendo as cores do clube Santa Tecla, com dois gols de cabeça na final, mais uma vez comemorou o título com o escudo do Botafogo.

3.4 **A relação com a imprensa esportiva carioca**

Antes de avançar neste tema, quero esclarecer um erro da imprensa esportiva carioca e dos torcedores em geral, que confundem ou desconhecem o exato significado ou emprego do termo "loco" no Rio de la Plata. Este termo é uma forma informal de referir-se a uma pessoa íntima, e nunca a desconhecidos, e está atrelado a um indivíduo que por sua forma divertida de atuar se sobressai do comum ou tradicional (como por exemplo, bater um pênalti estilo cavadinha numa Copa do Mundo). Nunca se refere a um indivíduo com as faculdades mentais comprometidas.

Durante sua passagem pelo futebol do Rio de Janeiro, o Loco Abreu se envolveu em várias polêmicas com a imprensa esportiva carioca, corrigiu repórteres em entrevistas ao vivo ou em coletivas. Para alguns é grosseria, para outros, personalidade, mas para a maioria da torcida alvinegra é o troco dado à Fla-press, termo utilizado pela maioria dos torcedores para caracterizar a parcialidade da prensa carioca que, segundo eles, sempre favorece ao Flamengo, como poderia ser interpretado olhando as capas do jornal das finais do campeonato

Estadual do Rio de Janeiro dos anos 2007, 2008 e 2009, ganhos pelo Flamengo; e a capa do Campeonato Estadual de 2010 (Figura 23), ganho pelo Botafogo enfrentando o Flamengo, para ter uma noção dos fundamentos da reclamação da torcida e dirigentes Botafoguenses.

Podemos observar que a capa referente ao triunfo alvinegro de 2010 não guarda nenhuma relação direta com o Botafogo, não aparece o nome do clube, a camisa, a bandeira ou a torcida, somente observamos as cores do clube, em contraposição, às capas dos títulos estaduais do Flamengo nos três anos anteriores.

Estas capas carregam vários referentes: as cores do clube, a identificação da torcida, número de títulos conquistados e fazem referência ao domínio em campo ou a performance do goleiro Bruno que teve amplo destaque na competição defendendo pênaltis que possibilitaram as vitórias.

Nada, além de parcialidade, justificaria essa diferença de tratamento ao relatar fatos muito similares para não dizer iguais. A imprensa geralmente oferece essa legitimação, segundo

Helal no seu artigo *Cultura e Idolatria: Ilusão, Consumo e Fantasia*, diz que: a mídia faz de todos nós testemunhas e é, por excelência, um instrumento de "legitimação" em nossa sociedade, nos tornando testemunhas do fato, já que "uma proeza só é assim reconhecida e cultuada quando testemunhada" (HELAL. 1998)

Figura 23 – Capas do Jornal O Globo da final dos campeonatos estaduais de 2007 a 2010

Fonte: Jornal *O Globo*

O jornalista britânico Tim Vickery, colunista da BBC Brasil, tem a impressão de que esta falsa parcialidade responde a medidas de mercado e à falha de alguns jornalistas, que deixam sua emoção e devoção sobressaírem na hora de atuar profissionalmente e expressam sua opinião indevidamente.

Por ser o Flamengo o time de maior apelo popular e contar com a maioria dos torcedores na cidade, teria automaticamente maior espaço na mídia.

O Loco Abreu, que tem uma opinião convergente com a de Tim Vickery, que me declarou não existir uma imprensa contra o Botafogo:

> existem muitos jornalistas torcedores do Flamengo que inconscientemente em seus comentários e publicações sempre forçaram a barra tendendo um pouco para o lado deles...Eu fui percebendo isso aos poucos; não vim sabendo essa situação, não é uma informação que me interessasse, até porque, quem tem o 'sarten pelo mango'[68] somos nós; se vamos conquistando vitórias, chegamos a uma final e somos campeões, eles (os jornalistas) não tem a chance de modificar o contexto. Eu fui percebendo isso com o decorrer dos meses, pessoalmente eu sabia administrar a situação e não me gerava nenhum tipo de problema, pelo contrário sempre me proporcionou um lindo desafio e um lindo debate. Sempre fugi do estereótipo das coletivas. (Tim Vickery, BBC Brasil)

A declaração do Loco Abreu a seguir, revela o sentimento do atleta para com a imprensa carioca como declarou ao site UOL Esporte: "O dia a dia do jornalismo brasileiro é bem jornalismo mesmo, mas não esportivo. O interesse é muito mais nos problemas extracampo do que na tática do jogo"[69].

O atleta não vê um favorecimento, e sim um interesse maior pelos fatos extracampo; não generaliza, destaca bons profissionais na área, e não hesita em escolher seus preferidos, independentemente do time dos mesmos:

> Os que gosto e acho bons são Galvão Bueno, André Rizek, Lédio Carmona, Fernando Fernandes, Décio Lopes, Marcelo Barreto, Renato Maurício Prado e Juca Kfouri. Gosto destes porque falam de futebol. Você sempre aprende com os que falam de esporte e trazem matérias e informações com conteúdo e que melhoram o nível".

Ao elogiar Renato Maurício Prado e considerá-lo um dos melhores, o uruguaio aproveitou para brincar com o fato de o jornalista ser flamenguista: "Ele não é do meu time, mas...", divertiu-se.

Abreu chegou a chamar o jornalismo esportivo carioca de "jornalismo de confusão" no

---

[68] Tradução: o controle da situação.

[69] Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2012/02/02/jornalista-loco-abreu-elege-preferidos-e-descarta-fama-sou-reconhecido-e-diferente.htm>. Acesso 26 jun. 2016.

programa Redação SportTV, apresentado pelo jornalista André Rizek.

Durante o programa passaram o vídeo da entrevista de fim de jogo de um jogador do Cruzeiro de Minas Gerais, que tinha perdido um gol relativamente fácil, após ter convertido dois gols no jogo e dado uma resposta que não agradou os jornalistas.

Rizek resolve então perguntar para El Loco sua opinião sobre as declarações do jogador cruzeirense, ao que prontamente respondeu:

> Eu acho o seguinte: O garoto fez dois gols na partida e o repórter vai lá *pra* falar justamente do gol que ele perdeu [...] Mas é isso que acontece aqui no Brasil eu já aprendi que aqui não se faz um jornalismo sério, mas um jornalismo de confusão. Ficam explorando a negatividade *pra* ver se vai render [...] Por exemplo, tem três jornalistas do Globo Esporte que eu não falo mais; eles vão ao treino do Botafogo e eu não falo mais com eles, pois já sei no que vai dar [...]"

O programa segue e mais à frente Rizek ainda tenta salvar a coisa perguntando: "Pois é, Loco, você que gosta de discutir tática sente falta disso por aqui, acha que se discute pouco sobre tática no futebol brasileiro?" A resposta do Loco foi:

> Mas aí é aquilo que eu te falava, o jogo acaba o repórter vem perguntar o que eu achei, eu falo que o time jogou num 4 -3-2-1 mais avançado e tal [...] aí o cara vai lá e escreve depois que eu *tô* (sic) querendo questionar o treinador [..] Aí agora, sabe o que eu faço? Não falo mais nada".

Este episódio rendeu alguns artigos na internet e vários blogueiros[70] se solidarizaram e festejaram as respostas do Loco Abreu, e é somente um entre vários protagonizados pelo jogador. Em mais de uma oportunidade corrigiu erros sobre perguntas e chamou a atenção de vários repórteres ao vivo durante entrevistas. Numa oportunidade parou de responder e mandou o repórter acabar de falar no celular com a noiva, para depois continuar com a resposta e a entrevista.

Numa outra oportunidade (em 2010) o Loco corrigiu ao vivo o repórter da Rede Bandeirantes de Televisão que errou no cálculo do tempo que o Botafogo não competia na Copa Libertadores de América, o diálogo transcorreu no final de partida que o Botafogo venceu o São Paulo por 2 a 0 no Engenhão[71]:

> **R**. Loco, são 24 anos que o time não chega numa Libertadores, e claro que todo mundo sonha em conquistar o título, mais esse segundo objetivo não pode ser descartado

[70] Disponível em: <https://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/loco-abreu-e-o-jornalismo-de-confusao>. Acesso em 27 jan. 2017.

[71] Disponível em: <https://youtu.be/kBafPpvgxgI>. Acesso em 27 jan. 2017.

> **L** foi em 1985?
> **R** não, foi em 1996 a última vez
> **L** você falou 24 anos...
> **R** ah eh...14 anos desculpe, 1996.

Em outra ocasião quando o repórter disse que ele comemorou um gol irritado, o Loco aconselhou o repórter a primeiro perguntar o que estava acontecendo, se informar, e não falar direto sem saber. O repórter diz que a sua postura (do Loco) indicava que estava irritado, ao que o Loco respondeu que o problema era a morte de um companheiro do Nacional do Uruguai num acidente automobilístico, e por isso ele não festejou o gol e, que portava inclusive, uma fita preta no braço em sinal de luto - que o repórter não tinha reparado[72].

Entrou também para a história a resposta que deu a uma jornalista na coletiva de imprensa após um jogo em que tinha errado um pênalti.

A jornalista perguntou insistentemente, se ele ia pedir desculpas no vestiário, a seus companheiros, e o Loco respondeu: "desculpas por quê? ... não roubei ninguém, só tem que pedir desculpas quem rouba ou quem come (sic) a mulher dos outros" – *disse irritado*[73].

Todas estas respostas foram dadas ao vivo pelo Loco Abreu durante entrevistas de final de jogo e não foram reproduzidas pela mídia escrita.

Estão disponíveis na internet em sites de notícias ou blogs de torcedores como, por exemplo, uma seleção das polêmicas em "Loco sem papas na língua" [74].

Para a imprensa uruguaia, ou pelo menos para os jornalistas de ponta, que comandam os programas futebolísticos de maior audiência no país, a conduta do Loco não mereceu nenhum comentário desabonador, pelo contrário, somente elogios.

Alberto Kessman, âncora do Canal 12 de Televisão, Teledoce, e com mais de 35 anos de carreira, declarou em entrevista realizada em Montevidéu para esta dissertação, que Abreu é uma grande figura humana, um excelente jogador de futebol, goleador por todos os times por que passou na sua carreira e falou:

> Apesar de não ser repórter, tive três ou quatro oportunidades de entrevistá-lo, e nunca tive conhecimento de polêmicas envolvendo os médios e o Loco. Sei sim, e a imprensa uruguaia aceita isto normalmente, de momentos com divergência de opiniões entre os jornalistas e o Loco (Alberto Kessmam, Teledoce, Uruguai)

[72] Disponível em: <https://youtu.be/NhD44AQW8G8>. Acesso em 27 jan. 2017.

[73] Disponível em: <https://youtu.be/qWOMk-2FthE>. Acesso em 27 jan. 2017.

[74] Disponível em: <https://youtu.be/kndUh9rbw58>. Acesso em 27 jan. 2017.

Segundo Kessman algo natural, já que ninguém é dono da verdade. Acrescentou que ele faz jornalismo esportivo, portanto, sua observação é focada no campo de jogo, onde os profissionais executam seu trabalho. Acredita que o comportamento seguro e crítico que Abreu apresenta é fruto de sua longa carreira que tem como um *plus* ter sido desenvolvida em mais de 20 clubes em sete países diferentes. Acrescentou que devido ao amplo conhecimento que Abreu detém sobre o futebol e os entornos do mesmo, após encerrar a carreira profissional poderá se dedicar a qualquer atividade atrelada ao mesmo. Devido a seus conhecimentos técnicos, táticos e de estratégia, tanto poderia comandar um time como comentar partidas em qualquer meio.

Sergio Gorzi, comandante do programa "Camara Celeste" da emissora VTV - Tenfield de Montevidéu Uruguai - dedicada pura e exclusivamente aos esportes - que viaja junto com os jogadores da seleção uruguaia em todos os compromissos da mesma, tem opinião convergente com a opinião de Alberto Kessman; nunca teve conhecimento de algum meio ter tido alguma polêmica com o Loco, pelo contrário declarou que o Loco tem um trato muito cordial e o definiu como um jogador midiático, que domina como poucos a arte de tratar com a mídia.

Os repórteres cariocas não estão acostumados a serem confrontados por jogadores de futebol e quando encontram um atleta que quebra esse paradigma ficam sem ação, ou como no caso do Loco Abreu, é categorizado como politicamente incorreto.

Estas polêmicas com a imprensa carioca não é privilégio de atletas estrangeiros, alguns dos maiores craques brasileiros, com reconhecida personalidade, como Renato Gaúcho Edmundo e Romário têm protagonizado fatos idênticos.

A queixa comum ou mais frequente entre os profissionais da bola é a pouca preparação dos repórteres de campo, alegando que têm um repertório pasteurizado de preguntas e não têm preparo intelectual para lidar com personagens que estão fora da curva ou fogem da média.

Na entrevista exclusiva com Loco Abreu, ele deu inúmeras razões para justificar as polêmicas em que se envolveu, declarou:

> eu adoro dar entrevistas, mas também não me encaixo no estereótipo das entrevistas coletivas, gosto também de perguntar e deixar claro meu ponto de vista. O jornalismo tem que ser respeitado, mas levando em consideração que são formadores de opinião, meu dever como profissional é corrigir o que está errado ou a informação que não estiver correta. Nese debate sempre se resolve uma versão inventada ou sem fundamento, quero que a verdade fique clara.

Todos os eventos acima relatados são amplamente festejados pelos torcedores Botafoguenses. Segundo eles, a atitude do Loco Abreu deixa-os vingados também com a imprensa. Pelo conjunto da obra esportiva e extracampo foi honrado com a cidadania honorária.

3.5 **As honrarias fora do campo de jogo**

A cidadania honorária é um título de honraria que uma pessoa nascida em outra localidade e de relevante importância recebe das autoridades legislativas de uma cidade, por prestar serviços à causa da democracia ou à causa da humanidade. Pessoas que tenham contribuído de alguma forma com a melhora na qualidade de vida e desenvolvimento social da cidade.

O título de Cidadão se equipara a uma adoção oficial e é outorgado levando-se em consideração feitos reais em defesa ou apoio ao povo outorgante, que não tenham como objetivo lucros nem interesses pessoais e ou profissinais.

3.5.1 Uh, é carioca!

A ligação entre uruguaios e botafoguenses construida pela idolatria ao Loco Abreu teve um significativo capítulo na segunda-feira 21 de novembro de 2011.

Por iniciativa do vereador Carlos Alberto Lavrado Cupello ou Tio Carlos, como é mais conhecido, do partido DEM – Democratas, recebeu o título de Cidadão Honorário Carioca na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro (Fotos 23 e 24).

As "arquibancadas" do salão nobre da Câmara dos Vereadores estavam decoradas com bandeiras do Botafogo e do Uruguai. Foi assistida por dezenas de torcedores do alvinegro e até por cidadãos uruguaios residentes no Rio de Janeiro, entre eles *"hinchas"* de Defensor e Peñarol, que esqueceram momentaneamente a rivalidade com o clube de coração do Loco, o Nacional de Montevidéu, fruto do desempenho da Celeste na última Copa do Mundo e na Copa América de 2011.

Durante o evento foi exibido um vídeo com depoimento de familiares, passagens de sua vida profissional e familiar e os principais gols do atacante com a camisa alvinegra.

Estavam presentes à cerimônia a Cônsul do Uruguai no Rio de Janeiro, Myriam Fraschini, o vice-presidente do Botafogo, André Luis Silva, a esposa do atleta, Paola Firenza Bon, dois de seus filhos e o vereador Tio Carlos.

A pedido do homenageado foram entregues Moções de Louvor a todos os funcionários do clube e discursou sob aplausos e gritos de "Uh, é carioca!": "Gostaria de agradecer a todos,

hoje é um dia muito especial para mim. Agradeço à diretoria, aos uruguaios, aos botafoguenses e principalmente aos funcionários do clube. Quero homenagear eles, que são muito importantes no nosso dia a dia".

Figura 24 - Recebendo título Cidadão do Município do Rio de Janeiro

Fonte: Comunicação Câmara Vereadores RJ.

O projeto de Decreto Legislativo nº 174/2011 do vereador Tio Carlos enviado à Câmara Municipal do Rio de Janeiro contém os seguintes argumentos como justificativa para outorgar o título ao Loco Abreu:

> Brasil: Loco em alta
> Em 2010 foi contratado pelo Botafogo por dois anos. No dia 30 de janeiro de 2010, Loco Abreu fez seu primeiro gol com a camisa alvinegra no Engenhão, contra o América, de cabeça. No dia 7 de fevereiro, do mesmo ano, o atacante uruguaio marcou três gols na goleada do Botafogo sobre o Resende por 5 a 2, sendo os seus três gols de cabeça. Já na final da Taça Guanabara, marcou o segundo da vitória por 2 a 0 sobre o Vasco, que deu o título ao Botafogo. Marcou também o segundo gol (de pênalti) na vitória de 2 a 1 sobre o Flamengo, na final da Taça Rio de 2010 de cavadinha, o que deu o título carioca por antecipação ao Botafogo e fez com que o uruguaio caísse nas graças da torcida. A mística do atacante voltou à aparecer na primeira partida do returno do Brasileirão, quando Abreu entrou no segundo tempo e marcou aos 45 minutos do segundo tempo o belo gol da vitória do Botafogo sobre o Santos, por 1 a 0, no Pacaembu.
> No início do Campeonato Carioca seguinte, o craque uruguaio voltou à fazer o que mais sabe: gols. Marcou dois contra o Olaria e sacramentou a vitória do alvinegro por 3 a 1. Já no clássico com o Fluminense, foi o centro das atenções por duas batidas de pênaltis em menos de três minutos. Seu time, o Botafogo, perdia por 2 a 1 quando foi marcado o primeiro pênalti a favor de sua equipe. Com a personalidade que lhe é particular, Loco usou a famosa cavadinha na batida do pênalti, porém este foi defendido pelo goleiro do Fluminense, Diego Cavalieri, que ficou parado no centro do gol, já esperando esta batida. Poucos minutos mais tarde, um novo pênalti é marcado e, justificando seu apelido, Loco Abreu bate novamente usando a cavadinha, mas desta vez colocado, no canto esquerdo do goleiro, tirando qualquer chance de defesa por parte deste. Esse seria o gol de empate da sua equipe, que mais tarde viria a ganhar a partida por 3 a 2.

> Seleção Nacional
> Sebastian Abreu é constantemente convocado para a Seleção Uruguaia, pela qual já disputou diversas competições como a Copa América de 1997, Copa América de 2007 e a Copa do Mundo FIFA de 2002. Atualmente, El Loco está à apenas a 1 gol de se tornar o maior goleador de sua seleção.
> O uruguaio disputou a Copa do Mundo FIFA de 2010, cedido pelo Botafogo, chegando à competição como o jogador com maior número de gols marcados na carreira entre os 736 inscritos na competição. Antes do Mundial da África do Sul ele havia anotado 305 gols marcados, três a mais que o francês Thierry Henry.
> Abreu foi decisivo para a vitória, nos pênaltis, contra Gana. Ele cobrou a última penalidade e marcou o gol, também de cavadinha, que garantiu o Uruguai nas semifinais da Copa do Mundo FIFA de 2010[75].

3.5.2 Uh, é Fluminense! (cidadão)

Uma semana depois, foi agraciado com o título de Cidadão do Estado do Rio de Janeiro, proposto pelo Deputado Estadual Alexandre José Adriano ou Xandrinho, do Partido Verde.

Este título honorífico é outorgado pela ALERJ (Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro), segundo o inciso II do parágrafo 1º. do artigo 272 de seu Regimento Interno: "a personalidade estrangeira que haja prestado serviços à Humanidade, ao Brasil ou ao Estado do Rio de Janeiro"[76].

Figura 25 - Recebendo título Cidadão do Estado do Rio de Janeiro

Fonte: Comunicação ALERJ

[75] RIO DE JANEIRO (Município). Câmara dos Deputados do Município do Rio de Janeiro. Projeto de Decreto Legislativo n. 174 de 2011. Concede o título de Cidadão Honorário do Município do Rio de Janeiro a Washington Sebastián Abreu Gallo.

[76] RIO DE JANEIRO (Estado). Regimento Interno da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

Em entrevista ao site globoesporte.com, o jogador disse que não esperava que conseguiria alcançar esse patamar no Brasil, classificando o dia como "muito especial" e declarou:

> Difícil imaginar que isso aconteceria em um país tão apaixonado por futebol quanto o Brasil. É muito bom ouvir que sou exemplo para as crianças, e não só as botafoguenses. A partir de agora sou mais um carioca entre vocês. Não tinha recebido tantas homenagens fora do Uruguai quanto recebi aqui no Rio, é uma cidade que vai ficar para sempre no meu coração e no da minha família.[77]

O deputado (botafoguense) autor da proposta, além de discursar pediu gols nas duas rodadas finais do brasileirão e uma vaga na Copa Libertadores de 2012. Prometeu que iria criar o Dia do Torcedor do Botafogo, assim como existe o dia do torcedor flamenguista.

As justificativas enviadas pelo parlamentar, para outorgar o título de Cidadão do Estado do Rio de Janeiro ao Loco através do Projeto de Resolução nº 373/2011, enaltecem a biografia do atleta ressaltando sua dedicação, talento e alegria para com o futebol brasileiro:

> Washington Sebastián Abreu Gallo, El Loco. Nasceu em Minas, capital do departamento de Lavalleja, 17 de outubro de 1976. Seu início no futebol foi na Praça de Minas Rivera. Ele jogou na Filarmônica, uma equipe humilde, liderada por Iribarne Marquez e seu tio, Ruben Abreu. Seus primeiros passos em campos oficiais foi (sic) no Clube Nacional de Mineração, em 1987.
> Cinco anos depois, ele estreou no clube jogando contra o Olimpia daquele departamento e também contra o Las Delicias onde fez seu primeiro de muitos gols. No ano de estreia do Sebastián, ele integrou também a Seleção Juvenil de Lavalleja e em 1993 foi convocado por Rudi Rodriguez para a Seleção Uruguaia Sub-17 para jogar o Sul-Americano na Colômbia. Nesse torneio ele jogou apenas 45 minutos no jogo contra a Bolívia e fez 2 gols. Terminado o torneio, começou uma disputa entre os times Nacional, Defensor, Danúbio y Peñarol para ter "El Loco" em suas divisões de base.
> Em 1996, ele participou da Copa Libertadores e marcou 6 gols. Sua equipe foi eliminada na segunda rodada contra o Universidad de Chile na disputa de pênaltis, mas o desempenho de Sebastian não passou despercebido, líderes de San Lorenzo, um dos "grandes" da Argentina, estavam interessados e ficaram impressionados com seu desempenho em partidas do campeonato Uruguaio.
> Com uma trajetória vitoriosa em vários clubes da América do Sul, América do Norte e Europa, o jogador El Loco Abreu sempre foi um vencedor e constantemente é convocado para Seleção do Uruguai, pela qual já disputou diversas competições como a Copa América de 1997, Copa América de 2007 e a Copa do Mundo FIFA de 2002. Atualmente está a apenas 1 gol de se tornar o maior goleador de sua seleção.
> Em 2010 foi contratado pelo Botafogo por dois anos, onde brilha até hoje e levou o clube a ser campeão da Taça Guanabara em jogo contra o Vasco, onde marcou o gol da vitória, e mais uma vez se mostrou também fundamental na vitória do Botafogo sobre o Flamengo na final da Taça Rio 2010 que deu o título antecipado do campeonato carioca.
> Com sua maneira de jogar esbanjando talento e irreverência conquistou o Botafogo, resgatando a autoestima dos seus torcedores e também a alegria do futebol carioca.
> Pelas razões expostas, nada mais justo que conceder a esse cidadão do mundo, que

[77] Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/2011/11/loco-abreu-recebe-o-título-de-cidadao-do-estado-do-rio-de-janeiro.html>.

> vem demonstrando sua paixão pelo Botafogo e pelo Rio de Janeiro o Título de Cidadão do Estado do Rio de Janeiro, representando nosso reconhecimento à essa dedicação, talento e alegria para o nosso futebol[78].

3.5.3 O Muro dos Ídolos de General Severiano

A Louco pelo Botafogo é uma das poucas torcidas brasileiras inspirada em parte nas tradicionais "barras bravas"[79] latino-americanas e tem como ideologia o apoio incondicional ao time fazendo festa e sem brigas.

Criado por ex-integrantes da Torcida Jovem do Botafogo, o "movimento" (como seus integrantes o autodenominam) "Loucos pelo Botafogo" estreou em uma partida do Botafogo contra a Cabofriense válida pelo Campeonato Carioca de 2006 em 22 de fevereiro daquele ano. Seus fundadores foram os amigos Pedro "Dep", Joaquim "Kjo", Carlos "Cafê", Felipe "Tuí", Dago e Petrônio, que contaram dias depois com a ajuda de Henrique "Louco", Rafael "RMK" (este líder da então torcida Copa-Fogo), Leonardo "Burns", Marcos "Kinhu" e Marcio Padilha.

Rosana da Câmara Teixeira no artigo *Movimentos populares de torcedores: que novidade é essa?* relata os depoimentos colhidos na sua pesquisa com integrantes do grupo:

> A barra brava é o que nos inspira, e a barra brava é igual a apoio incondicional. São as torcidas da América do Sul, só no Brasil que a gente tem esse nome torcida, na América do Sul são barras bravas, na Europa tem os Ultras, é diferençada a coisa, entendeu? Aqui no Rio a barra brava tem essa ideologia de apoiar o time, com a camisa do clube, cantar o tempo inteiro, em pé o tempo inteiro, faça chuva, faça sol, o time perdendo de três a zero, quatro, cinco. A gente só pegou o lado bom, que é apoiar o time como eles fazem. Então, a barra brava vem de briga, só que brava na verdade não existe, essa definição tem muito que ser revista e mudada porque de brava a gente não tem nada, são pessoas do bem, todos estudam, trabalham, têm parentes, famílias, a gente vai *pro* estádio única e exclusivamente pra torcer. Então, não chega a ser uma barra brava" (TEIXEIRA,2013).

A "barra brava" do Botafogo passaria a se tornar o segundo principal movimento de torcedores do clube em maio de 2007.

A partir de então, a Loucos pelo Botafogo passou a investir pesadamente na criação de bandeiras, músicas, caravanas, fogos de artifício, entre outros materiais, que são utilizados

---

[78] RIO DE JANEIRO (Estado). Assembleia Legislativa. Projeto de resolução n. 373 de 2011. Concede o título de cidadão do Estado do Rio de Janeiro ao ilustríssimo senhor Washington Sebastián Abreu Gallo – Loco Abreu.

[79] As barras-bravas são um tipo de torcida de futebol típico da América do Sul, caracterizada pelo incentivo permanente durante o jogo, sem parar de cantar (TRINDADE, 2010).

durante os jogos do time, tendo inclusive financiado a remodelação do Muro dos Ídolos (Figura 26).

O crescimento do movimento foi tamanho, que ele ganhou até componentes em outros estados do Brasil, como em Pernambuco, Rio Grande do Norte, Maranhão, Ceará e Bahia na região Nordeste, Tocantins na região Norte, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo na região Sudeste, Goiás, Distrito Federal e Mato Grosso do Sul na região Centro-Oeste.

A Loucos pelo Botafogo fez uma prévia da reinauguração do "Muro dos Ídolos" do Botafogo de Futebol e Regatas, painel pintado no muro em frente à sede do clube na Rua General Severiano, no bairro Botafogo, no Rio de Janeiro, onde estão retratados ídolos do clube, desde Mimi Sodré, da primeira década do século XX, passando por Didi, Garrincha e Nilton Santos, até o atual goleiro Jefferson, ao todo 33 ídolos estão imortalizados nesta homenagem.

O convidado de honra deste evento foi o Loco Abreu e, aconteceu após três anos da saída do atleta do clube, onde atuou entre janeiro de 2010 e março de 2012, revelando a intensidade desta idolatria.

Figura 26 - Muro dos Ídolos

Fonte: Jornal *O Globo*

Figura 27 - Assinando o Muro dos Ídolos

Foto: Divulgação BFR

Durante o evento, encontrei inúmeros torcedores do clube vestindo a camisa Celeste Olímpica da seleção uruguaia ou envoltos na bandeira uruguaia em homenagem ao atleta (Fotos 1 e 2, p. 15), repetindo o rito seguido durante a Copa do Mundo de 2010, onde torcedores e diretoria do Botafogo se reuniam vestindo a camisa celeste, para assistir e torcer pelo "representante do Botafogo na Copa"[80].

O Loco Abreu, à época jogando no futebol paraguaio, viajou especialmente para a reinauguração do muro, onde deixou estampada sua assinatura (Figura 27).

[80] Após a eliminação do Brasil da Copa do Mundo de 2010, vários jornais do Rio de Janeiro estampavam a notícia de que o Botafogo "seguia" na Copa, em alusão à vitória da seleção uruguaia de futebol frente a Gana, com gol de "cavadinha" do Loco Abreu, obtendo assim o direito de disputar as quartas de final. Disponível em: <http://www.blablagol.com.br/jornais-do-rio-destacam-loco-abreu-botafogo-segue-na-copa-9626>. Acesso em 02 fev. 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O objeto de estudo desta dissertação tem na sua gênesis o estranhamento que me causou ver uma torcida brasileira (que mescla pátria e futebol num só sentimento), vestindo a camisa celeste da seleção uruguaia – camisa oficial, produzida e comercializada pelo clube, para homenagear um jogador de futebol desse país que, em primeira instância, é responsável pela maior derrota esportiva e simbólica sofrida pelo Brasil. A posterior derrota contra a Alemanha na Copa do Mundo de 2014, apesar do expressivo placar (7 a 1), não tem o mesmo valor simbólico, não era válida pela final de uma Copa do Mundo e aconteceu num outro contexto esportivo: em 2014 a seleção brasileira já era pentacampeão Mundial, situação diferente a 1950 quando ainda tinha o anseio do seu primeiro título em nível mundial e o Uruguai possuía três títulos (duas olimpíadas e uma Copa do Mundo).

Também acontece num outro cenário sócio político: o Brasil procurava o reconhecimento internacional como uma nação civilizada, como uma democracia racial e capaz de realizar e ganhar com lisura um evento da magnitude de um campeonato do mundo.

A conotação de "drama social" e o sentimento frustração não se repetem em 2014, a possibilidade de perder era uma realidade que, em 1950 nem o mais pessimista cogitava.

A hipótese principal que norteou a minha pesquisa é a de que o processo de construção da idolatria ao Loco Abreu foi uma elaboração em parte planejada pelo atleta com a anuência do Clube, tendo o jornalismo esportivo carioca como pivô, por se tratar de um elemento "rival" ao clube, como a maioria dos torcedores acredita, e era de conhecimento do Loco Abreu, prévio à sua contratação.

Elementos como o fato de ter estudado a fundo a história e os mitos de origem do clube, a idiossincrasia da torcida, seus maiores rivais (a Fla-press, ou a imprensa esportiva carioca segundo os torcedores, e o Clube de Regatas do Flamengo) e seus anseios, deram ao Loco Abreu um *handcap* e lhe indicaram o caminho à idolatria. Fundamentalmente aliou a este conhecimento seu desempenho em campo com dedicação e demonstrações de ter se identificado plenamente com a torcida.

Alguns acontecimentos têm forte evidência de terem sido programados como estratégia de marketing, entre eles: Zagallo que nunca jogou com a camisa 13, ter entregue a camisa ao Loco na sua chegada e ter estreado exatamente no dia da inauguração da estátua do ídolo Garrincha no Engenhão.

Outros eventos, estes na categoria "felizes coincidências" como ter disputado a final do

Campeonato Carioca de 2010 contra o maior rival e ter tido a oportunidade de decidir justamente num pênalti contra o goleiro que tinha eliminado o Botafogo nas últimas três decisões (em duas delas agarrando quatro pênaltis). Este gol ganhou magnitude, por ter sido contra Bruno, mas se tornou antológico devido à forma como foi executado. Meses mais tarde se tornaria inesquecível devido ao Loco Abreu ter repetido a mesma execução numa partida da Copa do Mundo de 2010 na África do Sul, contra Gana, obtendo o passaporte para as quartas de final, na partida mais dramática da Copa.

Este gol, levou a diretoria e ao departamento de Marketing do Botafogo a produzir e comercializar a réplica da camisa da seleção uruguaia com o escudo do Botafogo em homenagem ao Loco Abreu.

Além do desempenho em campo, da ativa participação da torcida e do Clube nesta relação, fatores produzidos pelo Loco Abreu cimentaram ainda mais a idolatria e reforçaram sua identidade com o clube. Uma delas foi a sua relação de contestação constante com a imprensa carioca.

Outros dois momentos importantes nessa idolatria, como ter comemorado a Copa América de 2011, ganha por Uruguai, enrolado na Bandeira do Botafogo e ter respondido as provocações da torcida do Flamengo, quando atuava pelo Figueirense, mostrando o escudo do Botafogo na camisa que usa por baixo do uniforme oficial.

Estes dois atos, fizeram com que a torcida "Loucos pelo Botafogo" reinaugurasse o Muro dos Ídolos, justamente no dia 13 de novembro de 2015, e chamasse o Loco Abreu como convidado de honra para estampar seu autógrafo na sua figura. Quando finalizava esta dissertação, em dezembro de 2016, o Loco mais uma vez fez demonstrações públicas de sua identificação com o clube, festejou o Campeonato de El Salvador, ganho pelo Santa Tecla, enrolado na Bandeira do Botafogo.

A primeira hipótese, de autoconstrução desta idolatria, envolvia uma segunda que era não reconhecer na imprensa carioca o papel de tutelar e legitimar o processo de construção de ídolos e heróis que vários autores das Ciências Sociais atribuem à imprensa esportiva.

Não consegui identificar no caso específico deste trabalho, esse protagonismo na construção desta idolatria. Ao contrário, revelou-me a deontologia de uma imprensa parcial, produtora de um discurso autoritário que não admite contestação. Responde a interesses comerciais: a busca incessante pela audiência e, consequentemente pelo patrocínio publicitário, em detrimento da informação, incluída nesta a análise imparcial dos fatos.

A maioria dos conflitos envolvendo a imprensa esportiva carioca e Loco Abreu aconteceram em entrevistas ao vivo no campo de jogo e não foram reproduzidos na imprensa

escrita, esta tarefa ficou a cargo dos blogueiros e dos comentários dos aficionados na internet.

O perfil sociocultural do atleta discrepa sob vários aspectos do perfil do ídolo e ou herói brasileiros. O estilo de futebol que pratica em campo, em nada lembra o futebol "arte" apreciado por quase a totalidade dos aficionados brasileiros, e sua postura perante a imprensa esportiva em nada lembra a submissão à esta dedicada, pela grande maioria dos jogadores profissionais brasileiros. Quiçá por esta razão tenha sido incluído na categoria "politicamente incorreto" desde o início de sua contratação, estereótipo que não se repete na imprensa uruguaia ou argentina.

Devo esclarecer que o termo "autoconstrução" não está grafado com a intenção de retirar toda a naturalidade e acasos que esta idolatria carrega.

A sua postura "rebelde" ou "politicamente incorreta" segundo a imprensa esportiva carioca (Fla-press para os torcedores do Botafogo) tirou da mesma o protagonismo de mediador, as respostas do Loco Abreu invariavelmente mudavam a pauta sugerida na pergunta inicial, reservando à imprensa a função única de testemunhar e registrar esta idolatria. Sem dúvida, o registro por parte da mídia audiovisual dos conflitos gerados pelo Loco Abreu, ajudaram a dar mais visibilidade, reforçando essa idolatria. O seu desempenho em campo é fator preponderante na construção desta idolatria e a sua discrição fora dele sonega combustível à imprensa.

Devo justificar que essa postura rebelde é a de um profissional (também jornalista) vindo de uma outra escola, com ampla trajetória internacional, que não tem medo de se expor e contestar argumentos que lhe parecem autoritários ou fora de contexto, em contraste com a maioria dos jogadores brasileiros que amordaçados por "assessores de imprensa" e em alguns casos pela ignorância ou pelo medo, não se manifestam, se colocam ou contestam o discurso autorizado da imprensa carioca.

O cenário global em que esta idolatria se desenvolve, com a espetacularização e globalização do esporte, aliados a crise de representação da seleção brasileira nas últimas duas décadas (formada por "estrangeiros", no sentido de Simoni Guedes) não seria ao meu ver um fato determinante.

Todos os jogadores estrangeiros, ídolos ou não, contratados nas últimas décadas estão sujeitos ao mesmo contexto, sem no entanto, ter alcançado uma idolatria de tal magnitude.

No mesmo conceito, seria difícil reconhecer ou tentar justificar que essa mesma imprensa teve o papel de mediar (e não exclusivamente testemunhar e registrar).

A autoconstrução da idolatria do Loco Abreu, (um jogador "politicamente incorreto", que domina a autopromoção) se dá a partir de dois enfoques: seu desempenho incontestável em campo, e sua "rebeldia" com a imprensa, cenário onde sempre manipulou respostas que

iluminaram os vícios e defeitos de uma imprensa esportiva parcial, expondo ao ridículo, em várias oportunidades, seus representantes, como documentado nesta dissertação, no capítulo dedicado à sua relação com a imprensa.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, B.; Di BLASI, F.; SANTORO, M. A "camisa 10 do futebol". *Esporte e Sociedade*, ano 2, n.6, Jul.2007/Out.2007

ALABARCES, P. Fútbol y Patria: el fútbol y (la invención de) las narrativas nacionales en la Argentina del siglo XX. Papeles del CEIC, *Bizkaia*, v. 2006/1, papel n. 25, 2006.

ALBERTI, V. *A vocação totalizante da história oral e o exemplo da formação do acervo de entrevistas do CPDOC*. In: INTERNATIONAL ORAL HISTORY CONFERENCE, Rio de Janeiro, n. 10, 1998.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTEZANA, L. *Futbol: espectáculo e identidade*, In: ALABARCES, P. *Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003.

ARCHETTI, Eduardo. *Masculinidades: futbol, tango y polo en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Antropofagia, 2003.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1988.

BARROS, Antônio Teixeira de; TARGINO, Maria das Graças. *Análise de conteúdo como método qualitativo na pesquisa em Comunicação*. Brasília, 2000. Mimeografado.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRASIL. *Código Brasileiro de Justiça Desportiva*. Resolução CNE n. 29. Altera dispositivos do Código Brasileiro de Justiça Desportiva. Brasília: Conselho Nacional dos Esportes, 2009.

CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

_____. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix, 1995.

CABO, Álvaro; HELAL, Ronaldo. *A marca de uma derrota: jornalismo esportivo e a construção do Maracanazo.* In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais*: interações. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.

COSTA, Leda *A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da Seleção Brasileira em Copas do Mundo*. Tese (Doutorado) - Instituto de Letras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

_____. Futebol folhetinizado: a imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia. *Logos 33*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 65-77, 2010.

DAMATTA, Roberto (org). *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio Janeiro: Pinakotheke, 1982.

_____. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979

DAMO, Arlei Sander. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense e seus torcedores. 1998*. 240 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

_____. *Futebol e estética. São Paulo em perspectiva*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 82-91, 2001.

_____. *Do dom à profissão*: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França, 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DAOLIO, J. (Org). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005

FERNANDEZ, Renato Lanna. *O jogo da distinção: C. A. Paulistano e Fluminense F. C.*: um estudo das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1902-1933). Tese (Doutorado em História Política e Bens Culturais e Projetos) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2016.

FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

FLORENZANO, J. P. *A democracia Corinthiana*: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: Educ, 2009.

FONSECA, J. *Análise de Conteúdo*. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.) *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*: formação da família brasileira sob o regime patriarcal. Recife: Global Editora, 2003.

_____. Prefácio. In: FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

GALEANO, Eduardo. *El Fútbol a sol y sombra*, Madrid: Siglo XXI, 1995.

GALLO, Washington Sebastián Abreu (Loco Abreu). *Entrevista* [março de 2016]. Entrevistador: Juan José Peryra Silvera. Montevidéu: 2016. Arquivo do autor.

GASKELL, George (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GASTALDO, Édison. Um Tempo para jogar: o 'ser Brasileiro' na Publicidade da Copa do Mundo de 1998. *Campos – Revista de Antropologia da UFPR*. Curitiba, v. 1, p. 123-146, 2001.

GRANJA, A. *A utilização da memória pelo marketing de clubes de futebol*. (Dissertação) Mestrado. Universidade Nove de Julho. (2015)..

GUEDES, Simoni Lahud. Malandros, caxias e estrangeiros no futebol: de heróis e anti-heróis. In: GOMES; BARBOSA; DRUMMOND (orgs.). *O Brasil não é para principiantes*: Carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

_____. *Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro*." *Esporte e Sociedade* 6.16 (2010): 2011.

GIGLIO, S. S. *Futebol: mitos, ídolos e heróis*. 2007, 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

GIULIANOTTI, R. *Sociologia do Futebol:* Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HALL, Stuart. *Sin Garantias*: *Trayectórias y problemáticas en Estudios Culturais*. Popauán: Envión, 2010.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HELAL, R.; MARQUES, R. G.; CABO, A. Idolatria nos Jogos Pan-Americanos de 2007: uma análise do jornalismo esportivo. *Revista Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 33-43, 2009.

HELAL, R.; MURAD, M. Alegria do Povo e Don Diego: reflexões sobre o êxtase e a agonia de heróis do futebol. *Pesquisa de Campo*, Rio de Janeiro, n. 1, 1995.

HELAL, R.; CABO, A. do; SILVA, C. Pra frente Brasil! Comunicação e identidade brasileira em Copas do Mundo. *Esporte e Sociedade***.** Ano 5, n. 13, p. 0121, nov. 2009/fev. 2010.

HELAL, R.; COELHO. Mídia, Idolatria e Construção da Imagem Pública: um estudo de

caso. *Pesquisa de Campo: Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*, v. 3, n. 4, p. 79-88, 1996.

HELAL, R. Mídia, Construção da Derrota e O Mito do Herói. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998.

HELAL, R. Cultura e idolatria: ilusão, consumo e fantasia. In: ROCHA, E. (org). *Cultura e imaginário*. RJ, Mauad, 1998.

_____. As Idealizações do Sucesso no Imaginário Brasileiro. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 38-42, 1999.

_____. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. *Alceu*, Rio de Janeiro, v.4, n.7, p. 19-36, 2003.

_____. Alegria do Povo e Don Diego: reflexões sobre o êxtase e a agonia de heróis do futebol. *Pesquisa de Campo*, Rio de Janeiro, n. 1, 1995.

_____. Comunicação, Futebol e Cidade. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 5-7, 1997.

_____. Como "eles" nos vêem: futebol brasileiro e imprensa argentina. *Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 69-82, 2005.

_____. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998.

_____. Mídia, Ídolos e Heróis do Futebol. *Revista de Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física*, v. 2, CEFD/UFSM, 1999.

_____. Idolatria e Malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário. *Intercom*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 24-39, 2003.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO DESPORTIVO. *Código Brasileiro de Justiça Desportiva*. São Paulo : IOB, 2010.

KRIPPENDORFF, Klaus, *Metodologia de análisis de contenido*, Barcelona: Paidos, 1990.

LE GOFF, Jacques. *Memória.* In: ENCICLOPÉDIA. *Einaldi v. 1:* Memória – História. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

_____. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEVER, Janet. *A Loucura do Futebol*. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1983.

LOVISOLO, Hugo. *Tédio e espetáculo esportivo*. In: ALABARCES, P. *Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003.

LOZANO, José Carlos. Hacia la reconsideración del análisis de contenido en la investigación de los mensajes comunicacionales. In: RUIZ, Enrique Sánchez; BARBA, Cecilia Cervantes (Org.). *Investigar la comunicación: propuestas ibero-americanas*. Guadalajara: Alaic, p. 135-157, 1994.

MATTOS, Claudia. *Cem anos de paixão*: uma mitologia carioca no futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MELO, Victor Andrade de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MELO, Victor Andrade de Melo (Orgs.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. Rio de Janeiro*: 7 Letras, p. 21-51, 2012.

MERCIO, R. *A história dos Campeonats Cariocas de Futebol*. Rio de Janeiro: FERJ, 1985.

MORATO, M. P. Dinâmica da rivalidade entre pontepretanos e bugrinos. In: DAOLIO, J. (Org). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005.

PERDIGÃO, P. *Anatomia de uma derrota*. Porto Alegre: L & PM, 1986.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTO, R. *Botafogo. 101 anos de história, mitos e superstições*. Rio de Janeiro: Revan: 2005.

RIAL, C. Rodar: A circulação dos jogadores de futebol. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 14, n. 30 p.21-65, 2008.

RIO DE JANEIRO (Estado). Assembleia Legislativa. *Projeto de resolução n. 373 de 2011*. Concede o título de cidadão do Estado do Rio de Janeiro ao ilustríssimo senhor Washington Sebastián Abreu Gallo – Loco Abreu.

RIO DE JANEIRO (Estado). *Regimento Interno da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Resolução n. 810*. Dispõe sobre o Regimento Interno da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, 1997.

RIO DE JANEIRO (Município). Câmara dos Deputados do Município do Rio de Janeiro.

Projeto de Decreto Legislativo n. 174 de 2011. Concede o título de Cidadão Honorário do Município do Rio de Janeiro a Washington Sebastián Abreu Gallo.

RIO DE JANEIRO (Município). *Decreto n. 23.057 de 26 de junho de 2003*. Dá nome ao Estádio Olímpico do Engenho de Dentro.

RUBIO, K. *O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SOARES. A. J.; LOVISOLO, H. (orgs.) *A invenção do país do futebol*: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.CITAR

SOARES, A. J.; HELAL, R.; SANTORO, M. A. Futebol, imprensa e memória. *Fronteiras-estudos midiáticos*, São Paulo, v. *6, n.* 1, p. 61-78, 2004.

SOUTO, S. *Imprensa e memória da Copa de 50*: a glória e a tragédia de Barbosa. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2001.

TOLEDO, L. H. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2002.

TRINDADE, I. *Entre a Fúria e a Loucura*: Análise de duas formas de torcer pelo Botafogo Futebol e Regatas. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

VOGEL, A. O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, R. (org). *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

YONNET, Paul. *Sistèmes des sports.* Paris: Gallimard, 1988.